

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO SOCIOECONÔMICO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA ADMINISTRAÇÃO**

Gabriela Campos Calazans Ribeiro
Renan Rodrigues Dutra

**DIVERSIDADE DE GÊNERO:
Um estudo sobre a violência simbólica sofrida por profissionais homossexuais
masculinos nas organizações**

Florianópolis
2020

Gabriela Campos Calazans Ribeiro
Renan Rodrigues Dutra

DIVERSIDADE DE GÊNERO:

**Um estudo sobre a violência simbólica sofrida por profissionais homossexuais
masculinos nas organizações**

Trabalho de Curso apresentado à disciplina CAD 7305
como requisito parcial para obtenção do grau de
Bacharel em Administração pela Universidade Federal
de Santa Catarina.

Enfoque: Monográfico

Área de concentração: Gênero e Organizações

Orientador (a): Prof. Dra. Helena Kuerten De Salles
Uglione

Florianópolis
2020

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Ribeiro, Gabriela Campos Calazans

Diversidade de gênero : um estudo sobre a violência simbólica sofrida por profissionais homossexuais masculinos nas organizações / Gabriela Campos Calazans Ribeiro, Renan Rodrigues Dutra ; orientadora, Helena Kuerten de Salles Uglione, 2020.

134 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Sócio
Econômico, Graduação em Administração, Florianópolis, 2020.

Inclui referências.

1. Administração. 2. Gênero. 3. Homossexualidade. 4. Violência simbólica. 5. Organizações. I. Dutra, Renan Rodrigues. II. Uglione, Helena Kuerten de Salles. III. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Administração. IV. Título.

**DIVERSIDADE DE GÊNERO: Um estudo sobre a violência simbólica sofrida por
profissionais homossexuais masculinos nas organizações**

Este Trabalho de Curso foi julgado adequado e aprovado na sua forma final pela
Coordenadoria Trabalho de Curso do Departamento de Ciências da Administração da
Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 20 de novembro de 2020.

Prof^ª. Helena Kuerten de Salles Uglione, Dra.
Coordenadora de Trabalho de Curso

Avaliadores:

Prof^ª. Helena Kuerten de Salles Uglione, Dra.
Orientadora
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof^ª. Rebeca de Moraes Ribeiro de Barcellos, Dra.
Avaliadora
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof^º. Raphael Schlickmann, Dr.
Avaliador
Universidade Federal de Santa Catarina

Dedicamos esse trabalho a todas as pessoas LGBTs que sofrem todo e qualquer tipo de violência por conta da sua orientação sexual.

AGRADECIMENTOS

Inicialmente, gostaríamos de agradecer à Prof.^a Helena Uglione, por aceitar ser nossa orientadora, compartilhando seu amplo conhecimento e sabedoria na temática abordada, sempre com muita dedicação e comprometimento, nos proporcionando total satisfação na construção do trabalho.

À Ana Maria Campos, mãe da Gabriela, e Suzana Dutra e Milton Weigel, pais do Renan, por todo apoio, apreço e incentivo no decorrer dessa trajetória.

Ao Guilherme May, namorado do Renan, pelo carinho, companheirismo e torcida.

Ao Rafael Araújo, namorado da Gabriela, pelo afeto e paciência, bem como pela motivação e admiração, as quais contribuíram para o alcance dos objetivos nessa nova etapa da vida.

Aos entrevistados, por dedicarem seu tempo, dividindo suas experiências e vivências profissionais.

À Bianca Dutra, Marina Wolfenbüttel e Marília Medeiros, por nos ajudarem, por meio de suas redes de contatos, a encontrar os últimos entrevistados do estudo.

À Universidade Federal de Santa Catarina, por dispor de um ensino público de qualidade e uma formação acadêmica de excelência, fundamental para a carreira profissional de um administrador.

“Pessoas LGBTs não crescem sendo elas mesmas. Crescem sacrificando e limitando suas espontaneidades para minimizar humilhações e preconceitos. Nosso maior desafio da vida adulta é escolher quais partes de nós são o que somos de verdade e quais criamos para nos proteger do mundo”.

(Alexandre Leon, 2020)

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo compreender a violência simbólica a partir da percepção e das vivências de homossexuais masculinos nos ambientes organizacionais. Para tanto, realizou-se um estudo de caso com o propósito de obter informações acerca da experiência desses profissionais nas organizações com o tema da violência simbólica. A abordagem da pesquisa é de caráter qualitativo, pois pretendeu-se entender essa violência por meio de entrevistas, compreendendo e interpretando, portanto, as vivências dos sujeitos nas organizações em que atuaram. A coleta de dados procedeu-se mediante entrevistas semiestruturadas com 12 profissionais homossexuais masculinos e com no mínimo cinco anos de experiência profissional, a julgar que com esse período de vivência no mercado de trabalho seja mais provável que os sujeitos tenham experiência suficiente para refletir sobre as ocorrências de violência simbólica. Os relatos foram apreciados por meio da técnica de análise interpretativa, visando a um juízo crítico sobre as experiências dos entrevistados nos espaços organizacionais. Por meio da análise de dados, foi possível observar que os participantes, por estarem inseridos em ambientes de trabalho heteronormativos, omitiam ou tinham dificuldades em assumir a sua sexualidade, além de se sentirem julgados e com medo de se expor. Ademais, os entrevistados eram alvos frequentes de piadas homofóbicas, olhares e risos, denotando, dessa forma, a discriminação e o preconceito nas organizações em que atuavam. Sendo assim, observou-se as categorias heteronormatividade, dominação masculina, medo, julgamento e humilhação na análise das entrevistas. O trabalho é concluído com algumas reflexões que visam a contribuir para as relações de trabalho nos ambientes organizacionais.

Palavras-chave: Homossexualidade. Violência Simbólica. Organizações.

ABSTRACT

This research aims to understand symbolic violence based on the perception and experiences of male homosexuals in organizational environments. A case study was then carried out in order to obtain information about the experience of these professionals in organizations in regard to symbolic violence. The research had a qualitative approach, because it was intended to comprehend this type of violence through interviews, which enabled us to understand and interpret the experiences of the subjects in the organizations in which they worked. The data collection was carried out through semi-structured interviews with 12 male homosexual professionals with at least five years of professional experience, judging that with this period of experience in the labor market it is more likely that they have enough experience to reflect on possible occurrences of symbolic violence. The reports were examined through the technique of interpretative analysis, aiming at a critical judgment on the experiences of the interviewees in organizational spaces. Through data analysis, it was possible to observe that the participants, because they were inserted in heteronormative work environments, omitted or had difficulties assuming their sexuality, besides feeling judged and afraid to expose themselves. Furthermore, the interviewees were frequent targets of homophobic jokes, looks and laughter, which denote discrimination and prejudice in the organizations where they worked. Thus, the categories of heteronormativity, male domination, fear, judgment, and humiliation were observed in the analysis of the interviews. The research is concluded with some reflections that aim to contribute to work relations in organizational environments.

Keywords: Homosexuality. Symbolic Violence. Organizations.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Perfil dos Entrevistados.....	52
---	-----------

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABGLT - Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Travestis e Transexuais

AIDS - *Acquired Immunodeficiency Syndrome* (Síndrome de Imunodeficiência Adquirida)

HIV - *Human Immunodeficiency Virus* (Vírus da Imunodeficiência Humana)

LGBT - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais

RH - Recursos Humanos

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
1.1 OBJETIVO GERAL	16
1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	16
1.3 JUSTIFICATIVA.....	17
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	19
2.1 GÊNERO.....	19
2.1.1 Movimento Feminista.....	23
2.1.2 Movimento LGBT	27
2.1.3 Diversidade de Gênero	31
2.1.4 Identidade de Gênero	35
2.1.5 Orientação Sexual.....	37
2.2 VIOLÊNCIA SIMBÓLICA	39
2.3 VIOLÊNCIA SIMBÓLICA, HOMOSSEXUALIDADE E ORGANIZAÇÕES	43
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	50
3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA.....	50
3.2 COLETA DE DADOS	51
3.3 ANÁLISE DE DADOS.....	54
4 RESULTADOS	56
4.1 HETERONORMATIVIDADE	56
4.2 DOMINAÇÃO MASCULINA	61
4.3 JULGAMENTO	65
4.4 MEDO	70
4.5 HUMILHAÇÃO.....	74
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	77
REFERÊNCIAS.....	80
APÊNDICE I – Roteiro de Entrevista	92
APÊNDICE II – Transcrição das Entrevistas.....	94
ANEXO I – História dos Ativistas.....	131

1 INTRODUÇÃO

No tocante aos diversos significados de gênero, os estudos acerca dessa temática vêm se modificando ao longo da história, dada a existência de uma linha tênue entre a construção social dos indivíduos e a biologia dos corpos os quais habitam. Ao defender tal teoria, Bruschini *et al.* (1998, p. 89) afirmam que o conceito de gênero evidencia-se pelo “princípio que transforma as diferenças biológicas entre os sexos em desigualdades sociais, estruturando a sociedade sobre a assimetria das relações entre homens e mulheres”. De acordo com as autoras, o termo “gênero” deve ser referenciado em um contexto de ordem social ou cultural, em distinção ao sexo, cuja ordem sugere uma natureza biológica.

O gênero, atribuído às relações sociais, concerne elos desiguais entre homens e mulheres frutos de uma construção social de poder mediante divisão binária dos sexos. Partindo desse pressuposto, se conduz a essência natural das relações de gênero a partir do meio social onde estão inseridos os indivíduos, oriundas de discursos normativos que constituem a diferença sexual (BOGEA, 2018).

A diferenciação da sexualidade limita o sujeito ao primado genital, uma vez que determina as singularidades dos gêneros apenas pelas características físicas. Sob a ótica de Guimarães (2005), os aspectos historicamente e socialmente produzidos que divergem os indivíduos pela anatomia humana contemplam as representações associadas à hegemonia da heterossexualidade, de modo a se sobrepor a homossexualidade.

Diante da supremacia da heterossexualidade como uma norma social, torna-se imprescindível salientar que, conforme Souza e Pereira (2013, p. 81-82), a naturalização dessa matriz “[...] reifica a ideia de que qualquer comportamento que fuja do padrão heterossexual acaba provocando uma problematização sobre o próprio modelo, devendo ser coibido, pois põe em risco a harmonia dos papéis sociais definidos em função do gênero [...]”. Logo, à margem social, todo o questionamento que contraponha o caráter natural e normal instituído pela sociedade será conduzido a um estereótipo discriminatório e marginalizado, o qual julga como anormal as múltiplas sexualidades.

Compulsoriamente, a heterossexualidade reproduz diretrizes heteronormativas que reforçam as divergências entre os gêneros com base nos papéis sociais dos indivíduos, pondo em níveis patológicos qualquer conduta considerada inaceitável aos padrões de normalidade

previamente estabelecidos. À luz desse relato, a heteronormatividade estimula a prática discursiva entre o sexo e o gênero que rotula o homem homossexual como uma espécie de “não homem”, visto que o seu desejo pela norma não se configura, contestando a heterossexualidade compulsória ao desestabilizar o aspecto subjetivo imposto a uma masculinidade pré-determinada pela estrutura fisiológica dos corpos (SWAIN, 2007).

Vale ressaltar que, enquanto normativa, a heterossexualização dos papéis de gênero regulamenta a dicotomia sexual, as quais decorrem da lógica binária, atitudes esperadas para homens e mulheres. Arriola (1994, p. 400) alude que “[...] a aversão heterossexual à sexualidade do mesmo sexo baseia-se assim, em grande parte, na percepção de que qualquer atividade sexual exige papéis dominantes e passivos [...]”. Para a autora, papéis de gênero inversos ao sexo biológico ameaçam opiniões tradicionais de subordinação de mulheres a homens, bem como de homossexuais a heterossexuais.

De fato, ao passo que a subordinação das mulheres perpetua um caráter histórico opressor, a consolidação da heterossexualidade acompanha a rejeição da homossexualidade, marcadas nas últimas décadas por reivindicações e manifestações em prol de direitos civis, sociais e políticos de grupos minoritários, protagonizado inicialmente pelo movimento feminista. Nessa vertente, Pedro e Guedes (2010) citam que a luta feminina traz importantes conquistas não só para as mulheres, mas também para as questões de gênero, pautadas em um ideário igualitário.

Em virtude do encadeamento de princípios equitativos, surge do movimento feminista o movimento LGBT, o qual se assemelha à trajetória do feminismo na medida em que busca problematizar normas hegemônicas reputadas como naturais e imutáveis. A conjuntura dos movimentos revela desigualdades sociais e sexuais, debatendo de maneira pública assuntos como igualdade de direitos, reconhecimento social e liberdade sexual (SILVA; CAMPOS, 2014).

O movimento homossexual trouxe diversas indagações que tinham como propósito a desconstrução de um determinismo biológico caracterizado por justificar a permanência da desigualdade entre os sexos. No entanto, em meados de 1980 foi anunciado um marco na história da mobilização LGBT, pois neste período se originava a epidemia do vírus da AIDS. Segundo Vianna e Nascimento (2013, p. 242) a “visão predominante não era a de que o vírus pudesse atingir quaisquer homens e mulheres sexualmente ativos, usuários de drogas

injetáveis, hemofílicos etc., e sim de que a Aids era uma doença de gays [...]”. As pesquisadoras alegam que a chamada “peste gay” figura um estigma discriminatório, em razão da disseminação da doença estar diretamente vinculada a indivíduos homossexuais e de essa sexualidade ser apontada como desviante.

A imagem de uma sexualidade desviante indica um contexto desigual, tanto no que diz respeito ao sexo binário quanto aos inúmeros gêneros existentes, culminando ainda mais para inibição das diversidades de gênero. Por este ângulo, Carvalho (2011) destaca a emergência de uma corrente teórica denominada como *queer*, a qual impugna a norma social heterossexual estabelecida e ampara a diversidade encontrada nas práticas sexuais não normativas, defendendo todo indivíduo marginalizado por uma orientação sexualmente condenada.

No mérito da abordagem sexual, a identidade de gênero e a orientação sexual se diferenciam, posto que primeira representa a percepção do indivíduo quanto a si próprio e a outra se refere a uma atração ou ligação afetiva, independente do sexo biológico. Legitimamente, os sujeitos identificados pelo gênero podem se interessar por sexos opostos, pelo mesmo sexo ou, ainda, por ambos (JESUS *et al.*, 2008). Já, aos orientados sexualmente, compete o desejo espontâneo por indivíduos opostos ou não, baseado em uma atração física ou amorosa (ALTMANN, 2003). Dessa forma, a homossexualidade se define como uma orientação sexual, por envolver relações homoafetivas.

Passível de atos discriminatórios, a homossexualidade compõe as sexualidades vulneráveis ao construto social que delimita o lugar do indivíduo fundado na condição assumida pela anatomia humana, os quais exercem violências que não deixam marcas visíveis, mas que também ferem. Na análise de Salvini *et al.* (2012, p. 405), a violência simbólica “[...] evoca o que é legítimo e aceitável por meio de imposições tácitas [...]”, propondo “[...] reconhecimento e aceitação do que é legítimo para um campo em específico [...]”, não praticado da mesma forma ao outro.

Com ênfase na violência simbólica, procura-se aprofundar no conceito do sociólogo francês Pierre Bourdieu (2012) que concede a esta violência, um ato sutil, oculto e imperceptível, muitas vezes, aos olhos da vítima, a julgar pelo viés simbólico. O pensador infere que cabe à violência simbólica, a relação de dominação e submissão entre o masculino e o feminino, transposta ao heterossexual e ao homossexual, sendo ocupante da posição de dominado o sujeito homossexual, posição esta conferida anteriormente à mulher.

O âmbito organizacional, como um espaço social, pode repercutir comportamentos e atitudes normalizadas na sociedade, embora discriminatórias. À mercê da heteronormatividade, as organizações são capazes de se tornar ambientes excludentes por disporem de estruturas dominantes, as quais replicam ações preconceituosas a grupos historicamente categorizados como minoritários (ALVES; GALEÃO-SILVA, 2004).

Sabe-se que a herança histórica sexual ainda provoca muitos reflexos no meio de convívio dos indivíduos, principalmente quando atrelada a fatores de diferenciação social e cultural de homens e mulheres. Portanto, para este argumento, recorre a importância de adentrar as questões de gênero, desconstruindo imagens de sexualidades marginalizadas em uma sociedade que tende a inferiorizar os sujeitos cuja expectativa não cumpre os padrões heteronormativos socialmente idealizados. Assim sendo, o exposto estudo visa responder tal questionamento: qual a percepção de homossexuais masculinos em relação a violência simbólica nos ambientes organizacionais?

1.1 OBJETIVO GERAL

O referido trabalho tem como objetivo geral compreender a violência simbólica nos ambientes organizacionais, na percepção de homossexuais masculinos.

1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Tendo em vista o alcance do objetivo geral da pesquisa, estabelecem-se os seguintes objetivos específicos:

- a) contextualizar a homossexualidade nas organizações;
- b) identificar narrativas de homens homossexuais sobre suas vivências em seus ambientes de trabalho;
- c) retratar a violência simbólica enfrentada por profissionais homossexuais masculinos.

1.3 JUSTIFICATIVA

A interface entre o gênero o sexo biológico apresenta um ideal social e cultural quando inserida na historicidade da sociedade. Tal declaração se faz presente visto que, com o avanço das descobertas de diversas sexualidades, pôde-se compreender que, conforme Louro (1997, p. 27), “[...] as identidades são sempre construídas, elas não são dadas ou acabadas num determinado momento”. Na visão da autora, cada indivíduo constrói masculinidades e feminilidades, sem que a anatomia corporal interfira na escolha, e sim, a sua própria percepção. Contudo, esta monografia torna-se relevante na medida em que a individualidade sexual dos seres humanos não deve ser estigmatizada a um papel heterossexual, dado como normal, pois não compete ao outro a ideia de como o indivíduo se vê.

O estigma heterossexual normativo se traduz, muitas vezes, em discriminações e preconceitos com manifestações nem sempre físicas, mas simbólicas, que se justificam pelo antagonismo da orientação sexual biologicamente natural. Junto a essa alegação, tem-se o fato de que os espaços sociais intervêm nas relações humanas, como é o caso do ambiente organizacional. Prova disso é que uma pesquisa realizada em 2017 no Brasil pela empresa de consultoria norte-americana Out Now, especializada no segmento LGBT, apontou que 65% dos homossexuais masculinos já testemunharam episódios homofóbicos no meio profissional, bem como que 50% já sofreram assédio verbal. Com o título de “Brazil 2017 Report – Out Now Global LGBT2030 Study”, o levantamento contou com a entrevista de aproximadamente quatro mil homossexuais e teve o apoio do aplicativo de relacionamentos Hornet (OUT NOW, 2017).

Destarte, este estudo fundamenta-se na importância de retratar as violências silenciosas, veladas e sutis, consideradas simbólicas, contra homossexuais masculinos nas organizações, uma vez que toda e qualquer tipo de violência, ainda que sem marcas aparentes, conduz o indivíduo à margem social de estereótipos excludentes e difamatórios, podendo causar-lhe danos psicológicos irreversíveis.

No que tange às contribuições teóricas do trabalho, referindo-se à violência simbólica com homossexuais nas organizações, há a necessidade de construção de um senso crítico acerca dessa temática, de modo que, para Monteiro *et al.* (2019), este senso coloca à prova discussões adquiridas ao longo da vida derivadas do senso comum, o qual tem a capacidade

de cristalizar preconceitos com base na interpretação de um legado histórico dos fatos, sem nenhum embasamento científico. Sobretudo, cabe ao senso crítico o questionamento do que é imposto e normativo mediante argumentações teóricas, reais e científicas.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O presente capítulo descreve o aporte teórico utilizado no desenvolvimento da monografia de modo a servir como insumo para sua elaboração a partir da compreensão das seguintes temáticas: gênero, movimento feminista, movimento LGBT, diversidade de gênero, identidade de gênero, orientação sexual, violência simbólica, tal como a relação entre violência simbólica, homossexualidade e organizações.

2.1 GÊNERO

Entende-se por gênero as construções sociais previamente estabelecidas entre homens e mulheres, nas quais ambos representam a realidade social e não a anatomia de seus corpos. Nessa perspectiva, Scott (1995) afirma que o gênero indica as construções sociais, mediante a criação de ideias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres, referindo-se às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas das partes.

Com uma linguagem paradoxal, Teresa de Lauretis propõe que a construção de gênero seja igualmente concebida por meio da sua desconstrução, de modo que esta não seria somente o efeito da sua representação, mas sim do seu excesso (LAURETIS, 1994). Para a escritora, o excesso corresponde à existência do gênero não só como uma propriedade do corpo, mas também como um conjunto de particularidades produzidas nos corpos, remetendo à desconstrução de significados culturais construídos historicamente apenas pela leitura biológica dos sexos.

Todavia, no que tange às características socialmente atribuídas a cada gênero, correspondendo não só ao homem e mulher ou masculino e feminino, mas às diversas formas de masculinidades e feminilidades, Louro (2003) argumenta que o gênero remete às construções sociais, históricas, culturais e políticas que envolvem processos de configuração de identidades, definições de papéis e funções sociais, construções e desconstruções de representações e imagens, diferentes distribuições de recursos e de poder, estabelecimento e alteração de hierarquias entre os que são socialmente definidos como homens e mulheres, na trajetória da sociedade.

Na dinâmica das relações sociais, a construção de gênero faz com que os seres humanos só se definam como tais quando em conexão com os outros. Dessa forma, Heleieth Saffioti considera que estes relacionamentos não são percebidos apenas pela composição dos corpos, mas sim pela

[...] totalidade formada pelo corpo, pelo intelecto, pela emoção, pelo caráter do EU, que entra em relação com o outro. Cada ser humano é a história de suas relações sociais, perpassadas por antagonismos e contradições de gênero, classe, raça/etnia. (SAFFIOTI, 1992, p. 210).

Não obstante, ao considerar o gênero como a diferença socialmente construída entre homens e mulheres, torna-se necessária a distinção entre “gênero” e “sexo”, sendo o sexo determinado pelo aspecto físico e biológico o qual se refere ao masculino e feminino. Trazendo à tona, definições binárias do ser humano sobre as quais Butler (2003, p. 24) pontua que embora “[...] os sexos pareçam não problematicamente binários em sua morfologia e sua constituição (ao que será questionado), não há razão para supor que os gêneros também devam permanecer em número de dois”. Conforme a autora, sexo e gênero se distinguem na concepção de que o sexo aparece como uma categoria pré-discursiva, anterior à cultura, enquanto que o gênero seria culturalmente construído, auxiliando na interpretação e no entendimento do pensamento de Simone de Beauvoir ao dizer que “*Ninguém nasce mulher: torna-se mulher*” (BEAUVOIR, 1967, p. 9). A afirmação de Beauvoir corrobora a ideia de Judith Butler no sentido de que o sexo seria composto pelo caráter biológico do ser humano, e o gênero, pela sua construção social, sendo tal construção variável independentemente do sexo do indivíduo, indo além da divisão binária previamente estabelecida.

Sob a ótica das definições binárias entre homens e mulheres, Carrato e Santos (2014, p. 21) defendem que “essa divisão artificial do ser humano em dois sexos acarreta o surgimento do conceito de gênero, que remete às relações sociais estabelecidas desde o momento da percepção das diferenças biológicas entre os sexos”. De acordo com as autoras, este conceito sugere a aceitação apenas de heterossexualidade, supondo que aqueles que não se enquadram nas normas instituídas sejam marginalizados, vistos como minorias.

Ressalta-se que, ao contextualizar gênero a partir das definições binárias, é necessária a compreensão da heterossexualidade de forma compulsória como um instrumento de poder naturalizado.

A instituição de uma heterossexualidade compulsória e naturalizada exige e regula o gênero como uma relação binária em que o termo masculino diferencia-se do termo

feminino, realizando-se essa diferenciação por meio das práticas do desejo heterossexual. (BUTLER, 2003, p. 45).

A teórica americana ainda cita que a heterossexualidade, julgada como uma norma naturalizada, contribui para a criação do campo da anormalidade, possibilitando determinadas identificações sexuadas e impedindo outras. Configurando-se, assim, como um ambiente excludente, na medida em que molda um exterior constitutivo normativo. Para tal, Pino (2007) recomenda a distinção entre heterossexualidade compulsória e heteronormatividade, asseverando que a heterossexualidade, quando compulsória, obriga os indivíduos a se relacionarem com os sexos opostos, tanto amorosamente quanto sexualmente. Contrapondo a heteronormatividade que, por sua vez, enquadra todas as relações entre indivíduos do mesmo sexo, até as relações consideradas inaceitáveis, promovendo uma divisão binária de gênero que visa a organizar práticas, atos e desejos, baseados em um modelo heterossexual reprodutivo.

Sobretudo, a norma social heterossexual é considerada por Swain (2010) politicamente compulsória, por existir um intenso processo de convencimento cultural em políticas familiares e educacionais ou a imposição pela coerção de normas de submissão e devoção ao ser masculino, construindo-o de maneira dominante como definidor da divisão de trabalho, remuneração e importância social.

A naturalização da heterossexualidade compulsória, traduzida no espaço de trabalho por meio do modelo heteronormativo, sugere que qualquer comportamento considerado fora do “normal” problematiza o sistema, colocando em risco a harmonia dos papéis sociais definidos em função do gênero. Quanto a isso, Butler (2003) expõe que qualquer arranjo sexual ou afetivo que se estabeleça fora dos limites aceitáveis, além de ser desconsiderado em sua existência, pode ser colocado no domínio das patologias, dos transtornos.

Em relação a padrões sistemáticos repetidos por indivíduos em determinada cultura, sejam estes modelos normativos rígidos ou sutis, perpetua-se a heterossexualidade fortemente reconhecida e aclamada como “normal” e “natural”. À luz desta alegação, Lessa (2011, p. 120) relata que “a sexualidade dividida em normal e anormal foi questionada como pressuposto de uma política fundada no heterossexismo como uma instituição que determina os papéis de gênero na sociedade”.

Baseado nos papéis de gênero como não apenas uma divisão binária, a qual incluiria homem e mulher de forma heterossexualizada, surge a necessidade de integrar não só os padrões típicos de gênero, mas a interação destes com o ambiente social no qual o indivíduo se insere e o papel do grupo social do qual faz parte. Todavia, Corrêa Júnior *et al.* (2010, p. 47) afirmam que “o modelo binário imposto pela construção dos gêneros acaba limitando as possibilidades que qualquer pessoa teria de expressar sua sexualidade e se relacionar com outras pessoas”.

O fato de o gênero não possuir um caráter universal no que diz respeito ao seu papel faz com que este seja construído histórica, social e culturalmente, sendo apontado por Grossi (1998), como uma forma de manifestação ou representação social do ser masculino e feminino, em virtude de que os papéis variam de uma cultura para outra ou até mesmo dentro da própria cultura, evidenciando os diferentes contornos do ser homem e do ser mulher.

A construção dos papéis de gênero, inicialmente, pressupõe apenas o modelo binário com características heteronormativas, entretanto a sua desconstrução possibilita a discussão de outros padrões sexuais subjacentes a essas questões. Pereira e Horn (2017) questionam que

a partir da construção social dos papéis de gênero, concebe-se uma norma social para a sexualidade. Nessa perspectiva, a sociedade ocidental contemporânea adotou como norma sexual a heteronormatividade, isto é, o ser sexuado somente será considerado dentro da normalidade se for manifesta a heterossexualidade nele. E não somente isso, mas somente será considerado dentro dos padrões sociais aceitáveis se cumprir os papéis de gênero que a ele forem atribuídos. (PEREIRA; HORN, 2017, p. 27).

No contexto da heteronormatividade, a importância das discussões sobre gênero se evidencia a partir da sua influência nos papéis sociais e sexuais da sociedade. Ademais, Grossi (2000) cita que a discussão de gênero determina tudo que está constantemente em processo de um novo significado, atribuindo características sociais, culturais e históricas, em virtude das interações entre os indivíduos do sexo feminino e masculino. Considera-se, assim, o gênero como um elemento mutável. Nesse ponto de vista, “a sexualidade é apenas uma das variáveis que configura a identidade de gênero em concomitância com outras coisas, como os papéis de gênero e o significado social da reprodução” (GROSSI, 2000, p. 12).

Dada a relevância do conceito normativo heterossexual, o qual visa estabelecer a sexualidade dos papéis de gênero na sociedade, observa-se que por muito tempo houve uma natureza obsessiva em relação à normalização sexual dos corpos, mediante discursos que

descrevem a situação homossexual como desviante. Rubin (1993) reitera que a opressão, tal como a supressão da sexualidade humana, legitima a ideia de que o gênero não deve ser somente associado à identificação com um único sexo, mas também pode ser direcionado por seu desejo sexual a outro sexo.

Contudo, após a definição da construção e dos papéis de gênero, busca-se aprofundar os estudos a fim de obter uma base histórica, por meio do evento que marcou a abordagem do tema, na luta pelos direitos sociais e políticos das mulheres e dos grupos ditos minoritários, denominado movimento feminista, o qual será retratado na seção a seguir.

2.1.1 Movimento Feminista

Os estudos de gênero tiveram início no Brasil em meados do século XIX, a partir do movimento feminista, com indagações acerca dos direitos civis, sociais e políticos das mulheres. Segundo Costa (1998) o feminismo constitui-se em um amplo espectro de discursos diversos sobre as relações de poder, permitindo a identificação da forma de atuação da mobilização a fim de garantir a incorporação das concepções de gênero no meio político e na busca pela igualdade.

Na perspectiva de Caetano (2017, p. 4), “o feminismo compreendido como movimento social foi originado em um cenário moderno [...]”, inicialmente, associado às “[...] reivindicações por direitos sociais e políticos, tendo a luta sufragista como ápice da mobilização das mulheres em torno deste ideário em diversos países.”

Em vistas à manifestação libertária em relação aos padrões de gênero, o feminismo surge com ideia de que a mulher não visa somente o próprio espaço, mas luta por uma nova forma de relacionamento entre homens e mulheres, na qual tenha liberdade e autonomia para decidir sobre sua vida e seu corpo (PINTO, 2010).

Marcado por diferentes momentos revolucionários, o movimento social configurou-se a partir das denominadas “ondas do feminismo”, nas quais são outorgadas demandas distintas em relação à conjuntura da época. Diversos estudos

[...] nomeiam como ‘onda’ alguns momentos históricos em que houve uma sequência de movimentos e organizações feministas com a mesma pauta de reivindicações. No Brasil, assim como no mundo ocidental, a ‘primeira onda’ se refere ao Movimento Sufragista; a ‘segunda onda’, que começa na década de 1970 entre nós e na década de 1960 nos Estados Unidos, se caracteriza pela crítica radical, teórica e prática, ao modelo de mulher e de família vigente. A ‘terceira onda’,

identificada nos anos 1990, evidencia ‘novas’ mulheres: as negras, as lésbicas, as mulheres do terceiro mundo, as transgêneros, entre outras. (RABAY; CARVALHO, 2011, p. 86).

Um ponto importante a ser considerado é o fato de não haver uma única ocorrência histórica na luta feminista, ratificando a alegação de Bittencourt (2015, p. 198) de que as diferentes fases pressupõem “uma síntese hegemônica de determinado período que caracteriza o enfoque dos diversos movimentos feministas, em que cada um assume uma posição política demarcada e delinea determinada estratégia”.

Iniciado no fim do século XIX e intitulado a “primeira onda do feminismo”, o movimento sufragista representou um conjunto de movimentações protagonizados por mulheres em torno da luta igualitária e política entre os sexos. De acordo com Pinto (2003), esta mobilização expressou-se como “bem-comportada” e com caráter conservador, uma vez que a inclusão das mulheres à cidadania, em relação a sua luta, era definida pelas boas relações sociais, sem qualquer argumentação sobre os direitos igualitários das relações de gênero.

O eixo que marcou a primeira fase da manifestação feminista foi a reivindicação por direitos iguais, referindo-se à cidadania, com foco no direito ao voto feminino. Entretanto, ainda que reconhecido o ingresso da mulher na política do país, por meio do direito ao voto ou da candidatura às eleições, sua participação causava inúmeras reações negativas, desde a simples contestação à dúvida sobre sua capacidade intelectual até o cumprimento de seus anseios (ARAÚJO, 2003).

Nesse contexto, Souza (2008) cita que a luta feminina pôde ser dividida em dois focos principais no que se refere aos direitos das mulheres – direitos civis e cidadania política. O autor declara que tais focos podem ser exemplificados pelo direito à vida, à liberdade, à propriedade, à manifestação, à expressão, ao voto e ao devido processo legal.

A transição da primeira para a segunda onda da revolução, distinguiu as duas fases por revelar que em um primeiro momento as mulheres lutavam pela conquista dos seus direitos políticos, e no segundo, as chamadas feministas preocupavam-se principalmente com questões relacionadas aos sexos. Sob esse ângulo, Pedro (2005) alude que a categoria “gênero” foi criada exatamente na segunda onda do movimento, dada como tributária às lutas das mulheres. Todavia, a autora admite que

[...] neste início do movimento feminista de ‘segunda onda’, a palavra gênero não estava presente. A categoria usada na época era ‘Mulher’. Esta, pensada em contraposição à palavra ‘Homem’, considerada universal, ou seja, quando se queria dizer que as pessoas são curiosas, por exemplo, dizia-se de forma genérica ‘o homem é curioso’. Aqui, a palavra homem pretendia incluir todos os seres humanos. (PEDRO, 2005, p. 80).

Dessa forma, traçada por uma fase com ampliação nos debates sobre igualdade de gênero no ambiente social e cultural, a segunda onda do feminismo consolidou-se a partir da publicação da obra *O Segundo Sexo* (1949), de Simone de Beauvoir, tendo como contribuição a influência dos seus pensamentos na articulação do discurso feminista. Em consonância, Motta *et al.* (2000) discorrem sobre a filósofa francesa pontuando que esta conceituou o termo gênero mostrando que ninguém nasce mulher, mas se torna mulher e, por conseguinte, ninguém nasce homem, e sim torna-se homem. Para os autores, Beauvoir mostrou que ser homem ou ser mulher advém de um aprendizado, por meio do qual o indivíduo aprende a se conduzir como homem ou mulher, conforme a socialização recebida, independentemente do sexo biológico.

No que tange, especificamente, à igualdade de gênero e à condição da mulher no ordenamento jurídico brasileiro, Souza (2012) salienta que uma das grandes vitórias desse período foi a aprovação da Convenção para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra a Mulher, ocorrida em 1979, e a promulgação do Decreto nº 4.377 de 2002, o qual permitiu que a convenção tivesse validade jurídica.

À medida em que os anos se passavam e a mobilização feminina ganhava força, principalmente no que diz respeito aos padrões de gênero, pôde-se verificar o alinhamento de ideais a partir da junção com outras causas em prol das minorias, mais precisamente os movimentos contra homofobia. Com isso, e alicerçada nesta ideia, Louro (2001) assevera que, em meados de 1970, a prática homossexual passava a ser legitimada como uma espécie distinta de sexualidade do ser humano, por mais que ainda fosse vista como divergente.

Então, no início da década de 1990 ocorre a terceira onda feminista, dando espaço ao desenvolvimento da categoria “mulher” e admitindo que as mulheres não são iguais entre si, tendo em vista a sua diferenciação quanto a classe e etnia, as quais propiciam relações de subordinação e dominação. Compreendendo o conceito de gênero sob o ponto de vista das desigualdades sociais, ligado a questões de etnia, sexualidade, classe e afins, oriundas das relações de poder (CAETANO, 2017).

Na terceira onda, torna-se evidente o questionamento sobre a desconstrução do binarismo de gênero, com base não só na divisão homem e mulher, mas também na diversidade de ambos os sexos, no qual o gênero é

[...] a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser. (BUTLER, 2003, p. 59).

A desconstrução e universalização da mulher ao assumir sua diversidade social e política, mesmo que limitadas a categorias sexuais e de gênero, fez com que a terceira onda se classificasse como “feminismo da diferença”, elucidada por Narvaz e Koller (2006) como uma premissa cuja proposta fundamenta-se na análise de questões baseadas nas diferenças, alteridade, diversidade e produção discursiva da subjetividade.

Destaca-se que o desafio desta onda era refletir a igualdade e a diferença na constituição das subjetividades entre os gêneros, masculino e feminino. Na análise de Oliveira (1993), o movimento feminista chega a um momento no qual há uma exigência de transgressão à ordem, que por um longo tempo foi compreendida como algo comum, no qual o masculino era atribuído a definição do feminino, sendo este o seu avesso.

Sobretudo, apoiada na valorização da diversidade e na afirmação política das diferenças, a introdução do conceito de gênero marca o movimento feminista no Brasil, à medida que dentro do próprio debate há diferentes enfoques, possivelmente identificados por três abordagens principais.

A primeira, uma tentativa inteiramente feminista, empenha-se em explicar as origens do patriarcado. A segunda se situa no interior de uma tradição marxista e busca um compromisso com as críticas feministas. A terceira, fundamentalmente dividida entre o pós-estruturalismo francês e as teorias anglo-americanas de relação do objeto (*object-relation theories*), se inspira nessas diferentes escolas de psicanálise para explicar a produção e a reprodução da identidade de gênero do sujeito. (SCOTT, 1995, p. 77).

Vale ressaltar que, baseado na natureza diversificada entre os gêneros, pode-se dizer que a história do movimento feminista transita na construção à desconstrução, tal como na desconstrução à reconstrução, pautada na instabilidade. Para Martins (2015), quando o conceito de gênero se dissociou do sexo, afirmando um caráter cultural concedido aos homens e às mulheres, provocou-se a desnaturalização na constituição do ser mulher, questionando uma série de funções do sexo feminino, como a maternidade e a divisão sexual do trabalho,

fazendo com que o sexo, o qual era definido com a essência e a perenidade, desse lugar ao gênero, sendo este composto por potencialidades, mutabilidade e transformações.

Por fim, no âmbito da discussão sobre gênero gerada a partir das lutas feministas da terceira onda, será apresentada na próxima seção a abrangência das mobilizações sociais mediante movimento LGBT, o qual possibilitou a compreensão da sexualidade do indivíduo não somente no que concerne ao sexo biológico, mas também às manifestações sexuais e relações sociais.

2.1.2 Movimento LGBT

No discurso dos acontecimentos históricos de gênero, o movimento em prol das mulheres proporcionou uma importante conquista para os grupos minoritários, alicerçado no encadeamento de princípios os quais eram sustentados primordialmente pela reivindicação política sexual, antecedendo o surgimento do movimento LGBT. Sobre a trajetória homossexual, Facchini (2011) esclarece que, originado no final de 1970, o movimento brasileiro era formado apenas por homossexuais masculinos. A antropóloga complementa mencionando que a presença das mobilizações sociais no país emerge da divisão entre a esfera pessoal e política, problematizando a esfera política inicialmente ocupada por homens heterossexuais.

O simbolismo das letras adotadas pelo movimento, qual seja LGBT, descreve as especificidades sexuais que, conforme Casemiro (2010, p. 24), contemplam as “[...] diversas categorias identitárias que circulam pelos espaços de militância e à mobilização política do segmento homossexual [...]”, referindo-se a lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais.

É de suma importância salientar que, tal como o movimento feminista, o movimento homossexual também foi reproduzido em diferentes momentos históricos, sempre em busca da igualdade social, seja por meio da conscientização da diversidade dos gêneros ou do aumento representativo dos grupos julgados anormais. Nessa direção, a primeira onda

[...] é marcada pelo final do regime militar, em 1978. A seguinte aconteceu durante o processo de democratização dos anos 1980 e a mobilização em torno da Assembléia Constituinte, que coincide com a eclosão do HIV-Aids. Esses adventos transfiguram as iniciativas realizadas até então, atribuindo ao movimento novas características, novos objetivos, novas estratégias de ação e, ainda, estão inseridos em novos contextos. A terceira deu-se a partir dos anos 1990 quando o movimento encontra-se em parceria com o Estado e com o mercado segmentado. (OLIVEIRA, 2010, p. 374).

A década de 1970 no Brasil possui um caráter de repressão e negação em uma sociedade regida pela heterossexualidade compulsória a qual se abstém de inúmeras demonstrações afetivo-sexuais. Contudo, ao analisar a mobilização LGBT nesse cenário, torna-se evidente a relação entre a insatisfação dos diversos indivíduos que mantêm seus valores tradicionais com a perpetuação dos comportamentos preconceituosos e discriminatórios contra os homossexuais nas várias dimensões sociais em que estão inseridos (MOURA, 2016). Para o autor, a primeira onda da manifestação deve ser associada à situação política da época, marcada pelo regime militar, em que se estabelecia a censura e a exclusão das liberdades democráticas.

Diante da repercussão do movimento sexual na ditadura, houve a formação do primeiro grupo de afirmação homossexual brasileiro, afluído em 1978 no estado de São Paulo, denominado “Grupo Somos”. Dispostos a complementar, Bila e Rodrigues (2008, p. 9) aduzem que este “[...] adquiriu uma importância nacional pela sua visibilidade e notoriedade na luta pela efetivação da chamada ‘cidadania homossexual’”.

Ressalta-se, ainda, que, no domínio das mobilizações minoritárias, os movimentos feminista e LGBT se assemelham, haja vista que as temáticas de gênero questionam os papéis sociais e as normas hegemônicas tidas como naturais. Isto posto, conclui-se que as ocorrências históricas possuem postura identitária, desnaturalizando os limites das construções centradas exclusivamente no modelo binário dos sexos (SILVA, 2015).

A conduta identitária da manifestação homossexual demonstra que a luta pela emancipação dos direitos civis e sociais dos grupos LGBTs traz à tona a necessidade de legitimar as sexualidades, de modo que todos os indivíduos sejam considerados iguais perante a lei, porém diferentes na diversidade dos gêneros. À luz dessa afirmação, Canabarro (2013) argumenta que a reflexão acerca do movimento determina uma construção social mais abrangente para as categorias identitárias, ao passo que não se configurem ideologias patológicas das relações sexuais.

Em meados de 1980, a primeira onda se encerra, ocasionando o declínio dos grupos minoritários relacionados à mobilização LGBT. Segundo Nascimento (2015, p. 83), “esta redução drástica é atribuída ao surgimento da epidemia do vírus da AIDS, que foi de modo preconceituoso, associada à homossexualidade e chamada de ‘peste gay’”, sendo essa patologia o ápice para o início da segunda onda.

A supremacia da AIDS, integrada à vulnerabilidade das relações homossexuais, exercia um estigma discriminatório sobre os indivíduos orientados sexualmente. De fato, a epidemia do vírus HIV contribuiu para o aumento da homofobia, em virtude da disseminação do ódio e do medo causados por um estereótipo doentio que classificava a comunidade como um grupo de risco (FONE, 2000).

No que tange à cultura homofóbica instituída socialmente, percebe-se um grave equívoco no entendimento epidemiológico da AIDS, uma vez que o senso comum responsabiliza os homossexuais pela existência do vírus. A suposta seletividade da doença

[...] para com um determinado grupo ou um determinado modo de vida criou uma primeira representação para o fenômeno: na homossexualidade poderia estar sua origem, o que tornava os homossexuais uma população considerada, na terminologia epidemiológica, “de risco”. O uso da expressão “grupo de risco”, embora comum no âmbito da epidemiologia, marcaria de forma indelével a construção social e histórica da aids. (BARBARÁ, 2005, p. 332).

Pautado na consolidação da homossexualidade como um fator gerador de identidades individuais e coletivas, o aparecimento do HIV possibilitou à segunda onda maior visibilidade da comunidade LGBT, principalmente no âmbito nacional. Elucidando essa alegação, Mello *et al.* (2012) apontam que, ainda que relacionada com a doença, a manifestação homossexual começa a ganhar força a partir da criação de políticas públicas efetivas e favoráveis aos envolvidos, por meio de uma visão íntegra e não mais apenas focada no combate à AIDS.

Com os avanços positivos das políticas públicas no Brasil, o “homossexualismo” foi retirado do rol de transtornos mentais pelo Conselho Federal de Medicina em 1985, despatologizando a sexualidade antes classificada como um “distúrbio de orientação sexual”. Consonante a essa decisão, no dia 17 de maio de 1990 a Organização Mundial da Saúde excluiu a terminologia da Classificação Internacional de Doenças (OMS, 1983), dando origem ao Dia Internacional do Combate à Homofobia.

A terceira onda do movimento sexual se iniciou em 1990, como resposta ao fim da relação entre a homossexualidade e o vírus HIV. Pereira (2016, p. 122) acrescenta que “é nessa ‘onda’ que entram em cena com mais força outras identidades – e suas agendas – até então secundárias no Movimento LGBT como lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais.” O autor relata que é justamente nessa fase que as políticas públicas auferem melhor engajamento do Estado, transformando-se em políticas voltadas para os direitos humanos e direitos da cidadania, mediante a implementação de ações afirmativas e participativas.

Conhecida como ABGLT, a Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Travestis e Transexuais é fundada no ano de 1995, considerada a primeira e maior rede de organizações LGBTs brasileiras. O propósito e a missão da instituição baseiam-se na execução de ações que garantam a cidadania e os direitos humanos das partes interessadas, colaborando para a construção de uma sociedade democrática, em que nenhum indivíduo tenha que ser submetido a qualquer forma de discriminação, coerção e violência devido às suas identidades de gênero, bem como às suas orientações sexuais (ABGLT, 2020).

Institucionalmente, a mobilização social que visa o respeito a sexualidade dos indivíduos, concedendo-lhes direitos igualitários, além de romper com as convicções subalternas e tradicionalistas, batalha contra o preconceito e a discriminação subordinados ao modelo padrão heterossexual. Cisne e Santos (2014) declaram que a negação dos segmentos conservadores quanto à possibilidade de reconhecimento dos homossexuais em todas as circunstâncias sociais e legais retrata a heterossexualidade de maneira normativa em meio ao fortalecimento da população LGBT.

As frequentes discussões sobre sexualidade, vêm possibilitando o surgimento de outros discursos que rompem com esse conservadorismo, mas é necessária uma mudança no modo de pensar da população em geral, para que os direitos de todos sejam respeitados. (MEDEIROS, 2016, p. 32).

O impacto dos movimentos sociais ao longo da história teve um peso substancial nas concepções das sexualidades, revelando-se totalmente centralizador ao binarismo biológico motivado pela heteronormatividade. A oposição concebida em torno do masculino e do feminino leva a crer que os lugares dados aos indivíduos definem suas ideologias e posições na sociedade, com base na dicotomia que privilegia uns e desacredita outros (MORATO, 2017).

Se, por um lado, a pluralidade sexual desmistifica a ideia de anormalidade das múltiplas sexualidades que se diferenciam da heterossexualidade normativa, por outro, as transformações sociais necessitam ser debatidas para que se perceba a evolução da multiplicidade identitária e sexual. Cotta (2009) cita que a pluralidade sexual se transfigura como um fenômeno essencial na sociedade, na medida em que configura as identidades e as realidades humanas.

De igual conjuntura, a luta política sexual da manifestação não só evidenciou os direitos civis e sociais das diversas sexualidades como despertou o nascimento de uma nova

era. Albernaz e Kauss (2015, p. 553) acreditam que “[...] atualmente, vive-se uma quarta onda desse processo, na qual, tanto no Brasil, quanto em demais contextos democráticos, busca-se a realização de direitos LGBT para que esses ultrapassem o mero formalismo discursivo [...]” e, quem sabe, o legal, auxiliando de forma eficiente e justa a desconstrução de uma violência histórica sofridas pelas minorias sociais e sexuais.

As militâncias sociais do movimento feminino e do movimento homossexual subverteram as normas culturais dominantes e categorizaram as produções sexuais, anteriormente vinculadas às esferas privada e íntima, favorecendo a diversidade de gênero, a qual será dissertada na seção seguinte.

2.1.3 Diversidade de Gênero

Sabe-se que o significado de “gênero” teve o seu auge no movimento feminista, onde as discussões sociais e políticas das mulheres traçaram um caminho para luta a favor de outras causas, as quais eram compostas pelas minorias. Contudo, Saffioti (1992) argumenta que, este processo, faz com que as relações de gênero percorram um caminho que envolva a diversidade entre os gêneros, não só entre homens e mulheres, mas entre ambos os sexos, de modo que “o tornar-se mulher e tornar-se homem constitui obra das relações de gênero” (SAFFIOTI, 1992, p. 18).

As questões relacionadas à diversidade de gênero propiciam questionamentos ainda mais amplos, referindo-se, principalmente, a sexualidade. Dessa forma, Silva (2013) pontua que discutir a sexualidade consiste em falar sobre a vida, trazendo à tona o preconceito sexual, a violência contra a orientação sexual homo, a discriminação, tal qual a exclusão de grupos ditos minoritários. Butler (2003, p. 39), por sua vez, expõe que a heterossexualização imposta na sexualidade “[...] institui a produção de oposições discriminadas e assimétricas entre ‘feminino’ e ‘masculino’, em que estes são compreendidos como atributos expressivos de ‘macho’ e de ‘fêmea’”.

Em conformidade com a diferenciação dos termos “sexo” e “gênero”, Campos (2015) explica que estes conceitos são componentes da sexualidade, sendo o sexo anatômico e biológico, e o gênero, a construção social inerente ao mesmo. A autora complementa

postulando que “se ser macho ou fêmea é determinado pela anatomia, a maneira de ser homem e de ser mulher é resultado da cultura, da realidade social” (CAMPOS, 2015, p. 11).

Não obstante, é fundamental a compreensão de que os discursos relacionados à sexualidade são percebidos como um processo histórico, moldados culturalmente. Para Louro (2000, p. 5), “muitos consideram que a sexualidade é algo que todos nós, mulheres e homens, possuímos ‘naturalmente’”. Segundo a autora, esta seria concedida pela essência, própria do ser humano, ancorando-se na concepção de que todos os indivíduos vivem seus corpos de igual forma.

Acerca da sexualidade em uma sociedade heteronormativa, bem como patriarcal, Foucault (2014) discorre sobre uma rede de saberes e poderes estabelecida na produção de normatizações dos corpos, distinguindo e separando padrões considerados normais e anormais em relação à sexualidade e aos gêneros, configurando-se como uma sociedade hierarquizada, na qual os modelos e os padrões se referem às relações entre os gêneros. De igual natureza, Cardoso *et al.* (2019) mencionam que o sistema sexo-gênero-sexualidade

[...] pode corresponder aos estereótipos das hegemônias, mas não pode ser tido como padrão de imposição social, não deve ser arquitetado um normativismo que coaja o sujeito em suas particularidades psicológicas e biológicas. (CARDOSO *et al.*, 2019, p. 439).

Baseado no pressuposto de que a heteronormatividade é uma padronização da sexualidade pela sociedade, a qual determina como os indivíduos devem expressar seus anseios sexuais e como devem habitar seus corpos, Petrye e Meyer (2012) salientam que a regra heteronormativa, apoiada em um modelo de “normalidade”, fundamenta-se na lógica do sexo biológico, gênero e sexualidade, na medida em que está enredada à cultura, dada como normal. Essa cultura seria responsável por regular as manifestações de masculinidades e feminilidades atribuídas às práticas sexuais possíveis.

À primeira vista, entende-se que o caráter de normalidade compulsória intrínseco à heteronormatividade precisa ser problematizado, considerando que no âmbito das perspectivas teóricas, a noção de sexualidade ganha maior notoriedade a partir da existência da diversidade sexual e de gênero. Entretanto, Silva (2013) evidencia que a sociedade ainda convive com a desvalorização da diversidade sexual, excluindo socialmente os grupos classificados como “os fora da ordem” ou que “não se adaptam às normas”, referindo-se aos padrões culturais hétero, o que estimula as normas e convenções arbitrárias de sexualidade.

Na heteronormatividade ideológica, a performatividade tem a missão de manter o gênero apenas em sua função binária, e por essa razão é possível que a matriz heteronormativa, ou seja, a heterossexualidade forçada, conduza a sexualidade dos indivíduos somente para os meios biológicos dos sexos, oprimindo e restringindo a diversificação dos gêneros. Cornwall *et al.* (2008) aduzem que a imposição do gênero normaliza os costumes de uma sociedade já condicionada ao conservadorismo ideológico e sexista, uma vez que discrimina os indivíduos com divergências sexuais e institucionaliza o binarismo heterossexista.

Sob o mesmo panorama, Cardoso *et al.* (2020, p. 41) expõem que “[...] as concepções heteronormativas pungem não apenas a homossexuais, mas todos os indivíduos que progridem ou defendem uma postura ou pessoa que seja divergente às normas impostas.” Para os autores, considera-se diferente todo indivíduo que contesta o senso normativo pré-estabelecido ou que não pactua com este, “[...] não condicionando o conservadorismo e sexismo nas coisas e pessoas” (CARDOSO *et al.*, 2020, p. 41).

A diversidade de gênero e a sexualidade ainda são reputadas de forma preconceituosa por alguns setores da sociedade, sendo estes mais tradicionalistas. Althusser (2007) postula que o preconceito sexual, além de estimular ações discriminatórias surge como uma espécie de atitude automatizada, estereotipada à luz de uma conduta conservadora presente em diversos aparelhos ideológicos do Estado.

Embora exista uma crença amplamente difundida que determina quais sexualidades são consideradas legítimas, bem como quais são julgadas desviantes, é necessário que haja a valorização da diversidade entre os gêneros, a fim de fortalecer a base identitária do indivíduo. Coelho e Campos (2015, p. 897) discorrem sobre a diversificação dos gêneros defendendo a existência do “[...] reconhecimento de diferentes possibilidades de vivência da sexualidade, sobretudo, no que se refere às orientações sexuais e identidades de gênero que fogem ao padrão heterossexista da sociedade atual.”

Como uma maneira de englobar os diferentes gêneros, excluídos por um sistema heterossexual normativo, nasce em meio aos movimentos sociais a teoria *queer*. De acordo com a pesquisadora Guacira Louro

Queer é tudo isso: é estranho, raro, esquisito, queer é, também, o sujeito da sexualidade desviante – homossexuais, bissexuais, transexuais, travestis, drags. É o excêntrico que não deseja ser ‘integrado’ e muito menos ‘tolerado’. Queer é um jeito de pensar e de ser que não aspira o centro nem o quer como referência, um jeito de

pensar que desafia as normas regulatórias da sociedade, que assume o desconforto da ambiguidade, do ‘entre lugares’, do indecível. Queer é um corpo estranho, que incomoda, perturba, provoca e fascina. (LOURO, 2013, p. 7-8).

Em uma narrativa sociológica, os estudos “*queer*” enfatizam os mecanismos sociais centralizando a política do conhecimento e da diferença de gênero na sociedade contemporânea, mostrando-se contrários à dualidade dos sexos fixado no binarismo heterossexual. Nas palavras de Seidman (1996, p. 13), a teoria *queer* propõe o estudo de conhecimentos e práticas sociais “que organizam a ‘sociedade’ como um todo, sexualizando – heterossexualizando ou homossexualizando – corpos, desejos atos, identidades, relações sociais, conhecimentos, cultura e instituições sociais”. Na análise do autor, essa teoria anseia a transformação de uma teoria homossexual em uma teoria geral, contribuindo na construção da dinâmica social dos indivíduos.

Destacar a força original da abordagem *queer* implica principalmente na aceitação das potencialidades dos gêneros, indo além da inclusão da diversidade ao recomendar estudos direcionados às novas sexualidades as quais condicionam a atuação dos indivíduos. Hipoteticamente, Silva (2001) reconhece que a teoria *queer* auxilia na construção social dos seres humanos ao domínio das sexualidades, entendendo que as formas com que os sexos binários atuam devem se relacionar à própria identidade de gênero e suas vivências sexuais.

No contexto normativo das identidades, moldado na hierarquização dos sexos, o discurso *queer* refuta o processo de normalização determinístico e fundamentado em uma concepção estática e estável das categorias de gênero. Para Miskolci (2007, p. 7) essa teoria revela “[...] um olhar mais afiado para os processos sociais normalizadores que criam classificações, as quais, por sua vez, geram a ilusão de sujeitos estáveis, identidades sociais e comportamentos coerentes e regulares.” Com isso, contradiz as coerências e as estabilidades impostas no modelo construtivo teórico social.

A priori, a teoria *queer* sugere o reconhecimento de um significado aberto e passível de contestação, referindo-se ao surgimento das diferentes sexualidades, proporcionando um campo em que a construção cultural acolhe e defende a diversidade de gênero. Deste modo, o conceito *queer* simboliza todos os indivíduos envolvidos nas minorias sexuais, almejando a riqueza de especificidades e pluralidades por meio de uma cultura múltipla que aceita e inclui

os seres humanos independentemente da identidade de gênero ou da orientação sexual (MIRANDA; GARCIA, 2012).

O questionamento apresentado por Sedgwick (1985) sobre a teoria *queer* evidencia que a estrutura social avessa à diversidade dos sexos é anterior à noção de identidade de gênero e orientação sexual, uma vez que o senso comum institucionalizado se caracteriza por uma recusa cognitiva de determinadas sexualidades as quais devem ser particulares, tratadas como um segredo.

Dado o entendimento da diversidade, procura-se contextualizar na seção a seguir os aspectos inerentes à identidade de gênero, assim como as características que a distingue das demais sexualidades, refletidas nas diferentes formas de vivência do indivíduo, o qual, por sua vez, é composto por papéis sociais e reprodutivos.

2.1.4 Identidade de Gênero

Desde o início da vida de um ser humano, a imagem apresentada dos corpos pode ser utilizada para distingui-lo, seja pelo sexo biológico ou até mesmo pelas características físicas trazidas a este (FERREIRA, 2016), presumindo que o sexo, em termos biológicos, não faz parte da escolha do indivíduo.

Culturalmente, a sociedade foi fadada a assumir uma ordem binária dos sexos, principalmente no que refere às normas e divisões estabelecidas como a “ordem natural da vida”. Na visão de Bourdieu (2012) às condições sociais impostas nas divisões binárias legitimam a dominação do homem sobre a mulher, atribuindo aos sexos diferenças de comportamentos socialmente construídos, de acordo com a sua biologia.

O mundo social constrói o corpo como realidade sexuada e como depositário de princípios de visão e de divisão sexualizantes. Esse programa social de percepção incorporada aplica-se a todas as coisas do mundo e, antes de tudo, ao próprio corpo, em sua realidade biológica: é ele que constrói a diferença entre os sexos biológicos, conformando-a aos princípios de uma visão mítica do mundo, enraizada na relação arbitrária de dominação dos homens sobre as mulheres, ela mesma inscrita, com a divisão do trabalho, na realidade da ordem social. (BOURDIEU, 2012, p. 18-20).

Sobretudo, a reflexão sobre os corpos sexualizados conforme divisão binária, busca explicar as diferentes possibilidades de sexualidade, atreladas a identidade de gênero e definidas pelas relações sociais, ainda que moldadas nas redes de poder da sociedade. Jesus

(2012), ao conceituar a identidade de gênero, esclarece que esta corresponde ao gênero com o qual o indivíduo se identifica, podendo ou não ser o mesmo gênero atribuído ao seu nascimento, diferentemente do seu sexo. A autora ainda descreve a classificação enquadrada na identidade de gêneros, sendo estes os seguintes:

- **Cisgênero:** indivíduos que se identificam, em todos os aspectos, com o gênero atribuído ao nascer em função do seu sexo biológico, podendo ser homem ou mulher.
- **Transgênero:** indivíduos que se identificam com um gênero diferente daquele que lhe foi determinado no nascimento, podendo ser homem ou mulher (JESUS, 2012).

De acordo com Bagagli (2018), a palavra cisgênero, composta pelo prefixo “cis”, de origem latina, que significa “posição aquém” ou “ao mesmo lado”, e o radical “gênero”, é utilizada para caracterizar os indivíduos cujo gênero é autoidentificado, estando na “posição aquém” daquele atribuído ao nascimento em decorrência da sua genitália externa.

A partir da definição da cisgeneridade, pressupõe-se que esse indivíduo esteja confortável com os códigos de conduta e papéis sociais atribuídos ao seu gênero de nascença. Entretanto, Lanz (2014, p. 296) contrapõe pontuando que o “[...] fato de estarem bem adaptados aos gêneros que receberam ao nascer, não significa que indivíduos cisgêneros tenham, automaticamente, orientação heterossexual como acreditaria o senso-comum.” Para a autora, as identidades de gênero não determinam o campo da orientação sexual.

O conceito de transgênero, por sua vez, é utilizado, segundo Bagagli (2018, p. 13) para “designar pessoas cuja autoidentificação de gênero não coincide com o gênero atribuído compulsoriamente ao nascimento em virtude da morfologia genital externa, podendo incluir travestis e transexuais.” Este seria o antônimo de cisgênero.

Pautada na socialização dos transgêneros, salienta-se a busca por reconhecimento de acordo com a sua identidade de gênero e não o seu sexo biológico, uma vez que esses indivíduos não se enquadram na própria anatomia. Complementando, Cardin e Gomes (2013) afirmam que esses indivíduos, bem como os transexuais e os travestis, têm maior dificuldade no convívio social, pois são marginalizados, não lhes sendo conferidas as mesmas oportunidades.

Em uma visão metafórica segundo a qual existem dois grupos – o dos “excluídos” (*outsiders*) e o dos “superiores” (estabelecidos) –, referindo-se, especificamente, ao clássico

estudo de Elias e Scotson (2000), o transgênero pode ser considerado um indivíduo “*outsider*” em relação à população cisgênera, que seriam os “estabelecidos”. Tal relação faz sentido na medida em que, segundo os autores, os “*outsiders*” são aqueles indivíduos excluídos socialmente de um determinado grupo e os “estabelecidos” são os superiores.

Ao atribuir a matriz cultural à identidade de gênero, Judith Butler afirma que esta

[...] exige que certos tipos de ‘identidade’ não possam ‘existir’ –isto é, aquelas em que o gênero não decorre do sexo e aquelas em que as práticas do desejo não ‘decorrem’ nem do ‘sexo’ nem do ‘gênero’. Nesse contexto, ‘decorrer’ seria uma relação política de direito instituído pelas leis culturais que estabelecem e regulam a forma e o significado da sexualidade. (BUTLER, 2003, p. 39).

Para Simakawa (2015), o funcionamento dessa matriz provoca, intrinsecamente, uma relação entre a produção de coerências, uma vez que se relaciona a matriz cisnormativa e exclusiva das transgeneridades, produzindo, com isso, efeitos de abjeção e subalternidade sobre as identidades ininteligíveis.

Todavia, as contribuições teóricas permitem a compreensão da cisnormatividade por meio da heteronormatividade como um efeito na produção das identidades de gênero e das orientações sexuais dos indivíduos, delimitando as sexualidades a partir da convenção normativa dos corpos, conforme contextualização de orientação sexual, aludida na próxima seção.

2.1.5 Orientação Sexual

Inicia-se o debate sobre orientação sexual com base na definição do seu conceito, o qual é explicitado por Cardoso (2008) como a relação dos sentidos atribuídos ao desejo sexual do indivíduo, tanto para pessoas do sexo oposto quanto para pessoas do mesmo sexo. Considerando, nesse contexto, a natureza da fantasia sexual de cada ser humano como o critério mais eficiente para detectar tal elemento.

De acordo com Borrillo (2018, p. 130), “[...] a orientação sexual tende a uniformizar os desejos e os comportamentos sexuais de forma reducionista em três categorias: heterossexualidade, homossexualidade e bissexualidade”. Devendo se afirmar que, na prática, o termo heterossexualidade aparece de forma análoga à homossexualidade.

Na mesma direção, porém incluindo a categoria dos assexuais, Silva *et al.* (2008) corroboram determinando que dentro do conceito da orientação sexual existem quatro grupos, sendo estes:

- **Heterossexual:** indivíduos que desenvolvem fantasias, desejos e afetividades por indivíduos do sexo oposto.
- **Homossexual:** indivíduos que desenvolvem fantasias, desejos e afetividades por indivíduos do mesmo sexo.
- **Bissexual:** indivíduos que desenvolvem fantasias, desejos e afetividades por ambos os sexos.
- **Assexual:** indivíduos não que desenvolvem atrações por nenhum dos sexos (SILVA *et al.*, 2008).

Ao contextualizar as categorias inseridas na orientação sexual de cada ser humano, busca-se evidenciar as relações sociais e particularidades inerentes à homossexualidade, em virtude deste ser o objeto de estudo.

Abrangendo o conceito da orientação homossexualizada, Couto (1999, p. 9) menciona que “por definição, o homossexual é alguém que, sabendo pertencer a um sexo, masculino ou feminino, procura outra pessoa do mesmo sexo, como objeto erótico. Não tem o intuito de mudar de sexo nem o repudia”. Entretanto, é de suma importância esclarecer que o homossexual masculino, sente-se e gosta de ser homem, não rejeitando o seu órgão sexual masculino. Da mesma forma, a homossexual feminina.

Historicamente, a homossexualidade é entendida como “anormal” aos olhos da sociedade, isso porque, a concepção de “normal” relaciona-se diretamente à heterossexualidade. Dessa forma, Louro (2000) pontua que a conceitualização da heterossexualidade, como uma norma forçada, é justamente associada a tentativa de definir a homossexualidade, isto é, a forma ‘anormal’ da sexualidade.

Em relação à terminologia “orientação sexual” e “opção sexual” acerca do homossexualidade, Molina (2011) defende que, atualmente, muitos estudiosos valem-se do termo “orientação sexual”, pois acreditam que a homossexualidade não seria mais uma opção, e sim um sentimento de desejo e amor. Porém, os sentimentos, a entrega, perceber a si próprio

e apaixonar-se é algo inerente a todo ser humano. Contribuindo, Figueiró (2007) cita que homens e mulheres

[...] quando começam a perceber que são homossexuais, sofrem, lutam contra esse sentimento, porque aprenderam, desde pequenos, que nossa sociedade aprova apenas o padrão de relacionamento homem-mulher. Sentindo-se ‘diferentes’, sabem que terão que enfrentar dificuldades e temem perder o amor dos pais, dos irmãos, amigos [...] Se a homossexualidade fosse aprovada socialmente, tanto quanto a heterossexualidade, não haveria sofrimento em perceber-se uma pessoa homossexual. Ao invés de se falar em opção, o correto é dizer que a orientação da pessoa é homossexual. (FIGUEIRÓ, 2007, p. 28).

De fato, para Souza Filho (2009), a orientação sexual homossexual não pode ser considerada uma opção já que os aspectos complexos, difundidos e modificáveis que se entrecruzam nos âmbitos do desejo, da afetividade e do prazer têm caráter inconsciente ao ser humano, distinguindo-a da opção, como sendo uma forma de escolha.

Assim sendo, ao caracterizar a orientação sexual do indivíduo contrária aos padrões heteronormativos impostos pela sociedade, busca-se discutir na seção seguinte a violência simbólica como uma consequência dos atos discriminatórios sofridos por homossexuais, a partir do preconceito enraizado contra os diferentes gêneros.

2.2 VIOLÊNCIA SIMBÓLICA

O homem vive na sociedade do espetáculo, na qual se acredita que ser livre é poder escolher como viver (DÉBORD, 1997). De acordo com o autor, o homem é livre e desejante no limite dos moldes culturais do sistema socioeconômico que está inserido. Assim sendo, quando um indivíduo se mostra singular, diferente do sistema e dos outros indivíduos, o mesmo sofre preconceitos de uma sociedade que somente aparenta zelar pela liberdade e particularidade dos seres humanos.

Pautada na autonomia do indivíduo e de como este deve interagir socialmente, o sociólogo francês Pierre Bourdieu aborda a ideologia da violência simbólica aludindo que esta é uma forma de violência que se sustenta em um reconhecimento pré-determinado, seja este econômico, social ou simbólico. Segundo o pensador, a violência de forma simbólica se comporta como uma

produção contínua de crenças que fazem com que o processo de socialização, leve os indivíduos a se posicionar no espaço social, seguindo critérios e padrões do discurso dominante. Devido a esse conhecimento do discurso dominante, a violência

simbólica é a manifestação desse conhecimento através do reconhecimento da legitimidade desse discurso dominante. (BOURDIEU, 2007, p. 70).

Nas palavras de Bourdieu (2007), as crenças são criações da própria sociedade, da qual se acredita serem legítimas mediante a reprodução do discurso dominante em um processo de socialização. Por sua vez, neste processo as classes que lideram economicamente acabam por impor a própria vontade sobre as minorias ou os menos privilegiados, levando-os a atribuírem valor a si mesmos, diante de critérios e padrões dominativos. Logo, a posição social ocupada influencia diretamente a identificação do indivíduo, com base na sua visão pessoal (BOURDIEU, 2007).

Vale salientar que esse tipo de violência é um ato sem coação física, porém pode causar danos morais e psicológicos. Segundo Bourdieu (2007), a coação mencionada se apoia no reconhecimento de uma imposição previamente estabelecida, seja esta econômica, social ou simbólica, isto é, uma violência cometida com a cumplicidade entre quem sofre e quem pratica sem que, no entanto, os envolvidos tenham consciência do que estão sofrendo ou exercendo.

A violência simbólica, na forma de poder, exerce impacto direto sobre os indivíduos, sem nenhuma ação física, alicerçada no apoio ou predisposições que atuam como molas propulsoras na zona mais profunda dos corpos (BOURDIEU, 2002). Conforme Bourdieu (2002, p. 49), a violência pode agir “com um gasto extremamente pequeno de energia [...], ela só o consegue porque desencadeia disposições que o trabalho de inculcação e de incorporação realizou naqueles ou naquelas que, em virtude desse trabalho, se vêm por elas capturados”. O autor assevera, ainda, que, simbolicamente, a violência

encontra suas condições de possibilidade e sua contrapartida econômica (no sentido mais amplo da palavra) no imenso trabalho prévio que é necessário para operar uma transformação duradoura dos corpos e produzir as disposições permanentes que ela desencadeia e desperta: ação transformadora ainda mais poderosa por se exercer, nos aspectos mais essenciais de maneira invisível e insidiosa, através da insensível familiarização com um mundo físico simbolicamente estruturado e da experiência precoce e prolongada de interações permeadas pelas estruturas de dominação. (BOURDIEU, 2002, p. 49-50).

Pierre Bourdieu (2007, p. 7-8) caracteriza a violência simbólica como uma forma de “[...] violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais

precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou [...] do sentimento”. As falas do teórico indicam que a violência simbólica se refere principalmente às maneiras sutis de exclusão social que são utilizadas por indivíduos, grupos ou organizações. Sob a ótica de Rosa (2007, p. 40) esta violência representa

[...] uma forma de violência invisível que se impõe numa relação do tipo subjugação-submissão, cujo reconhecimento e a cumplicidade fazem dela uma violência silenciosa que se manifesta sutilmente nas relações sociais e resulta de uma dominação [...] em que a realidade e algumas de suas nuances são vividas como naturais e evidentes. (ROSA, 2007, p. 40).

Os indivíduos que sofrem violência simbólica podem ser cúmplices dessa situação sem perceberem ou mesmo contra a sua vontade, aceitando tacitamente os limites impostos. Tal condição assume muitas vezes a forma de emoções corporais como vergonha, humilhação, timidez, ansiedade e culpa ou sentimentos como amor, admiração e respeito, que podem se revelar em manifestações visíveis como o enrubescer, o gaguejar, o tremor ou a raiva e em outras maneiras de se submeter, mesmo que de má vontade (BOURDIEU, 2002). Bourdieu (2002, p. 50) afirma que é ilusório acreditar que as relações da violência simbólica para com o indivíduo afetado serão “vencidas apenas com as armas da consciência e da vontade, pois os efeitos e as condições de sua eficácia estão duradouramente inscritas no mais íntimo dos corpos”.

Salienta-se que, embora o conceito de violência esteja vinculado a um contexto simbólico, este não menospreza outros conceitos de violência, como, segundo a Organização Mundial da Saúde (2017), “[...] o uso da força física ou poder, em ameaça ou na prática, contra si próprio, outra pessoa ou contra um grupo [...]”. Para Bourdieu (2002, p. 45), “ao se entender o ‘simbólico’ em um dos seus sentidos mais correntes, supõe-se por vezes que enfatizar a violência simbólica é minimizar o papel da violência física [...]”. O autor (2002, p. 45) complementa que

[...] ao se entender “simbólico” como o oposto de real, de efetivo, a suposição é de que a violência simbólica seria uma violência meramente “espiritual” indiscutivelmente, sem efeitos reais. E esta distinção simplista, característica de um materialismo primário, que a teoria materialista da economia de bens simbólicos [...] visa a destruir, fazendo ver, na teoria, a objetividade da experiência subjetiva das relações de dominação. (BOURDIEU, 2002, p. 45).

Como efeito dessa violência, o indivíduo pode vir a incorporar a si o discurso de marginalizado e incapaz à sua realidade social como se essa realidade fosse “natural”, e essa

ideia do que é ser “natural” entre os grupos de pessoas é uma das principais categorias legitimadoras de modos dominantes de existir e perceber a realidade (BOURDIEU, 2007). Bourdieu (2007) reitera que essa distinção entre ser “natural” e “normal” na sociedade exclui as demais possibilidades, tornando-as não legítimas.

A violência simbólica se dissemina nos interesses das classes sociais mais abastadas (BOURDIEU, 2007). Na perspectiva de observação e entendimento de Bourdieu (2007, p. 66), esta “se institucionaliza e se reproduz em consequência da construção sócio-histórica da desigualdade e exclusão social dos menos favorecidos, por intermédio do esforço de instituições específicas como a família, a igreja, a escola e o Estado”. A sociedade, como espaço social, é uma estrutura com divergências que foram fundamentadas na objetividade, por interesses de classes, por meio da valorização e da legitimação de determinadas formas de poder ou diferentes tipos de capital, entendidos como eficientes para aquele dado universo social, e, como resultado, estabeleceu-se uma “distinção natural” entre os grupos de pessoas. O processo fundador dessa explanação, a “distinção natural”, fundamenta-se no poder da classe dominante de deliberar a aceitação de excelência, a qual se refere à sua maneira de existir (BOURDIEU, 2007). A distinção natural traz a discussão do que é considerado normal ou não na sociedade, criando uma reflexão do que é ser diferente e do que pode ser reconhecido como legítimo ou ideal. Complementando, Bourdieu (2002, p. 46) expõe que a violência simbólica

se institui por intermédio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante (e, portanto, à dominação) quando ele não dispõe, para pensá-la e para se pensar, ou melhor, para pensar sua relação com ele, mais que de instrumentos de conhecimento que ambos têm em comum e que, não sendo mais que a forma incorporada da relação de dominação, fazem esta relação ser vista como natural; ou, em outros termos, quando os esquemas que ele põe em ação para se ver e se avaliar, ou para ver e avaliar os dominantes (elevado/baixo, masculino/feminino, branco/negro etc.), resultam da incorporação de classificações, assim naturalizadas, de que seu ser social é produto. (BOURDIEU, 2002, p. 46).

Esse tipo de violência, quase sempre doce e invisível, evoca com sutileza exemplos suficientemente numerosos, bastante diversos e bem gritantes de situações concretas que se impõem de maneira mais indiscutível que a descrição das interações em seus mínimos detalhes (BOURDIEU, 2002). Com relação às tendências de submissão à violência simbólica, Bourdieu (2002, p. 51) aduz que são

resultantes das estruturas objetivas, como também que essas estruturas só devem sua eficácia aos mecanismos que elas desencadeiam e que contribuem para sua

reprodução. A violência simbólica não pode se exercer sem a colaboração dos que lhe são subordinados e que só se subordinam a ele porque o constroem como poder. (BOURDIEU, 2002, p. 51).

Acrescentando à ideia de violência simbólica, Bourdieu (2002, p. 53) cita que a mesma “não se processa por meio de um ato de conhecimento e de desconhecimento prático, ato este que efetiva aquém da consciência e da vontade e que confere seu poder hipnótico a todas as suas manifestações, injunções, sugestões, seduções, ameaças, censuras ou ordens”. O sociólogo argumenta que a simbologia dessa violência se conecta a dominação do sexo masculino, o qual tem o funcionamento atribuído a cumplicidade das tendências para a perpetuação ou transformação das estruturas sociais.

Tendo em vista a abordagem teórica da violência simbólica no campo das temáticas de gênero, será retratada na seção a seguir a influência desse ato discriminatório sobre as relações sociais de indivíduos orientados sexualmente à homossexualidade no ambiente organizacional.

2.3 VIOLÊNCIA SIMBÓLICA, HOMOSSEXUALIDADE E ORGANIZAÇÕES

Segundo Carrieri *et al.* (2013, p. 171), o preconceito é uma palavra “que caracteriza a exclusão daqueles que se distanciam do ‘padrão de normalidade’ social e caracteriza uma manifestação insidiosa da violência simbólica”. Destacam-se entre as diversas formas de preconceito advindas do mundo social, para os autores, as direcionadas à homossexualidade. Os autores complementam, inclusive, que a heteronormatividade

[...] expressa a violência simbólica impetrada nas organizações sociais a respeito da homossexualidade. A separação de indivíduos, sua classificação em homossexuais e heterossexuais caracteriza a distinção. Realizada a distinção no mundo social, há que se voltar o olhar sobre como tal distinção opera no espaço das organizações de trabalho. Há, também, a necessidade de se perceber a disputa/luta pela dominação que se opera nesse campo. (CARRIERI *et al.*, 2013, p. 174).

Sob essa perspectiva, o profissional homossexual vive em uma espécie de conflito, com a busca de produção de novas verdades, pelo domínio do simbólico (BOURDIEU, 2007). Conforme explanado por Bourdieu (2007), a violência simbólica é disseminada pelos interesses das classes sociais mais elevadas, causando a exclusão das minorias. À luz dessa natureza, emerge a heteronormatividade a qual se refere as práticas sociais que legitimam e

privilegiam a heterossexualidade, ao passo que classifica como natural e fundamental apenas esta sexualidade (COHEN, 1997). Carrieri *et al.* (2013) complementam que há

[...] a dominação e a violência simbólica, violência silenciosa na qual [...] as percepções são naturalizadas. [...]. A violência (simbólica) se dá pela imposição de modos de perceber a realidade, definidos pelos interesses de determinados grupos sociais. É uma violência institucionalizada, que se reproduz na diferenciação e na exclusão de ideias, modos de ver e agir de uns em detrimento da valorização, da legitimação de outros. (CARRIERI *et al.*, 2013, p. 173).

No contexto das minorias, fazendo uma analogia com a violência silenciosa, Siqueira e Zauli-Fellows (2006) apontam como tipos de violência enfrentados pelos homossexuais nas organizações as piadas homofóbicas, não ter os mesmos direitos (visíveis ou não) e não receber as mesmas oportunidades e tratamentos compatíveis com aqueles conferidos a heterossexuais, mesmo que de forma velada. Essa violência simbólica é caracterizada pela discriminação sofrida pelos homossexuais, bem como pela estigmatização e pela invisibilidade a que indivíduos estão submetidos. Bourdieu (2007) corrobora tal argumento quando afirma que

[...] a forma particular de dominação simbólica de que são vítimas os homossexuais, marcados por um estigma que [...] pode ser ocultado (ou exibido), impõe-se através de atos coletivos de categorização que dão margem a diferenças significativas, negativamente marcadas, e com isso a grupos ou categorias sociais estigmatizadas. Como em certos tipos de racismo, ela assume, no caso, a forma de uma negação da sua existência pública, visível. A opressão como forma de “invisibilização” traduz uma recusa à existência legítima, pública, isto é, conhecida e reconhecida, sobretudo pelo Direito, e por uma estigmatização que só aparece de forma realmente declarada quando o movimento reivindica a visibilidade. Alega-se, então, explicitamente, a “discrição” ou a dissimulação que ele é ordinariamente obrigado a se impor. (BOURDIEU, 2007, p. 143).

Para Bicalho e Diniz (2009), as formas de violência simbólica com maior número de eventos são as relacionadas ao desmerecimento do homossexual em comparação ao heterossexual e, também, à exclusão dos ciclos sociais, que se estende ao ambiente de trabalho com relação à perda de promoções, à dificuldade de crescimento na carreira e à inserção no mercado de trabalho.

Nas organizações, a orientação sexual de um indivíduo compreende a reflexão de que a padronização da sexualidade, de forma heteronormativa, regula o modo como as relações sociais devem ser estabelecidas, sendo sustentadas por padrões de normalidade heterossexual que visam impor as normas sobre os corpos, tal qual os traços de cada ser humano. Em consonância, Irigaray (2011) explica que essa normativa se refere à crença de superioridade

de um ser heterossexual, assim como à consequente exclusão, proposital ou não, de indivíduos homossexuais, evidenciadas no ambiente de trabalho. De acordo com o autor, “[...] as pessoas são muito mais propensas a aceitar as diferenças étnicas, sociais e de gênero do que a diversidade de orientações sexuais, e essa realidade se reflete no cotidiano organizacional” (IRIGARAY, 2011, p. 46).

A respeito do sistema social, pautado nas relações de controle, Foucault (1987) alega que a necessidade de normatizar a heterossexualidade está altamente vinculada às questões de poder intrínsecas à sociedade, exercendo um elo de dominação e submissão dos indivíduos, os quais são educados em um padrão de “normalidade” que busca moldá-los conforme a obediência às relações de poder.

Todavia, ao argumentar sobre a heterossexualidade de maneira ideológica, fundamenta-se que esta propõe uma série de arranjos sociais que sustentam as relações de poder. Para isto, Moreira (2010, p. 48) menciona que, “ao estabelecer certos papéis sexuais como dados naturais da organização social, as instituições governamentais contribuem para a reprodução de relações de poder como algo constitutivo das interações humanas.” Nessa conjuntura, Miskolci (2007) complementa denunciando o pressuposto de que a heterossexualidade é algo natural e inerente ao ser humano, sendo primordial para a vida em sociedade.

Para investigar a violência sofrida por homossexuais no ambiente organizacional, Bicalho e Diniz (2009) realizaram uma pesquisa qualitativa na qual abordaram a violência simbólica contra homossexuais em organizações de algumas capitais do Brasil. A pesquisa baseou-se na análise do discurso dos entrevistados, e os autores concluíram que a violência simbólica promove a perda da autoconfiança, tanto pessoal quanto profissionalmente. Além disso, a pesquisa revelou que os homossexuais com comportamentos femininos eram alvos frequentes de violência simbólica.

Complementando a pesquisa dos autores citados anteriormente, Siqueira *et al.* (2009) estudaram a violência moral no trabalho. O estudo dos autores foi realizado por meio de entrevistas com nove homossexuais e constatou que esses indivíduos sofreram diversas formas de violência nas organizações onde atuavam, tanto de forma explícita quanto sutil.

Bicalho e Diniz (2009) acrescentam, também, que existe uma clara dominação dos heterossexuais sobre os homossexuais quando estes buscam se ajustar ao modelo

heteronormativo, quando necessitam negar a sua identidade e impõem a si mesmos diversos tipos de controle de comportamento, como ocultar a sua orientação sexual ou assumir uma identidade que não é sua. Adotam, ainda, um ponto de vista de uma sociedade sexista e homofóbica, discriminando outros homossexuais com trejeitos femininos (BICALHO; DINIZ, 2009; MEDEIROS, 2007).

Segundo Souza e Pereira (2010), os homossexuais definem como aceitáveis os indivíduos que demonstram comportamentos masculinos, assim evidenciando que existe uma naturalização do modelo heterossexual pelos homossexuais e o estabelecimento de regras de funcionamento similares às da heterossexualidade (SOUZA; PEREIRA, 2010). Esse tipo de comportamento corrobora os conceitos explanados por Bourdieu sobre o que é ser “natural”.

Os indivíduos homossexuais tendem a aceitar, mesmo que constrangidos e forçados, o insulto do opressor, além de viverem envergonhadamente a experiência sexual. Do ponto de vista dos que praticam a violência, as vítimas equilibram-se entre o medo de serem vistas e o desejo de serem reconhecidas pelos demais homossexuais (BOURDIEU, 2012).

Corroborando a ideia de Pierre Bourdieu sobre o medo que os homossexuais têm de expor a sua sexualidade, Ferreira e Siqueira (2007, p. 4) sugerem que a metáfora *coming out*, forma abreviada de *coming out of the closet*, refere-se “[...] ao processo de revelação da orientação sexual, de assumir-se como homossexual diante das pessoas com quem se convive [...]”, propondo um ideal libertário ao sugerir que o homossexual assuma a sua sexualidade no meio em que está inserido. Elucidando essa afirmação, Nunan (2015) pontua que o ato de “sair do armário”, além de revelar a orientação sexual do indivíduo, torna-se visível e culturalmente inteligível na medida em que desafia abertamente o discurso sexual hegemônico estabelecido socialmente.

Na análise de Pollak (1985), assim como a “saída do armário” se traduz em uma aceitação individual da orientação homossexual de modo positivo, significa um

[...] duplo processo de integração na comunidade homossexual e de afirmação da homossexualidade para o exterior, não somente como aprendizado e aceitação da homossexualidade, mas como a busca de um estilo de vida. (POLLAK, 1985, p. 71-72).

Diante do risco eminente, no que se refere à discriminação contra os homossexuais em um ambiente apontado como heteronormativo, Medeiros (2007) destaca que o meio profissional é onde a discriminação torna-se mais presente, considerando os três espaços

sociais em que as relações se estabelecem: o familiar, o social e o profissional. Segundo a autora, o espaço de trabalho desempenha um importante papel quando relacionado à composição da estrutura da personalidade do profissional.

Na realidade, os homossexuais acabam levando uma espécie de “vida dupla”. Em especial em seu ambiente de trabalho e com seus colegas de trabalho, abdicam de parte de sua vida para se adaptarem ao padrão heterossexual e, dessa forma, tentar fugir à discriminação que sofreriam por sua orientação sexual. (MEDEIROS, 2007, p. 85).

Salienta-se, ainda, que a manifestação da sexualidade no ambiente organizacional pode provocar diversos problemas nas relações sociais dos homossexuais, uma vez que, de acordo com Ferreira e Siqueira (2007), alguns aspectos estão diretamente ligados à ascensão profissional dos indivíduos, bem como aos preconceitos sociais e atos de homofobia sofridos por estes. Esses aspectos são refletidos na organização como um todo e mantidos, muitas vezes, por discursos discriminatórios pré-existentes no próprio espaço de trabalho.

Em termos estruturais, o contexto organizacional reproduz relações sociais pautadas em uma constituição familiar controladora, de modo a inibir a revelação sexual do indivíduo. À luz dessa perspectiva, Switalski (2019, p. 39) elucida que “a metáfora da família anula a condição sexual dos sujeitos a partir das relações de poder estabelecidas pelo seu modelo patriarcal.” Para o autor, a dominação da sexualidade torna-se evidente neste meio na medida em que perpetua o caráter heterossexual como uma forma de controle, excluindo os indivíduos orientados pelos desejos sexuais.

Isto posto, a fim de problematizar o ambiente de trabalho como um espaço discriminatório para os profissionais com diferentes orientações sexuais, Siqueira e Zauli-Fellows (2006, p. 76) asseveram que “[...] indivíduos homossexuais das mais variadas profissões tendem a esconder a orientação sexual, na tentativa de evitar a discriminação e o enfraquecimento da carreira profissional.” Além disso, os autores citam que o homossexual enfrenta um importante dilema de se revelar por intermédio do *coming out* ou de manter-se oculto, considerando essa decisão delicada por depender da percepção do indivíduo no que tange ao próprio prejuízo profissional, a qual induz na maior parte das vezes à omissão dessa orientação.

O processo de sair ou não do armário é de suma importância, uma vez que, conforme Ferreira e Siqueira (2007), os efeitos provocados por esse ato influem rigorosamente na

carreira profissional do indivíduo homossexual. Os pesquisadores aduzem que os homossexuais assumidos são mais direcionados para carreiras que aceitem a sua orientação sexual dentro e fora do ambiente de trabalho, opondo-se aos indivíduos que se demonstram “enrustidos”, os quais se voltam a escolhas fundamentadas em valores profissionais mais tradicionais, como compromisso, *status* e estabilidade.

Ferreira e Siqueira (2007) apontam que os profissionais que assumem a sexualidade homossexual tornam-se alvos de ações homofóbicas, originando barreiras e dificuldades tanto na ascensão profissional quanto no relacionamento social. Os autores realizaram uma pesquisa sobre o *coming out* nas organizações, na qual entrevistaram quinze homossexuais em diferentes empresas. Nesse estudo, verificaram que as políticas de diversidade relacionadas a homossexuais são bastante omissas, permeando um ambiente conservador, de modo que permitam que os homossexuais revelem sua identidade, mantendo-os no “armário”.

Para Siqueira e Zauli-Fellows (2006), ainda que a orientação sexual seja apenas uma das inúmeras características que definem a personalidade de um indivíduo, esta demonstra-se fundamental para como o ser humano se percebe e é percebido pelos outros em seu convívio, fazendo com que se sinta parte de um grupo social.

A ênfase nas ações discriminatórias contra a orientação sexual dos indivíduos nas organizações, referindo-se principalmente aos homossexuais, se acentua à medida que esses atos contribuem para as mais diversas formas de violência. Em razão disso, Borrillo (2010) pontua que, semelhantemente a outros modos de exclusão, a violência homofóbica visa inferiorizar, desumanizar, diferenciar e distanciar os indivíduos homossexuais, uma vez que limita a sexualidade à ordem clássica dos gêneros.

Ressalta-se que, de acordo com Freire e Cardinali (2012), a compreensão da violência homofóbica no contexto organizacional vai além da teoria, pois, em um sentido mais amplo, esta pode assumir dois aspectos distintos – físico e não físico. O primeiro sugere que o indivíduo seja atingido na integridade do seu corpo, por meio de agressões físicas; já o segundo se comporta como uma forma de violência simbólica (FREIRE; CARDINALI, 2012), sustentada por hostilidades e insultos verbais.

Portanto, do ponto de vista simbólico, os tipos de violência sofridos por homossexuais são fundamentais para a compreensão das relações sociais no ambiente de trabalho, uma vez

que esta influencia a construção social dos indivíduos, dado o seu carácter heteronormativo. No próximo capítulo, serão exibidos os procedimentos metodológicos do trabalho.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O referido capítulo expõe os procedimentos metodológicos adotados na pesquisa, os quais visam atender às necessidades do estudo a partir dos objetivos específicos inicialmente alvitrados. Para tanto, defende-se a aplicação de alguns critérios, pautados na classificação de tipologias retratados nos seguintes arranjos: caracterização da pesquisa, coleta de dados e análise de dados.

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

À luz da natureza, a pesquisa é conceituada como básica ou aplicada. Uma pesquisa básica tem como premissa ampliar o conhecimento humano, obtendo caráter teórico e interesse universal (GIL, 2007). Logo, essa pesquisa categorizou-se como básica, tendo em vista as discussões sobre violência simbólica, as quais propõem enriquecer os debates dessa temática.

De acordo com Marconi e Lakatos (2004), a abordagem de uma pesquisa pode ser considerada quantitativa ou qualitativa. A pesquisa qualitativa tem por finalidade analisar e interpretar aspectos profundos e detalhados, não mensuráveis. Fomentando uma avaliação precisa, esta promove uma análise mais particular, tal como é recomendada para estudos voltados a grupos sociais ou indivíduos (MARCONI; LAKATOS, 2004). Todavia, a pesquisa dispõe de uma abordagem qualitativa, dado que pretende-se entender a violência simbólica enfrentada pelos homossexuais masculinos no espaço organizacional por meio de entrevistas, compreendendo e interpretando, assim, as suas vivências nas organizações.

No que tange aos objetivos do trabalho, Gil (2007) aduz que as pesquisas são conhecidas por três grandes grupos, exploratórias, descritivas ou explicativas. Para o autor, a pesquisa descritiva tem a intenção de estudar as características de um grupo, levantando opiniões, atitudes e crenças de uma população. Dessa forma, a pesquisa classifica-se como descritiva, atendendo o estudo da violência simbólica com homossexuais masculinos e a sua relação com o ambiente de trabalho, a fim de compreender suas experiências em um determinado contexto.

Em síntese, a monografia beneficiou-se do estudo de caso como procedimento técnico, sendo este definido como uma investigação empírica sobre um fenômeno contemporâneo dentro da sua própria conjuntura. O estudo de caso é uma estratégia de pesquisa que permite analisar o fenômeno de maneira pormenorizada, dentro de sua especificidade histórica e com suas particularidades características (YIN, 1994). A utilização do estudo de caso justifica-se pelo alcance de informações acerca da experiência profissional dos homossexuais masculinos nas organizações com o tema da violência simbólica.

3.2 COLETA DE DADOS

As técnicas de coleta de dados são um conjunto de regras ou processos empregados por uma ciência, ou seja, correspondem à parte prática da coleta de dados (LAKATOS; MARCONI, 2004). No presente trabalho, a coleta de dados se deu mediante entrevistas com os sujeitos de pesquisa, que são os indivíduos que fornecem os dados de que o pesquisador necessita, com intuito de atender aos objetivos específicos (VERGARA, 2005). Ressalta-se, ainda, que os sujeitos da pesquisa compreendem os indivíduos representativos do fenômeno a ser investigado – homossexuais masculinos com no mínimo cinco anos de experiência profissional, a julgar que com esse período de vivência no mercado de trabalho seja mais provável que os sujeitos tenham experiência suficiente para refletir sobre as ocorrências de violência simbólica.

Marconi e Lakatos (2004) asseveram que a entrevista busca a coleta de informações do entrevistado com relação a um determinado assunto por intermédio de conversação de natureza profissional, podendo ser de três tipos, estruturada, semiestruturada e não estruturada. Em virtude disso, optou-se por realizar uma entrevista semiestruturada, a qual se baseia em um roteiro com liberdade na elaboração das perguntas.

Vale salientar que, em concordância com Boni e Quaresma (2005, p. 75), “as entrevistas semi-estruturadas combinam perguntas abertas e fechadas, onde o informante tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto”, permitindo ao entrevistador entender e captar a visão dos participantes da pesquisa. Isto posto, para a execução da entrevista foi estabelecido um roteiro de perguntas com 13 questões, seis fechadas e sete abertas, divididas em três blocos e formuladas com base em critérios relacionados pelos pesquisadores e

pertinentes aos objetivos do estudo. Torna-se oportuno mencionar que estas se encontram no Apêndice I do trabalho.

O primeiro bloco, composto por seis questões fechadas do tipo resposta única, tem como responsabilidade identificar o perfil dos entrevistados contemplando informações sobre idade, nível de escolaridade, ramo da empresa, profissão, local de residência e experiência profissional, conforme apresentado no Quadro 1 abaixo.

Quadro 1 - Perfil dos Entrevistados

Perfil dos Entrevistados						
Entrevistado	Idade	Nível de Escolaridade	Ramo da Empresa	Profissão	Local de Residência	Experiência Profissional
Luiz Mott	Maior de 34 anos	Superior Completo	Serviço Público	Revisor	Florianópolis/SC	De 9 a 12 anos
Harvey Milk	De 27 a 30 anos	Superior Completo	Serviço Público	Assistente Administrativo	São José/SC	De 5 a 8 anos
Karl Ulrichs	De 31 a 34 anos	Superior Incompleto	Serviço Público	Assistente Administrativo	Florianópolis/SC	De 5 a 8 anos
Simon Nkoli	Maior de 34 anos	Superior Completo	Industrial	Engenheiro de Produção	São Paulo/SP	De 9 a 12 anos
Ifti Nasim	De 23 a 26 anos	Superior Completo	Comercial	Jornalista	Itajaí/SC	De 5 a 8 anos
Nikolay Alexeyev	De 23 a 26 anos	Superior Completo	Comercial	Arquiteto	Medianeira/PR	De 5 a 8 anos
Rodney Croome	De 23 a 26 anos	Superior Incompleto	Comercial	Instrutor de Yoga	Novo Hamburgo/RS	De 5 a 8 anos
Antônio Serzedelo	Maior de 34 anos	Superior Completo	Educacional	Professor Universitário	Canoas/RS	De 17 a 20 anos
Carlos Jaúregui	De 23 a 26 anos	Superior Completo	Comercial	Arquiteto	Novo Hamburgo/RS	De 5 a 8 anos
Boris Dittrich	Maior de 34 anos	Superior Completo	Comercial	Gerente de Negócios	São Paulo/SP	Mais de 20 anos
Massimo Consoli	De 31 a 34 anos	Superior Completo	Serviço Militar	Militar	Maceió/AL	De 13 a 16 anos
Arsham Parsi	De 27 a 30 anos	Ensino Médio Completo	Prestação de Serviço	Técnico de Ar condicionado	Palhoça/SC	De 9 a 12 anos

Fonte: Elaborado pelos autores (2020).

Já o segundo e terceiro blocos, constituídos por sete questões abertas, possuem perguntas introdutórias e específicas, as introdutórias transportam o sujeito para dentro do universo da pesquisa e, as específicas, guiam o entrevistado a reflexões relativas às experiências de situações de exclusão, deslocamento, insegurança, preconceito explícito, entre outras, alicerçadas no pano de fundo da violência simbólica, tema central do trabalho.

Ademais, realizou-se um pré-teste do roteiro de perguntas com um sujeito da pesquisa para avaliar a efetividade do instrumento em relação à teoria. Isso se deve ao fato de que todo o roteiro de entrevista requer a submissão de um pré-teste para que seja aferida a sua eficiência, propiciando o seu aperfeiçoamento quando necessário (COLOGNESE; MÉLO, 1998). Sob essa ótica, considerou-se imprescindível o refinamento de algumas questões de modo a melhorar a compreensão dos respondentes e, conseqüentemente, os resultados, uma vez que a primeira versão do roteiro se mostrou longa e repetitiva, levando tanto o participante à fadiga, pelo excesso de perguntas, como à falta de progresso no diálogo, pela repetição das respostas.

No estudo, foram conduzidas entrevistas gravadas em áudio com 12 sujeitos da pesquisa de forma presencial, bem como virtual, por meio de videochamadas de Whatsapp, haja vista que a linguagem oral é mais espontânea e próxima para capturar a vivência do entrevistado, o qual, para Brioschi e Trigo (1987, p. 633), “[...] detém um saber que lhe é próprio decorrente de sua experiência de vida, capaz de atribuir significado às suas ações e ao seu discurso, expressando e articulando seus pensamentos à sua maneira”. Sobretudo, é de suma importância relatar que algumas entrevistas ocorreram virtualmente pois a monografia está sendo desenvolvida em meio a uma pandemia, o que dificulta a comunicação presencial devido ao isolamento social. A respeito da técnica adotada para localizar os sujeitos da pesquisa, mobilizou-se a rede de contatos dos próprios pesquisadores.

Quanto à identidade dos entrevistados, Gibbs (2009) alude que é de cunho essencial a garantia de anonimato dos sujeitos da pesquisa, tal qual a ciência do destino dos dados fornecidos. Por essa razão, propôs-se assegurar o anonimato dos participantes do trabalho mediante termo de confidencialidade elaborado pelos pesquisadores, deixando claro o interesse exclusivo nas histórias coletivas e não em aspectos individuais. Nesse sentido, buscou-se identificar os respondentes a partir de uma homenagem a ativistas mundiais do movimento LGBT, com o propósito de enfatizar a notoriedade da luta histórica dos

homossexuais e a relevância da violência contra estes, nos âmbitos social e profissional, ainda que por diversas vezes simbólica.

3.3 ANÁLISE DE DADOS

No percurso metodológico da pesquisa, Gil (1999, p. 168) cita que “a análise tem como objetivo organizar e resumir os dados de tal forma que possibilitem o fornecimento de respostas ao problema proposto para investigação [...]”. Contudo, de maneira qualitativa, a análise de dados visa à compreensão do caráter multidimensional dos fenômenos no tocante a sua manifestação natural, auxiliando a percepção do indivíduo em um âmbito pré-estabelecido (ANDRÉ, 1938). Diante do exposto, a abordagem de análise do estudo configurou-se como qualitativa, visto que os relatos de violência simbólica contra homossexuais masculinos permitem um melhor entendimento das suas vivências e experiências no meio em que estão inseridos.

O artifício analítico envolve diversos fatores que auferem significados aos dados coletados ao passo que a sua interpretação ocorra conforme as técnicas de segmentação de um texto, as quais podem ser classificadas como análise textual, análise temática e análise interpretativa. Andrade (2006) revela que a análise interpretativa demonstra a relação entre a ideia do pesquisador e do sujeito investigado a partir da apreensão do conteúdo descrito frente a uma área de conhecimento, identificando argumentos comuns às partes envolvidas. Partindo desse pressuposto, a monografia alicerçou-se na técnica de análise interpretativa, a julgar pela formação de um juízo crítico sobre o valor da violência simbólica nas organizações para os discursos de gênero no campo da homossexualidade.

Cabe ressaltar, ainda, que, em uma primeira ocasião, cada história será analisada separadamente pretendendo atribuir rótulos relacionados à violência simbólica para que, posteriormente, haja uma avaliação conjunta das narrativas com o intuito de compreender as categorias que se revelam mais expressivas, bem como comum a mais de uma entrevista.

Intitulada como uma pré-análise, a transcrição de uma entrevista é inerente a etapa de interpretação dos dados de uma pesquisa. Além da mera transposição de informações orais em materiais escritos, esse processo proporciona um segundo momento de escuta dos pesquisadores, no qual se permeiam impressões e hipóteses que afloram suas intuições e

sugerem uma ideia de composição dos dados coletados (MANZINI, 2008). No que se refere à transcrição das experiências narradas, Queiroz (1991, p. 6) afirma que esta reproduz para os sujeitos da pesquisa “o relato de um narrador sobre sua existência através do tempo, tentando reconstituir os acontecimentos que vivenciou e transmitir a experiência que adquiriu”. Destarte, há a obrigação de que a transcrição da entrevista gravada acerca dos eventos preconceituosos sofridos pelos homossexuais, atores sociais do estudo, exiba total conformidade com a mensagem recebida pelos entrevistadores. De forma fidedigna, a transcrição completa das gravações das entrevistas se sucedeu por intermédio da ferramenta Word. Evidencia-se que, com a obtenção das informações coletadas, os investigadores buscaram elementos primordiais em cada um dos relatos, os quais se fundiram em uma só história, trazendo à tona o questionamento da violência simbólica contra homossexuais masculinos no cenário organizacional.

Ao findar a explanação da metodologia, serão apresentados no capítulo seguinte os resultados alcançados pela monografia, que abrange a narrativa dos sujeitos da pesquisa, proveniente das entrevistas, culminando nos objetivos do trabalho, assim como no êxito da investigação desenvolvida.

4 RESULTADOS

O presente capítulo retrata as categorias identificadas nos depoimentos dos homossexuais masculinos entrevistados, as quais problematizam o ambiente de trabalho e as condutas sociais, refletindo as violências simbólicas à orientação sexual dos indivíduos. Sobretudo, com base na percepção dos respondentes, as formas de violência encontradas foram descritas sob os seguintes rótulos: heteronormatividade, dominação masculina, julgamento, medo e humilhação.

4.1 HETERONORMATIVIDADE

As narrativas apresentadas pelos participantes da pesquisa demonstram que a norma heterossexual instituída na sociedade estabelece padrões de aceitação pautada em um caráter de naturalidade atribuído apenas à binaridade dos sexos. Contudo, busca-se a abordagem da temática a partir do rótulo “heteronormatividade”, exposto nesta seção.

O modelo heterossexual normativo propõe a regularização e a normatização das diversas formas de vivência do indivíduo, fundada na conduta social e sexual das relações humanas. Sob a ótica de Passos e Silva (2012, p. 3), a heteronormatividade sugere que homens e mulheres devam seguir um papel moral, dado como correto, o qual define que “[...] todas as demais possibilidades de desejos, prazeres, vidas existentes que não se enquadrem nesta norma sejam designadas como ‘anormal’ [...]”. A imposição hegemônica desta matriz traduz um conceito de anormalidade, introduzido, muitas vezes, no ideário do próprio homossexual, ainda que de maneira inconsciente. Vale-se dessa discussão, a fala do entrevistado António Serzedelo que diz “[...] eu sabia que isso era mais ou menos errado, pensando no que tá *[sic]* normatizado [...]. Aí sempre se desenvolveu meio que como uma ideia de culpa. Me privei de várias coisas e por muito tempo tentei esconder isso [...]”. Já nas palavras do respondente Luiz Mott

[...] como a sociedade vê o gay [breve pausa], depende muito da associação que fazem do homossexual a uma pessoa imoral, anormal, pervertida, e o fato de uma pessoa heterossexual ser considerada dentro dos padrões aceitáveis de normalidade e o gay uma pessoa doente [...].

Na visão do participante da pesquisa, incide sobre a padronização da sexualidade, a noção de que a heteronormatividade mantém as “boas” práticas morais e sexuais, ao passo que suprime, subestima e invisibiliza os indivíduos que contemplam características desviantes, apontadas como doentias. Como consequência, Guimarães (2009) lembra que, esta normativa, reproduz um alto nível reprobatório e, desta forma, legitima e naturaliza as crenças e discursos opressores que alimentam o preconceito na sociedade.

Em um contexto sexual, a normalidade única e imutável é regida exclusivamente pela heterossexualidade. Ratificando tal afirmação, o entrevistado Harvey Milk acredita que “[...] o padrão correto social, e não só o correto, mas o que é comum, mais comum, no sentido daquilo ser mais habitual, ainda é a heterossexualidade [...]”. Segundo o relato do respondente, a homossexualidade não é vista como correta mesmo aos olhos dos homossexuais, pois o senso comum socialmente e culturalmente construído perpetua ideologias que visam colocar as sexualidades em patamares opostos. Cavalcanti (2007) cita que a ambivalência sexual surge no cenário das minorias, uma vez que torna superior e inferior determinadas identidades baseadas na hierarquia normativa dos sexos. De igual modo, o participante da pesquisa António Serzedelo dispõe deste argumento ao declarar que “[...] as pessoas [...] tentam hierarquizar o fato de tu ser gay e tal, te colocar numa posição inferior [...]”. O arranjo inferiorizado de um estigma anormal, ao qual o homossexual está sujeito, pode motivar perturbações identitárias geradas a partir de frustrações ocultas, decorrentes do imaginário do próprio indivíduo ao se ver como um ser incorreto e inaceitável à regra. Ademais, o entrevistado António Serzedelo acrescenta que

[...] a gente vê de uma sociedade hierarquizada por gênero, onde as pessoas, os homens, se acham superiores, de alguma forma, a todos. Provavelmente por eles terem posições de poder que fazem com que eles se sintam superiores a todos os gêneros. Ai essa ideia da superioridade do masculino sobre o homossexual [...].

Sendo uma propriedade da desigualdade de gênero, a estrutura hierarquizada dos sexos distingue os seres humanos pelos valores sociais e sexuais que caracterizam a sociedade, negados aos preceitos igualitários. Para Vaitsman (1990), transposto igualmente à heterossexualidade e à homossexualidade, o princípio hierárquico histórico visa enaltecer o papel do homem e desvalorizar o da mulher.

A inferioridade da homossexualidade permite a repercussão de comportamentos ocultos em ambientes de convívio social, a julgar pela fala do participante da pesquisa Luiz

Mott, o qual menciona que “o que pra [sic] mim fica muito claro é o fato de que é muito mais aceitável que o homossexual viva uma mentira pra [sic] poder ser aceito na sociedade, no trabalho, do que, propriamente, as pessoas respeitarem as diferenças sexuais”. Nota-se com esta alegação, que o meio social interfere diretamente na liberdade sexual dos indivíduos, posto que dita as regras aceitáveis na sociedade. Por este ângulo, o respondente Karl Ulrichs enfatiza que “em determinados ambientes que eu tô [sic] inserido, eu tenho que ser uma coisa e em determinados ambientes eu consigo ser eu de verdade, [...] ao andar na rua ou em algumas situações eu não posso ser homossexual porque eu sei que vou sofrer preconceito”. A heteronormatividade para o participante da pesquisa, questiona o seu posicionamento sexual frente a lugares específicos, trazendo a certeza de uma norma desigual quando equiparada à heterossexualidade.

Vale salientar que o ambiente arbitrário pode silenciar a identidade dos seres humanos na medida em que não considera a essência do indivíduo, isso porque, conforme Souza e Pereira (2013), a contradição à normativa heterossexual desencadeia multiplicidades sexuais historicamente reprimidas e reproduz novos delineamentos que sugestionam a lógica binária. Com o alicerce da heteronormatividade, o ambiente organizacional, como um espaço de convívio social, conduz à trajetória cultural de dualidade dos sexos, ao passo que problematiza os estigmas discriminatórios de heterossexuais contra homossexuais. À luz dessa perspectiva, o entrevistado Simon Nkoli elucidada que na sua carreira profissional

[...] o que fica mais marcante assim são os traços culturais da organização e como a cultura machista e preconceituosa permeia a cultura da empresa, né [sic]? Eu trabalho numa empresa, numa indústria bastante tradicional, bastante machista, [...] Talvez se eu trabalhasse em outro ramo onde a presença de homossexuais é maior e tal, eu sentiria menos a pressão dessa cultura organizacional sobre mim [...].

Ao realçar a cultura machista, o respondente aponta que as organizações tradicionais tendem a retratar o conservadorismo da norma heterossexual, condicionando papéis sociais de homens e mulheres mediante natureza biológica. Corroborando a ideia, Harvey Milk, o participante de pesquisa, justifica a sua relação social com base na mesma cultura “hétera” masculina, assim denominada pelo entrevistado, quando se refere a afinidade com mulheres no local de trabalho, “[...] por isso que eu me aproximava mais desse grupo, por questões de afinidade, até por fatores culturais, porque como eu não sou hétero [...], então eu não tava [sic] necessariamente inserido naquela cultura “hétera” [heterossexual] masculina, [...]”.

Ressalta-se, ainda, que ambos os entrevistados, relacionam a conduta excludente apenas à sexualidade masculina, a qual representa fortemente a heteronormatividade no campo da homossexualidade. De acordo com Silva (2018, p. 137), o dilema da norma heterossexual atribuída ao gênero masculino, advém da heterossexualidade compulsória, dado que cabe ao homossexual assumir o papel da mulher, “[...] deixando claro que, todo aquele que não segue o padrão imposto tende a ser associado aos corpos masculinos que ‘abdicaram da virilidade de um homem que seja realmente homem’ [...]”, sendo este o sujeito homossexual.

Como um elemento da heteronormatividade, a heterossexualidade, de forma compulsória, rotula a homossexualidade a características e comportamentos masculinos, em virtude da anatomia humana. Para tanto, insere-se como um estigma discriminatório, a narrativa do respondente Rodney Croome, que alude sobre o seu gosto feminino, aduzindo que

Nós temos que modificar quem a gente é pra [sic] poder trabalhar porque, por exemplo, sou uma pessoa que gosto de usar maquiagem, gosto de ter cabelo colorido, gosto de ser mais feminino, mas como eu sou visto como um homem, eu preciso, quando eu tô [sic] no trabalho, tirar o meu lado feminino pra [sic] ser o que a empresa quer, seguir uma regra, sabe? Mas uma regra que eu não quero seguir, eu quero ser eu de verdade.

Por sua vez, em conformidade com o relato do participante da pesquisa Rodney Croome, o entrevistado Luiz Mott insinua que “[...] os ambientes que têm na sua maioria homens heterossexuais, faz com que os homossexuais tenham maiores dificuldades em assumir a sua sexualidade, [...]”. Logo, a obrigatoriedade de um ambiente heterossexual, composto em maior número por homens, torna-se prejudicial à identificação do homossexual, uma vez que esse dissemina hostilidades e situações de preconceito contidas em um juízo moralista. Na fala do respondente Karl Ulrichs, “[...] o fato de ter muito homem e muito homem heterossexual faz o ambiente ser homofóbico porque a gente vive numa sociedade muito homofóbica [...]”. Ferreira (2007) assevera que o indivíduo homossexual vive em constante adaptação aos ambientes sociais quando o assunto é a sua orientação sexual, tendo em vista que esse deve negar a própria sexualidade a fim de evitar ações discriminatórias. Nessa concepção, o participante da pesquisa Arsham Parsi expõe que a sua dificuldade em se assumir baseia-se nas atitudes masculinas, pois, nas palavras do entrevistado, “[...] por eles terem um comportamento mais machista e fazer muitos comentários preconceituosos, [...] eu nunca me senti à vontade pra [sic] tocar nesse assunto [...]”. A norma machista praticada no

âmbito profissional contribui para a aversão dos homossexuais, se enquadrando como uma forma de controle das diferentes identidades anteriormente irreconhecíveis na sociedade.

O percurso histórico das sexualidades não-binárias revelam que a existência de uma heterossexualidade compulsória visa proteger a norma estabelecida e inibe a visibilidade dos demais gêneros, muitas vezes, por meio de ações discriminatórias categorizadas como homofóbicas. No mérito da rejeição à homossexualidade, o respondente Boris Dittrich conta que “[...] a grande questão da homofobia no ambiente corporativo é que ela é uma ação muito subliminar mesmo, [...]”. Fazendo alusão a este comentário, o participante da pesquisa complementa ponderando que

[...] Os homofóbicos, os misóginos, seja lá quem tá [sic] lá promovendo o preconceito, ele não vai xingar, ele vai brigar com o gay ou assassinar um gay, ele simplesmente, se ele tiver numa posição de contratar, ele não vai contratar um gay, se ele tiver na posição de promover, ele não vai promover um gay, e ele sempre vai dificultar a ascensão desse gay no ambiente corporativo. [...] É muito complicado você provar homofobia quando ela é estrutural e caracterizada de uma maneira tão subliminar [...].

Reiterada de maneira sutil nas organizações, a homofobia se faz presente por impulsionar o preconceito social, produzindo a invisibilidade das identidades sexuadas, bem como legitimando as práticas de inferiorização humana. Ao abordar sobre os obstáculos resultantes da repulsa contra os homossexuais em sua trajetória, o entrevistado António Serzedelo profere que “[...] por todas as instituições pelas quais eu passei, é possível perceber que há barreiras invisíveis que impedem que as mulheres e, nós gays, acessem ou adentrem a alguns níveis da organização [...]”. Destaca-se que as barreiras, compulsoriamente heterossexuais, podem nascer de qualquer ato homofóbico, seja de uma palavra ou da violência propriamente dita. Na narrativa do respondente, “[...] é importante que fique claro que os processos de discriminação e preconceitos, [...] vão se manifestar de maneiras bastante sutis e silenciosas dentro das organizações [...]”. À margem da negação, Borrilo (2009) expressa que é inegável que, de forma também violenta, a homofobia velada segrega desigualdades e prejulgamentos que desconhecem a variedade sexual e marginalizam os indivíduos que contrariam a normativa heterossexualizada dos corpos.

Frente à norma social que aceita e rejeita os indivíduos pela orientação sexual, há a necessidade de problematizar a ideologia heteronormativa devido à constatação de um caráter

excludente. Assim sendo, é chegado o momento de refletir acerca das normas hegemônicas que permeiam a sociedade, impondo padrões desiguais e ditatoriais.

4.2 DOMINAÇÃO MASCULINA

Os relatos evidenciados pelos respondentes do estudo revelam questionamentos acerca da imposição de condutas arbitrárias atribuídas a homens heterossexuais, os quais a estes, há o dever de demonstrarem-se másculos nos meios de convívio social, a fim de comprovar o poder da sexualidade historicamente categorizada como dominante. Todavia, visa apropriar-se do debate por meio do rótulo “dominação masculina”, descrito nesta seção.

Desde os primórdios da divisão sexual, a legitimidade dos sexos era relacionada à binariedade biológica dos seres humanos, exercida por uma estrutura de poder em um sistema patriarcal. Para Almeida (2010), como um modelo restritivo a ordem heterossexual, o patriarcado se refere a um regime que estabelece padrões de dominação e submissão entre as relações sociais de homens e mulheres, sendo reproduzido aos demais gêneros. Nessa perspectiva, o entrevistado Luiz Mott associa o homossexual ao papel da mulher ao narrar um episódio ocorrido no âmbito organizacional

Recentemente um colega do setor estava fazendo alguma piadinha com outro colega [...] Agora não lembro o que aconteceu, mas esse outro colega estava relacionado à palavra veado de alguma forma, e daí ele falou “Isso é coisa de ‘viadinho’! Haha”, aquele tipo de comportamento que mostra que tu tem que ser “machão” pra [sic] poder ser considerado homem.

A expressão “Isso é coisa de ‘viadinho’! Haha”, citada pelo participante da pesquisa, reforça a imagem de que, cabe ao homossexual masculino, o estigma de um ser submisso, uma vez que, para os homens, este não representa a característica viril do sexo biológico. Simultaneamente, Welzer-Lang (2004) defende que a noção de superioridade da heterossexualidade masculina, além de impor regras, classifica os homens pela dignidade de um *status* moral de um “homem de verdade”, restando ao homossexual o posto de dominado, assim como o sexo feminino. No campo da dominação, os sujeitos heterossexuais têm a premência de se autoafirmarem homens, a julgar pelos aspectos de desvalorização da masculinidade subordinada. Corroborando o pensamento do autor, o respondente Karl Ulrichs

lembra de um acontecimento marcante em seu ambiente de trabalho que ratifica a necessidade que os homens têm em manifestar força para imprimir autoridade

[...] uma coisa que me lembro agora é o fato dos homens ter aquela necessidade de se mostrar másculo o tempo inteiro, quando eles iam cumprimentar era sempre com grosseria, era com rudez, rude assim, aquele negócio de “tenho que mostrar que sou macho, então eu tenho que cumprimentar com barulho, eu tenho que bater”, eles queriam expressar força pra [sic] mostrar que eram machos e eu não queria fazer isso. Parecia que eles queriam dominar o pedaço com aquela agressividade. E eu não queria ser assim, queria ser leve como eu sou, eu não queria mostrar isso porque eu não era assim e não sou assim [...].

À merce da soberania enérgica da masculinidade, o entrevistado, ao dispor da opinião de que os homens buscam a dominação a partir de atitudes, muitas vezes agressivas, pressupõe que tais condutas sejam inerentes ao sexo masculino, em razão de este ter o poder de guiar as ações dos outros gêneros. Entretanto, pautado no poder, Goffman (1988) admite que a figura subalterna conferida aos homossexuais masculinos pode fomentar reações de repúdio e nojo da sexualidade oposta, especialmente se esta envolver o mesmo sexo biológico. O participante da pesquisa Nikolai Alexeev expõe sobre situações diárias que confirmam tal alegação “[...] no emprego atual escuto diariamente comentários homofóbicos dos chefes e colegas de trabalho que acreditam que eu seja heterossexual. Todos os dias são referências à homossexualidade como algo nojento e repugnante [...]”. Para tanto, o respondente assevera que o juízo acerca da orientação sexual dos homossexuais, também fere, machuca, “[...] porque a gente vive nesse ambiente de “machões”, e a gente sempre tem esse medo deles nos machucarem. Esses “machões” que adoram dominar o pedaço sempre acabam sendo mais preconceituosos e geralmente não gostam de gays, [...]”. Sob a ótica de Nikolai Alexeev, a obrigatoriedade em repercutir atitudes másculas fere a natureza do indivíduo, em virtude de que o homossexual não precisa se reafirmar homem para ser respeitado no meio social.

Como uma forma de masculinidade hegemônica no exercício das individualidades sexualizadas, Connell e Messerschmidt (2013) assinalam que a dominação remete, ao homem heterossexual, o privilégio do poder e uma série de referenciais a serem seguidos por homens considerados verdadeiros. Em concordância a este argumento, o entrevistado Simon Nkoli fala sobre a cultura organizacional ponderando que

[...] não dá para dizer que a gente não vive uma cultura machista e que valoriza muito os atributos masculinos, de força, de agressividade, esses atributos mais relacionados ao homem hétero [heterossexual] e valoriza muito menos os atributos

femininos, da cooperação, da gentileza, do sentimento com os quais a gente se identifica mais como gay [...].

Ao pontuar a valorização de atributos masculinos, o participante da pesquisa deixa claro, sem perceber, que a matriz heterossexual conduz os papéis dominantes, com base em estereótipos criados por uma sociedade patriarcal. Valendo-se da ideia, o respondente diz que “quando você atua num trabalho totalmente técnico, a técnica, ela se impõe, mas quando você começa a ir pra *[sic]* um trabalho que envolve mais gestão e liderança, aí são outros atributos que acabam sendo valorizados, atributos héteros *[heterossexual]* masculinos, né *[sic]*?”. Simon Nkoli ainda acrescenta que “[...] historicamente nas empresas, as lideranças sempre foram mais valorizadas pelos atributos masculinos [...]”. Sobretudo, conforme Bourdieu (2012), o pilar central do poder, consolidado pela dominação masculina, reconhece obediência na herança social da norma previamente estabelecida, dado que o único traço sexual aceitável seja aquele condicente à anatomia.

A declaração do entrevistado António Serzedelo elucida bem o olhar do homossexual quanto à perpetuação da estrutura sexualizada enraizada nas organizações, ao mencionar que “[...] quando tu olha pras *[sic]* instituições e tu vê, assim, homens com características bem masculinas e com perfil hétero *[heterossexual]* na cúpula da gestão, tu percebe elementos discriminatórios [...]”. Por este ângulo, o participante da pesquisa faz a seguinte pergunta: “[...] Por que os gays ou as mulheres lésbicas não adentram esses espaços? [...].” De igual modo, o mesmo infere que “[...] pra *[sic]* mim a resposta mais clara é que são espaços discriminatórios, mas que de alguma forma tão *[sic]* moldando a sociedade [...]”.

Os ambientes heteronormativos que discriminam o profissional por conta da sua orientação sexual promovem um ideal de rejeição na medida em que o indivíduo não deva aparentar ser homossexual, principalmente se estiver em um cargo elevado de poder. Diante do exposto, o respondente Simon Nkoli alude que

[...] ao avaliar isso é que eu me coloco mais numa posição de não falar abertamente sobre o assunto, por medo realmente, talvez algum trejeito meu possa revelar que eu sou gay e isso me prejudicar nesse meu posto de presidente da empresa [...].

Salienta-se que, apoiada em um estereótipo negativo, a presença de um indivíduo que se assemelha a características femininas no espaço de trabalho estimula, de maneira involuntária, atos que disseminam o preconceito e exteriorizam a normativa da sexualidade

dominante. Nas palavras do entrevistado António Serzedelo, “[...] o problema é quando o cara é muito afeminado, aí ele vai ter relação com trejeitos mais femininos, né [sic]? [...]”. A concepção do participante da pesquisa de que o sujeito pode ser homossexual, desde que não seja afeminado, retrata a matriz de dominação e submissão na qual os ações são justificadas pelo papel do homossexual em se equiparar ao da mulher. Com alusão a mesma análise, Colling e Nogueira (2014, p. 182) aduzem que “[...] um homem até pode ser homossexual, inclusive fora do armário, mas não pode se identificar com o universo feminino, nem uma mulher lésbica pode se identificar com o masculino”, isso porque as condutas devem se alicerçar na genitália dos corpos. Nesse sentido, o respondente António Serzedelo complementa a própria história explanando que

[...] Alguns trejeitos eu tenho, outros eu não tenho. Então, às vezes, eu sou um pouco grosseiro, a grosseria é relacionada ao masculino, mas tu percebe que os caras veem nos sujeitos gays traços femininos, parece que quanto mais traços femininos eles têm, mais embaixo da hierarquia os gays são colocados. Aí esse é um comentário preconceituoso que eu já ouvi, eles nem percebem que estão fazendo, mas que já ouvi no dia a dia quando alguém vem te dizer exatamente isso “Ah não! Mas o problema é se a pessoa é muito afeminada”, [...].

Um fato a ser observado com a frase “Ah não! Mas o problema é se a pessoa é muito afeminada” é que o domínio heterossexual dos homens ainda se sustenta no duelo entre os sexos masculino e feminino, na conjuntura literal das palavras, pois despreza a existência da homossexualidade, sempre hierarquizando os papéis sociais e sexuais dos indivíduos. Segundo o entrevistado Harvey Milk, “[...] muitas vezes só pelo fato de tu ser organizado eles associam isso a um lado feminino que pra [sic] mim não faz muito sentido, porque não é porque eu sou homossexual que me vejo, enfim, com um lado feminino [...]”. Para Bozon e Giami (1999), embora haja uma percepção de que, para alguns homens, o homossexual masculino deva se nivelar ao sexo feminino, para os orientados sexualmente essa definição não é válida, visto que os homossexuais detêm a própria identificação sexual e, com isso, têm o direito de serem reconhecidos pela sua sexualidade.

É notório que os heterossexuais homens veem a atribuição do homossexual masculino a uma alma feminina como uma maneira de ridicularizar o sujeito, já que, para estes, a similaridade sexual mostra a primazia do sexo dominante. Isto posto, o participante da pesquisa Karl Ulrichs disserta que, na organização onde trabalhava, o estigma discriminatório “[...] acontecia também quando vinha um homem com uma camisa rosa ou com um sapato

mais chique que aparentava ser mais afeminado, dando motivo pra [sic] essa pessoa ser alvo de chacota, de risos [...]”. Além do mais, os estereótipos relativos aos homossexuais masculinos afeminados ecoam outros tipos de insinuações que dominam o universo dos homens, sendo por diversas vezes simbolizados por um perfil amimalesco. O respondente Nikolai Alexeev, reitera essa asserção citando que “[...] tinha aquela brincadeirinha [suspirou] de me representar assim saltitando, que com certeza era fazendo alusão a um veado. Eles faziam isso de longe, mas eu via sempre porque não sou cego, né [sic]? [...]”. Neste tom, Nunam (2010) explica que o preconceito a que o homossexual está submetido internaliza situações que podem levar à autodestruição do indivíduo, na medida em que este não se localiza no mundo social. A conotação constrangedora associada à homossexualidade personifica a dominação masculina, pois, por um lado, a superioridade heterossexual dita as normas sexualizadas e, por outro, desqualifica as especificidades dos gêneros marginalizando suas diferenças.

Por fim, no que tange à predominância de condutas heterossexuais masculinas e dominadoras nos ambientes organizacionais, a homossexualidade, enquanto a sexualidade dominada, substituta do papel da mulher, é limitada a restrições que percorrem estereótipos discriminatórios, os quais visam ferir a reputação do sujeito baseado em um construto social e sexual dos corpos.

4.3 JULGAMENTO

Nas histórias retratadas pelos entrevistados, muitos afirmam ter vivenciado momentos de constrangimentos e experiências mal-sucedidas no ambiente de trabalho, como exclusão de grupo, insinuações e opiniões discriminatórias, referentes à homossexualidade. Assim sendo, torna-se imprescindível a discussão do tema, por meio do rótulo “julgamento”, apresentado nesta seção.

Os julgamentos são capazes de criar realidades muito distantes dos fatos concretos, uma vez que estes se referem as histórias criadas na mente de quem julga (FISHMAN, 2017). Quando questionados se já se sentiram excluídos ou julgados no trabalho, os participantes da pesquisa discorreram sobre episódios preconceituosos nos ambientes organizacionais por conta da orientação sexual.

Há diversas maneiras de exclusão que não são compreendidas como algo socialmente justo. Nesse sentido, o respondente Harvey Milk relembra que “[...] em determinados lugares, por exemplo, nos eventos de final de ano da empresa ou mesmo no trabalho, às vezes ficavam esses grupinhos assim, né [*sic*]?”. À luz dessa perspectiva, o entrevistado Ifti Nasim conta que “A questão de ser excluído existia, quando eu tinha alguma interação com pessoas de outras áreas [...]”. Confirmando as falas dos entrevistados, Bicalho e Diniz (2009) aduzem que o fato de um sujeito ser homossexual já é um motivo para a exclusão dos ciclos sociais. Estes afirmam que essas exclusões se estendem ao ambiente de trabalho e são uma das formas de violência simbólica no meio de trabalho.

Ainda sobre as exclusões sofridas pelos homossexuais, o participante da pesquisa Ifti Nasim descrê ou tem dificuldades de visualizar que esteja sendo alvo de julgamento quando afirma que

*Excluído no trabalho [breve pausa] eu acho que sim, mas não tenho certeza se foi porque sou homossexual, na verdade acho sim, porque não tinha outro motivo, mas não posso afirmar que seja por isso. Eu já senti exclusão em entrevistas de emprego, assim, quando em algum momento surgia a oportunidade de falar que era gay, a pessoa olhava de cara torta ou até mesmo assim de decepção, parecia que tava [*sic*] pensando “Ah que pena! É gay”, uma estupidez mesmo.*

Bourdieu (2002) explica que essa dúvida existe uma vez que as vítimas da violência desconhecem ou não percebem que estão sendo cúmplices dessas situações ou, ainda, que estão sofrendo esses julgamentos contra sua própria vontade. O relato do respondente Ifti Nasim ilustra a afirmação de Bourdieu, já que o entrevistado não percebe o preconceito pelo fato de ser homossexual ou duvida dele. Ainda que o participante da pesquisa tenha percebido exclusão ou julgamento por ser homossexual em entrevistas de emprego pelas quais passou, este reluta, em um primeiro momento, em aceitar que seja por conta de sua sexualidade.

Sob essa mesma ótica de que os que sofrem violência não enxergam essa exclusão, conforme explanado por Bourdieu (2002), o entrevistado Luiz Mott elucida que, mesmo não sendo objeto de exclusões diretas, teve outros tipos de exclusões no ambiente de trabalho quando revela que

[...] diretamente, alguma ofensa, alguma exclusão ou alguma outra coisa direta não, mas já percebi olhares maldosos direcionados a mim por ser homossexual, mesmo eu não sendo afeminado, e isso me incomodou porque, mesmo que indiretamente e eu sendo uma pessoa assumida, ainda que discreto, esses olhares de questionamento me machucaram, pois não julgo ninguém e espero não ser julgado por ter uma orientação diferente do normal.

O participante da pesquisa cita em sua fala, sem perceber, que os olhares maldosos, que são uma das formas de julgamento, são também formas de exclusão, embora em sua visão somente manifestações explícitas ou diretas sejam denominadas “exclusões”. De fato, os olhares maldosos direcionados a este são também formas de discriminação, mesmo que, na sua interpretação, sejam sutis. É possível notar, ainda, que quando o entrevistado afirma que não julga os indivíduos por conta das suas sexualidades, ao expressar a frase “[...] não julgo ninguém e espero não ser julgado por ter uma orientação diferente do normal [...]”, demonstra que, o julgamento em seu caráter mais oculto, provoca percepções de como a sociedade vê a homossexualidade, ao passo que, para Silva e Barbosa (2016, p. 131) estes “devem possuir visibilidade de normas do masculino, pois, estas devem ser facilmente identificadas pela sociedade em todas as formas de expressão da masculinidade do homem [...]”, sendo que cabe aos atores sociais a incumbência de julgar a condenar moralmente aqueles contrários a norma.

No que tange a outros tipos de julgamentos sofridos pelos homossexuais masculinos nas organizações, diversos entrevistados declararam ter ouvido piadas homofóbicas direcionadas a eles. Inicialmente, o respondente Harvey Milk declara que

[...] na empresa privada que eu trabalhei, que era da área da arquitetura [...] nesse meio tem muitos homossexuais e acabava que [...] tinha muitos homens heterossexuais, eles faziam muitas piadinhas homofóbicas, coisas desse tipo, mesmo eles sabendo que eu era gay e fingindo que não sabiam. Pra [sic] eles, não era um problema [fazer as piadas homofóbicas] porque, enfim, era só uma piadinha, não se importavam com o fato de eu estar ali [...]

Fazendo referência ao mesmo tema, o participante da pesquisa Nikolay Alexeyev conta que

[...] teve piadas e comentários homofóbicos. Eu trabalhava numa empreiteira e ouvi diversas piadas entre pedreiros que eram destinadas a mim. Sabe quando tu sabe que tão cochichando e os olhares vêm em tua direção? Então, eram olhares de risos e gestos com as mãos que mostravam que eles estavam debochando do meu jeito [...].

Por outro lado, o entrevistado Simon Nkoli descreve que, mesmo não tendo passado por episódios marcantes de preconceito e julgamentos, afirma que existem “[...] piadas que a gente ouve, piadas e comentários mais idiotas que as pessoas fazem às vezes [...]”. No mesmo sentido, respondente Massimo Consoli afirma ter ouvido “piadas homofóbicas, isso aí eu escuto todo dia, mas [...] é tão corriqueiro no dia a dia que pra [sic] mim já passa despercebido. Já, digamos assim, já calejou. Não me afeta nada esse tipo de piada não”.

Comprovando essas experiências negativas sofridas pelos homossexuais no trabalho, Siqueira e Zauli-Fellows (2006) apontam que as piadas homofóbicas, não obstante na sua forma mais sutil, por meio de piadinhas, são uma das formas de violência simbólica enfrentadas pelos homossexuais nas organizações.

Ao disseminar noções depreciativas sobre os atributos sociais do comportamento homossexual, a heteronormatividade foi instituída e legalizada como preceitos normativos das relações sociais, e essas noções foram relacionadas aos conceitos de doença e perversão sexual. Com o estabelecimento da diferença de gênero, os sujeitos assumidamente homossexuais passaram a ser colocados em um nível inferior ao sistema social, tornando-se alvos de discriminação (PRADO; MACHADO, 2008). Em virtude disso, por considerarem que a homossexualidade é enquadrada como algo inferior, as piadas reproduzidas pelos agressores e destinadas aos homossexuais são, em sua perspectiva, tidas como naturais. Os que praticam a violência tendem a julgar aquilo que não entendem.

Além do mais, alguns respondentes relatam que, além de piadas, foram julgados de outras maneiras, como insinuações e declarações de menosprezo em razão da sexualidade. participante da pesquisa Simon Nkoli menciona que

Teve uma única vez que um gerente meu veio fazer uma piada comigo. Saiu uma reportagem no jornal de um garoto homossexual que havia sido espancado no meio da rua e ele veio com o jornal fazendo uma piada perguntando se eu conhecia, alguma coisa assim, com uma insinuação maldosa de que era da minha turma.

Sob a mesma perspectiva, já em relação ao menosprezo no que tange à sexualidade, o entrevistado Boris Dittrich aduz que

[...] ambientes gerenciais corporativos onde predominantemente há a presença de homens, o tempo todo ouvi chacota e piada com questões relacionadas a misoginia ou homofobia. Sempre aquela coisa de tentar diminuir o outro comparando ele a um gay. O tempo todo aquele negócio de achar que ser gay é pejorativo.

Ambos os relatos demonstram a maturidade dos entrevistados de enxergarem seu agressor, no entanto não sugerem ou mencionam uma forma de enfrentamento a este. Ratificando as declarações dos respondentes Simon Nkoli e Boris Dittrich, Borrillo (2010) afirma que essas ações discriminatórias contra a orientação sexual dos indivíduos favorecem a existência de várias formas de violência, como inferiorizar, desumanizar, diferenciar e distanciar os indivíduos homossexuais, já que se fundamenta em uma limitação da sexualidade clássica dos gêneros.

Embora algumas histórias contadas não sejam de exclusão por parte de outros indivíduos, muitos participantes relatam sentirem-se excluídos da roda de conversas informais nos ambientes de trabalho, pois não conseguiam interagir em assuntos nos quais precisavam expor a sua homossexualidade. Alicerçada em tal perspectiva, o participante da pesquisa Massimo Consoli cita que “[...] já me senti excluído. Por exemplo, quando os caras conversavam sobre garotas no meu trabalho, eu ficava quieto, não conversava. Eu preferia não opinar em nada, não por medo, mas por não querer me expor, pra [sic] não dar margem para julgamentos”. Nessa direção, o entrevistado Karl Ulrichs pondera

[...] eu me sentia excluído no fato de [pausa breve] quando tinha os cafês durante o expediente, a gente sentava nesse momento pra [sic] conversar sobre assuntos que não eram de trabalho e justamente nesses encontros que surgiam assuntos sobre relacionamentos amorosos, por exemplo, e esse era um assunto que eu me sentia extremamente excluído porque eu tentava de todas as formas fugir desse tipo de conversa pra [sic] eu não falar que era homossexual [...].

Os dois depoimentos são confirmados com a percepção de Siqueira e Zauli-Fellows (2006) quando esses explicitam que os homossexuais em inúmeras ocupações profissionais tendem a esconder sua orientação sexual para evitar discriminação e declínio na carreira. Asseveram, também, que esses profissionais oscilam entre a decisão de assumir ou não a sexualidade e, assim, ser objeto de julgamentos e ofensas.

Ainda sobre as exclusões sofridas, o participante da pesquisa Rodney Croome afirma que

[...] eu já me senti excluído e já senti que estava sendo julgado, especialmente nesse trabalho que eu falei como instrutor, porque me diziam que a imagem não era profissional e os trejeitos, que a forma de agir não era, como eu disse profissional, então eu senti que queriam mudar quem eu era, que [longa pausa], mais em relação ao meu comportamento.

Muitas organizações não aceitam o comportamento homossexual dos funcionários, principalmente daqueles que demonstram trejeitos os quais, na visão dos empregadores, não estão de acordo com o aceito. A experiência de julgamento pela qual o entrevistado Rodney Croome passou é confirmada pelas palavras de Butler (2003) quando esta aduz que qualquer comportamento considerado fora do “normal” enfrenta problemas no sistema. Corroborando, ainda, a vivência do respondente da pesquisa, a autora expõe que qualquer arranjo sexual ou

afetivo fora dos limites aceitáveis são desconsiderados em legitimidade. O fato de o ofensor julgar o modo natural de ser da vítima ratifica essa ideia proposta por Butler.

A maioria das pessoas é capaz de exercer a mais cruel repressão sobre as minorias (BURKE, 2014). O julgamento e as exclusões pelas quais os entrevistados passaram estão todas relacionadas ao fato de eles pertencerem a uma minoria na sociedade. Nesse sentido, entrevistado Harvey Milk menciona que

Eu já sou de uma minoria, então é óbvio que eu vou ser excluído, né [sic]? As pessoas julgam muito e apontam muito aquilo que é diferente deles. Na empresa que eu trabalhei era assim, as minorias sempre eram alvo de julgamento e eu fazia parte dela, né? E, olha, que eu era uma minoria só por ser gay. Eu sou branco. Então imagina quando tinha um gay que era negro e de uma classe mais desfavorecida? As minorias sofrem, infelizmente.

O fato do participante da pesquisa Harvey Milk afirmar que minorias sofrem discriminação é discutido por Alves e Galeão-Silva (2004), quando explicitam que as organizações, por serem pautadas por normas heterogêneas, assumem estruturas que reproduzem comportamentos preconceituosos e de julgamento em grupos classificados como minorias.

4.4 MEDO

Acerca das vivências dos participantes da pesquisa, estes relatam não ter assumido a sua homossexualidade ou ter mudado sua conduta em seus ambientes de trabalho com medo de perder o emprego, não ter a ascensão profissional almejada ou até mesmo sofrer algum tipo de preconceito velado. Sobretudo, tendo em vista a importância da temática, em relação as inseguranças e temores dos homossexuais, busca-se discutir o rótulo “medo”, manifestado nesta seção.

Os entrevistados do estudo mencionaram ter dificuldades em assumir-se homossexuais no ambiente de trabalho por medo. É nesse sentido que Ferreira e Siqueira (2007) explicam a metáfora *coming out*, forma abreviada de *coming out of the closet*, que refere-se “[...] ao processo de revelação da orientação sexual, de assumir-se como homossexual diante das pessoas com quem se convive [...]”. Elucidando essa afirmação, Garcia e Souza (2010) asseveram que a maioria dos profissionais homossexuais não revela sua sexualidade no

âmbito organizacional com o intuito de evitar possíveis atos discriminatórios no meio, administrando, assim, a própria revelação da orientação tentando coibir tais ações preconceituosas.

Ao serem indagados sobre os motivos pelos quais não assumiram a sexualidade no trabalho, o entrevistado Karl Ulrichs conta que

[...] os principais motivos que eu não assumi [...] foi principalmente o medo, o medo de ser excluído do grupo, tanto no grupo de amigos quanto no de trabalho, assim, medo de ser xingado, medo de rirem de mim ou medo de as pessoas se afastarem de mim [...].

Na mesma direção, o participante da pesquisa Simon Nkoli descreve que “[...] tinha um medo muito grande de ter essa rejeição, então por isso eu quis evitar a todo custo no primeiro momento [...]. Então, sim, tive bastante dificuldade”. Ainda sobre o mesmo tema, o entrevistado Ifti Nasim complementa ao contar que “[...] depois que eu já tava *[sic]* na universidade que eu tive um emprego, eu comecei esse emprego com muito medo de descobrissem que eu era gay e que isso pudesse fazer alguma influência, né *[sic]*?”

Os relatos dos três participantes da pesquisa são confirmados com a explicação de Hebl e Griffith (2002) uma vez que eles asseveram que a revelação da sexualidade é um dos dilemas mais difíceis para os homossexuais pelo fato de envolver um medo de retaliação e rejeição em todo esse processo. Logo, muitos homossexuais optam por não revelar a sua sexualidade no ambiente de trabalho, pois o temor de revelar-se acaba calando esses profissionais. Para tanto, os autores aduzem que os homossexuais acabam “gerenciando” a revelação de sua sexualidade com o intuito de coibir possíveis discriminações no local de trabalho.

Sobre o medo de os colegas de trabalho mudarem o comportamento ao descobrirem que são homossexuais, o respondente da pesquisa Simon Nkoli, alude que “[...] sempre tive muito receio de me assumir abertamente na empresa por um medo de mudança de comportamento comigo ou com algum tipo de preconceito mais sutil [...]”. O respondente ainda afirma que sente “um medo de mudança de comportamento comigo e de sofrer algum tipo de preconceito velado, de isso prejudicar meu crescimento profissional”. Ao revelar que omite a orientação sexual, o entrevistado Carlos Jáuregui argumenta sobre o medo em se assumir, conforme a declaração

[...] já omiti algumas vezes, principalmente no início, assim, da minha carreira profissional. Foi mais ou menos um ano, um e pouco depois de eu me assumir

porque eu tinha medo, eu achava que haveria um julgamento ou uma forma diferente de ser tratado ou visto no ambiente de trabalho.

Hebl e Griffith (2002) corroboram ambos os relatos quando afirmam que o processo de se assumir no trabalho junto aos colegas de trabalho envolve uma grande energia emocional e um receio muito grande de que as atitudes e o modo de ser tratado mudem após essa revelação.

No que diz respeito ao medo de não conseguir, de manter ou de perder o emprego, o participante da pesquisa Harvey Milk menciona que “[...] tinha medo do trabalho, de como eu iria lidar com isso no trabalho, como arranjar um trabalho no caso [...]. Então esse era meu receio [...]”. Referenciando-se ao mesmo assunto, o entrevistado Karl Ulrichs descreve que

[...] tinha medo de perder o emprego e eu tinha medo de confrontar essas pessoas porque, como eu ouvia muitos comentários homofóbicos [...]. Tinha receio de que chegasse ao meu chefe que sou gay e ele desse algum jeito de eu ser colocado em outro setor pra [sic] não ser uma “má” influência no setor.

Ambos os relatos podem ser confirmados com as palavras de Bicalho e Diniz (2009), segundo os quais os sujeitos homossexuais sofrem discriminações e atos preconceituosos, velados ou explícitos, ao tentar se inserir no mercado de trabalho, como o receio do respondente Harvey Milk de como iria lidar com a sua sexualidade no espaço de trabalho. Os autores, ainda, mencionam que os atos de intolerância às diferenças são praticados quando as vítimas já se encontram empregadas, o que pode justificar o medo que o entrevistado Karl Ulrichs tinha de perder o emprego ou ser transferido para outro setor da empresa.

Em relação ao receio de sofrer dificuldades na ascensão profissional, o participante da pesquisa Simon Nkoli discorre que “[...] eu sempre tive muito receio de me assumir publicamente na empresa por conta de afetar eventualmente o meu crescimento profissional, então sempre foi algo muito velado [...]”. O entrevistado Carlos Jáuregui almejava muito ascender profissionalmente, mas o medo de isso não se realizar caso se revelasse homossexual o dominava. Em suas palavras, “Na [nome da universidade omitido] eu buscava muito ascensão profissional, então eu queria crescer, e eu sentia que pra [sic] crescer eu não podia ser abertamente quem eu sou, ou seja, eu não podia ser gay”.

Bicalho e Diniz (2009), ao afirmarem que as formas de violência simbólica as quais os homossexuais enfrentam são a perda de promoções e a dificuldade de crescimento na carreira, confirmam o temor de esses entrevistados não ascenderem na carreira profissional. Esse

receio dos entrevistados Simon Nkoli e Carlos Jáuregui também se confirma com a pesquisa de Garcia e Souza (2010) com dez profissionais que trabalham em bancos públicos e privados analisando as possíveis formas de discriminação enfrentadas por esses indivíduos. Na pesquisa, todos os entrevistados declararam que demoraram mais para serem promovidos devido à sua orientação sexual, pois muitos relataram que esta era sempre vista como algo pejorativo e negativo.

Nos relatos dos participantes da pesquisa Boris Dittrich e Karl Ulrichs, um e outro salientam que, pelo medo de sofrerem preconceitos, omitem a orientação sexual e, com isso, acabam se limitando em mostrarem quem verdadeiramente são. Boris Dittrich menciona que

Essa omissão me trazia uma angústia porque eu tava [sic] vivendo uma vida dupla, uma vida, como eu posso dizer, uma vida de atuação, parecia que tava [sic] [preso] dentro de mim mesmo. Não que eu quisesse sair gritando na empresa “Pessoal, sou gay!”, mas sentia uma angústia por ver colegas falando de suas vidas pessoais e eu tentando fugir do assunto pra [sic] não assumir e acabar virando o alvo de algo preconceituoso e cruel.

Contribuindo da mesma forma, o respondente Karl Ulrichs relata que “[...] É tão triste dizer isso, mas nessa empresa que passei eu me sentia [suspiro] violentado, entre aspas, preso dentro de mim mesmo. Lá eu não era o [nome do entrevistado omitido] que sou de verdade”. Este complementa que precisava oscilar entre variados ambientes, ao dizer que

[...] eu tenho a sensação que tu tem que escolher quem tu é em determinado ambiente que tu tá [sic] pra [sic] tu não sofrer preconceito. Então se tu tá [sic] num ambiente que tu sabe que é tóxico, tu muda o teu comportamento para tu não se magoar, tu não sair triste ou muito machucado, aí se tu tá [sic] num ambiente que tu sabe que não é tóxico tu consegue ser quem tu é de verdade, aí tu fica naquela escolha entre ser quem tu é de verdade ou não ser quem tu é e sofrer as consequências disso.

As histórias relatadas são ratificadas com as afirmações de Medeiros (2007), pois este explica que, devido à violência que o homossexual sofre ou tenha receio de sofrer, este incorpora em suas práticas cotidianas uma espécie de vida dupla para tentar fugir da opressão da sociedade. Particularmente, os homossexuais tendem a criar essa espécie de atuação nos ambientes organizacionais quando deparam com um ambiente dominado pelo preconceito aos diferentes. Bicalho e Diniz (2009) complementam que, quando os homossexuais necessitam negar a sua identidade devido aos preconceitos do ambiente, eles impõem a si mesmos inúmeros tipos de controle como assumir uma identidade à qual não pertencem.

Sobre o receio de admitir a própria sexualidade, muitos participantes da pesquisa afirmaram não conseguir confrontar os agressores nas situações de preconceitos que sofreram. O entrevistado Karl Ulrichs pondera que

De todas essas situações que ocorreram, eu percebi que eu vivia num ambiente muito tóxico e [ficou pensativo] eu tinha vontade de, tinha muita vontade de xingar essas pessoas, de confrontar elas, mas eu não conseguia [...] por medo de as pessoas se voltarem contra mim.

Relatando sobre o mesmo tema, o participante da pesquisa Ifti Nasim, ao sofrer um episódio de preconceito, conta que “A instituição já teve outros casos de homofobia e nunca foi feito nada, então, pelo histórico da empresa, eu decidi não fazer nada e acabei ficando calado, mesmo que no fundo eu quisesse confrontar”. Sob a ótica do entrevistado Nikolay Alexeyev

[...] essas violências que sofremos nunca vão acabar se a gente não confrontar ou não tentar mostrar quanto o preconceito é feio e anormal, só que como a gente vai combater isso se a gente se sente preso ou com medo de mostrarmos quem nós somos? Só queria poder confrontar, mas eles sempre serão maioria, né [sic]? Aí acabamos ouvindo tudo isso calados [longo suspiro].

Confirmando a fala dos entrevistados, Bourdieu (2012) explicita que os indivíduos homossexuais tendem a aceitar, mesmo que constrangidos e forçados, o insulto do opressor, além de viverem envergonhadamente a experiência sexual. Do ponto de vista dos que praticam a violência, as vítimas equilibram-se entre o medo de serem vistas e o desejo de serem reconhecidas pelos demais homossexuais.

4.5 HUMILHAÇÃO

As experiências pelas quais os respondentes passaram trouxeram inúmeros sentimentos de desonra a partir de situações de humilhação e preconceito, mesmo que, por diversas vezes, sutis e veladas. Posto isto, com base nas circunstâncias desagradáveis que afetaram negativamente os homossexuais, faz-se necessária a discussão do tema mediante rótulo “humilhação”, exibido nesta seção.

No que se refere as humilhações originadas por atos de preconceito, discriminação ou outras ofensas, muitos participantes da pesquisa relataram o sentimento de tristeza ao ouvir os comentários a respeito da sua sexualidade. O entrevistado Harvey Milk, após ter passado por episódios homofóbicos no trabalho, relata “[...] chegar em casa meio abatido e triste por causa

de algo que realmente é pequeno, é estúpido até”. No mesmo sentido, o participante Rodney Croome conta que “[...] eu me sentia muito mal, me sentia impotente porque, como a minha posição era muito inferior, eu não podia falar nada e não tinha nem pra [sic] quem falar, então foi uma sensação muito ruim”. Contribuindo da mesma forma, o entrevistado Arsham Parsi, ao ter esbarrado acidentalmente em um colega de trabalho, descreve que

[...] eu fiquei bem chateado, e até um pouco irritado com a situação porque ele ficava falando que eu tava [sic] passando a mão no outro cara, enfim, ele ria, fazia um ar de deboche, debochando e isso me deixou muito triste porque, por mais que ele não soubesse que eu era gay, não dava o direito de ele me tratar assim. [...] Achei horrível isso.

Corroborando essas experiências dos entrevistados, Albuquerque *et al.* (2016) realizaram uma pesquisa sobre violência psicológica enfrentada pela comunidade LGBT. Os autores afirmam que a discriminação sofrida por esse grupo de pessoas é um importante estressor social, que resulta em impactos negativos na saúde mental e qualidade de vida desses indivíduos. Nessa pesquisa foram entrevistados 316 pessoas, mais de 50% das quais eram homossexuais do sexo masculino. Como resultado verificou-se que, entre os problemas psicológicos gerados após os episódios homofóbicos, como irritabilidade, ansiedade, isolamento social, baixa autoestima e tristeza, o sentimento de tristeza foi o mais mencionado pelos participantes do estudo, o que, por sua vez, pode ratificar as vivências dos entrevistados Harvey Milk, Rodney Croome e Arsham Parsi.

Outros participantes demonstraram estarem atônitos com os atos discriminatórios que sofreram. O respondente da pesquisa Luiz Mott pondera que

[...] hoje eu sei que o problema é com quem tá [sic] agredindo ou quem se ofende com isso de alguma forma ou quem ache um problema ser homossexual, então eu ainda fico incrédulo que, em 2020, a gente ainda veja as pessoas fazendo chacota disso ou achando que isso é um problema, achando que isso é motivo de comentário, então, ao mesmo tempo que eu fico indignado, eu fico incrédulo de como que isso ainda acontece.

Já o entrevistado António Serzedelo revela sentimentos de angústia quando menciona que “Sinto muita angústia, primeiro porque, como qualquer pessoa, quero ser tratado normal e porque eu, com certeza, acho que eu me sentiria bem mais feliz no meu trabalho [...]”. Para o participante da pesquisa Ifti Nasim existe, depois do ocorrido, um misto de tristeza e raiva quando diz que

Essa questão da homofobia é bem triste, assim, é punk porque parece que não tá [sic] acontecendo. A primeira vez que aconteceu eu achei que era coisa da minha

cabeça e aí aconteceu de novo eu fiquei “Ih! Deu ruim!”, aí dá uma certa raiva, uma tristeza porque parece que não tem o que fazer mesmo e foi o que aconteceu. No final das costas acho que acabou não dando em nada.

O entrevistado Ifti Nasim, ao proferir “[...] parece que não tem o que fazer mesmo [...]”, ratifica a explicação de Bourdieu (2002) quando este aduz que quem sofre violência simbólica pode ser cúmplice dessa situação mesmo sem perceber, aceitando tacitamente os limites impostos. Entretanto, cabe ressaltar que esses limites impostos são demonstrados em condições que, muitas vezes, assumem a forma de emoções corporais como vergonha, humilhação, timidez, ansiedade e culpa ou até mesmo outros tipos de manifestações, porém visíveis, como o tremor ou a raiva (BOURDIEU, 2002), conforme verificado nos relatos dos três entrevistados.

Vale-se da afirmação de Bourdieu (2002, p. 50) a ideia de que é ilusório acreditar que as relações da violência simbólica para com o indivíduo afetado serão “vencidas apenas com as armas da consciência e da vontade, pois os efeitos e as condições de sua eficácia estão duradouramente inscritas no mais íntimo dos corpos”. Nesse sentido pode-se explicar a força e o poder de um discurso dominante, uma vez que, para o autor, há uma força sólida e “inquebrável” ou, pelo menos, muito difícil de ser superada. De tal modo, o participante Ifti Nasim ratifica a alegação ao relatar sentir raiva e tristeza pelo caso de homofobia que ocorreu na empresa, o entanto, mesmo que incomodado com a situação, o respondente demonstra desistir ao proferir que “não tem o que fazer mesmo” e “no final das contas acho que acabou não dando em nada”. Contudo, os sentimentos de humilhação gerados em Ifti Nasim não conseguiram quebrar a força do discurso dominante.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A referida pesquisa buscou o aporte teórico acerca da temática de gênero e violência simbólica para que pudesse problematizar a relação dos profissionais homossexuais em seus espaços de trabalho. Para tanto, a monografia propôs, como objetivo geral, compreender a violência simbólica nos ambientes organizacionais, na percepção de homossexuais masculinos, estabelecendo objetivos específicos que serviram para direcionar o estudo e atribuir relevância aos principais pontos encontrados, os quais se relacionavam com o foco do trabalho.

Inicialmente, contextualizou-se a homossexualidade nas organizações por meio da definição de gênero, pautado na diferenciação dos termos “sexo” e “gênero”, bem como nos papéis sociais conferidos a homens e mulheres, partindo para a trajetória histórica dos movimentos revolucionários feminino e LGBT, ao passo que se elucidou a diversidade de gênero, distinção entre identidade de gênero e orientação sexual, finalizando com o conceito da violência simbólica e a sua relação com a homossexualidade e as organizações.

Logo após, foram identificadas narrativas de homens homossexuais sobre suas vivências em seus ambientes de trabalho, com vistas ao reconhecimento de situações de violências sutis e veladas nestes espaços.

Por fim, retratou-se a violência simbólica enfrentada por profissionais homossexuais masculinos nas organizações nas quais atuaram, tal como ainda atuam, uma vez que esta desencadeia diversas indagações quanto à aceitação da homossexualidade, disseminando preconceitos e discriminações nos ambientes organizacionais.

Com os objetivos específicos alcançados, a monografia levantou alguns resultados que se demonstraram relevantes para o atingimento do propósito traçado. Dessa forma, a estes foram designados categorias baseadas nas vivências e experiências dos homossexuais masculinos, sendo concedidos rótulos denominados como: heteronormatividade, dominação masculina, julgamento, medo e humilhação.

O rótulo heteronormatividade apresenta a idealização de uma norma social instituída historicamente que visa padronizar e legitimar a heterossexualidade como única e imutável, fundada na binaridade dos corpos. Nesta normativa sexual cabe a noção de que todo o ambiente de convívio social deva reproduzir preceitos heterossexuais, de modo que a ordem

seja perpetuada pelas relações humanas e não haja espaço para a diversidade dos gêneros, como é o caso da homossexualidade.

No tocante ao rótulo dominação masculina, torna-se notória a manifestação de superioridade e poder de homens heterossexuais nos contextos organizacionais mediante comportamentos arbitrários e estereótipos homofóbicos, os quais indicam a estrutura patriarcal da sociedade. A visão de dominação e submissão repassada ao homossexual masculino caracteriza a supremacia da heterossexualidade, enquanto traduzida fielmente para o âmbito profissional.

Ao que contempla o rótulo julgamento, as diversas formas de violências citadas pelos respondentes do estudo pressupõe que, mesmo na sua forma mais sutil, o juízo depreciativo da orientação sexual dos indivíduos sugere que a homossexualidade seja associada a um papel inferior aos aceitáveis socialmente, justificando que toda e qualquer ofensa destinada a estes sejam tidas como naturais aos olhos de quem exerce, em razão de que a identificação sexual dos sujeitos não deva ferir a imposição da norma heterossexual.

Sob a perspectiva do rótulo medo, as situações de rejeição e retaliação a que o homossexual está exposto envolvem dilemas que propiciam incertezas e receios quanto ao posicionamento dos indivíduos nos locais de convivência social. Os acontecimentos relatados pelos entrevistados reforçam a ideia de que, muitas vezes, os homossexuais não devem revelar sua sexualidade com intuito de coibir possíveis atos discriminatórios que podem refletir na sua carreira profissional, assim como na vida pessoal.

Ademais, o rótulo humilhação mostrou que as experiências desagradáveis sofridas pelos indivíduos, cuja orientação sexual contraria o padrão normal, evocam sentimentos de tristeza, raiva e indignação que culminam em um estado de confusão mental e sofrimento em que, não raras vezes, provocam o adoecimento do homossexual, pois, por mais que utilize das mais variadas estratégias de defesa, este se sente fragilizado e refém da obrigatoriedade heterossexual.

Em síntese, o trabalho colocou em evidência o fato de que nos espaços organizacionais há situações de violência simbólica, ao passo que esta é evidenciada na percepção dos homossexuais masculinos entrevistados, os quais sinalizaram a existência da heteronormatividade, dominação masculina, julgamento, medo e humilhação.

Isto posto, é de suma importância ponderar que os profissionais homossexuais devam encontrar nos ambientes de trabalho um espaço de identificação que possibilitem a criação de laços independente da sua orientação sexual, bem como os elos sociais não sejam marcados pela violência simbólica, mas sim, pelo reconhecimento da individualidade de cada ser humano.

REFERÊNCIAS

- ABGLT – Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. **História de luta**. Curitiba: ABGLT, 2020. Disponível em: <<https://www.abglt.org/>>. Acesso em: 15 mai. de 2020.
- ALBERNAZ, R. O.; KAUSS, B. S. Reconhecimento, igualdade complexa e luta por direitos à população LGBT através das decisões dos tribunais superiores no Brasil. **Revista Psicologia Política**. São Paulo, v. 15, n. 34, p. 547-561, dez. 2015.
- ALBUQUERQUE, G. A. *et. al.* Violência psicológica em lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais no interior do Ceará, Brasil. **Saúde Debate**. Rio de Janeiro, v. 40, n. 109, p. 100-111, abr-jun 2016.
- ALMEIDA, J. P. de. **As multifaces do patriarcado**: uma análise das relações de gênero nas famílias homoafetivas. Dissertação. Mestrado em Serviço Social. Pontifícia Universidade Católica. Rio de Janeiro, 119 p, 2010.
- ALTHUSSER, L. **Aparelhos Ideológicos de Estado**. 10. ed. Brochura. São Paulo: Graal, 2007.
- ALTMANN, H. Orientação sexual em uma escola: recortes de corpos e de gênero. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 21, p. 281-315, 2003.
- ALVES, M. A.; GALEÃO-SILVA, L. G. **A crítica da gestão da diversidade nas organizações**. São Paulo: FGV/EAESP, v. 44, n. 3, p. 20-29, set. 2004.
- ANDRADE, M. M. Técnicas para elaboração dos trabalhos de graduação. In: ANDRADE, M. M. **Introdução à metodologia do trabalho científico**. 7. ed. São Paulo: Atlas, p. 25-38, 2006.
- ANDRÉ, M. E. D. A. Texto, contexto e significado: algumas questões na análise de dados qualitativos. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, n. 45, p. 66-71, mai. 1983.
- ARAÚJO, R. de C. B. de. O voto de saias: a Constituinte de 1934 e a participação das mulheres na política. **Estudos Avançados**. São Paulo, v. 17, n. 49, 2003.
- ARRIOLA, E. R. Desigualdades de gênero: lésbicas, gays e teoria legal feminista. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 2, n. 2, p. 388-427, 1994.
- ARSHAM PARSİ. **About Arsham Parsi**. Disponível em: <<https://arshamparsi.net/>>. Acesso em: 08 set. 2020.
- BAGAGLI, B. P. **“Cisgênero” nos discursos feministas**: uma palavra “tão defendida; tão atacada; tão pouco entendida”. 1. ed. Campinas: Unicamp, 2018. 100 p.

BARBARÁ, A. *et al.* Contribuições das Representações Sociais ao estudo da Aids. **Interação em Psicologia**. Paraná, v. 9, n. 2, p. 331-339, 2005.

BEAUVOIR, S. de. **O segundo sexo**. A experiência vivida. v. 2, 2. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.

BICALHO, R. A.; DINIZ, A. P. R. **Violência simbólica e homossexualidade**: um estudo em capitais brasileiras. In: ENANPAD - XXXIII Encontro da ANPAD. Anais. São Paulo: ANPAD, set. 2009. 16 p.

BICALHO, R. A. **Violência Simbólica**: uma Leitura a partir da Teoria Crítica Frankfurtiana. In: ENCONTRO DE GESTÃO DE PESSOAS E RELAÇÕES DE TRABALHO. Estudos Organizacionais. Anais. Curitiba: ENGPR, 2009.

BILA, F. P.; RODRIGUES, W. de O. **O Movimento e a Luta por Direitos LGBT**: o reconhecimento da diferença nos campos social e jurídico brasileiros. Parlatorium: Belo Horizonte, 2008. 23 p.

BIOGRAPHY. **Harvey Milk Biography**. Disponível em: <<https://www.biography.com/activist/harvey-milk>>. Acesso em: 08 set. de 2020.

BITTENCOURT, N. A. Movimentos feministas. **Insurgência**: revista de direitos e movimentos sociais. Brasília, v. 1, n. 1, p. 198-210, jan./jun. 2015.

BOGEA, A. F. **Um olhar sobre a construção do gênero**: categoria analítica e questões sócio-políticas. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa: PPGC/UFPB, 2018 v. 14, n. 3, 127-139 p.

BONI, V.; QUARESMA, S. J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em ciências sociais. **Em Tese - Revista do PPGSP**, Florianópolis: UFSC, v. 2, n. 1, p. 68-80, jan./jul. 2005.

BORRILLO, D. A homofobia. In: LIONÇO, T.; DINIZ, D. (Orgs.). **Homofobia & Educação**: um desafio ao silêncio. Brasília: LetrasLivres. p. 15-46. 2009.

BORRILLO, D. **Homofobia**: história e crítica de um preconceito. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

BORRILLO, D. Direitos sexuais e direito de família em perspectiva *queer*. In: BORRILLO, D.; SEFFNER, F.; RIOS, R. R. (Orgs.). **Uma perspectiva crítica do direito, do gênero e das sexualidades no mundo latino**. Porto Alegre: Editora da UFCSPA, 2018. 284 p.

BOURDIEU, P. **A Dominação Masculina**. Tradução de Maria Helena Kühner. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. 160 p.

BOURDIEU, P. **A Dominação Masculina**. Tradução de Maria Helena Kühner. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. 160 p.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

BOZON, M.; GIAMI, A. **Les scripts sexuels ou la mise en forme du désir**: présentation de l'article de John Gagnon. Actes de la recherche en sciences sociales, Paris, n. 128, p. 68-72, jun. 1999.

BRIOSCHI, L. R.; TRIGO, M. H. B. Relatos de vida em ciências sociais: considerações metodológicas. **Revista Ciência e Cultura**. Campinas, v. 39, n. 7, p. 631-637, 1987.

BRUSCHINI, C. *et al.* **Tesouro para estudos de gênero e sobre mulheres**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1998.

BURKE, Edmund. **Reflexões sobre a revolução na França**. Tradução José Miguel Nanni Soares. São Paulo: Edipro, 2014.

BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAETANO, I. F. **O feminismo brasileiro**: uma análise a partir das três ondas do movimento feminista e perspectiva da interseccionalidade. Escola da Magistratura do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: EMERJ, 2017.

CAMPOS, L. M. L. **Gênero e diversidade sexual na escola**: a urgência da reconstrução de sentidos e de práticas. Departamento de Educação. Instituto de Biociências. Universidade Estadual Paulista. Botucatu: UNESP, 2015.

CANABARRO, R. **História e Direitos Sexuais no Brasil**: o movimento LGBT e a discussão sobre a cidadania. II Congresso Internacional de História Regional. Anais Eletrônicos. 2013. 15 p.

CASSEMIRO, L. C. **Tenho o direito de ser “Amapô”**: as trajetórias de travestis e transexuais face à implementação das políticas públicas de Assistência Social e Saúde. Dissertação. Mestrado em Serviço Social. Pontifícia Universidade Católica. Rio de Janeiro, 2010. 135 p.

CARDIN, V. S. G.; GOMES, L. G. do C. Das garantias constitucionais e da identidade de gênero. In: SIQUEIRA, D. P.; AMARAL, S. T. (Orgs.). **Sistema constitucional de garantias e seus mecanismos de proteção**. 1. ed. Birigui: Boreal, 2013.

CARDOSO, A. *et al.* **Imposição de gênero e sexualidade**: a violência de uma cultura heteronormativa. Atas CIAIQ2019. Investigação Qualitativa em Ciências Sociais, v. 3, 2019.

CARDOSO, A. *et al.* Gênero imposto: coação e punição hegemônica. **REVES - Revista Relações Sociais**, v. 3, n. 2, p. 34-48, abr. 2020.

CARDOSO, F. L. O conceito de orientação sexual na encruzilhada entre sexo, gênero e motricidade. **Revista Interamericana de Psicologia/Interamerican Journal of Psychology**. Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis: UFSC, v. 42, n. 1, p. 69-79, 2008.

CARRATO, J. M.; SANTOS, N. de C. Naturalização do sistema binário sexual: Masculino x Feminino. **Revista Multiface**. Belo Horizonte, v. 2, 2014. 23 p.

CARRIERI, A. P. *et al.* Reflexões sobre o indivíduo desejante e o sofrimento no trabalho: o assédio moral, a violência simbólica e o movimento homossexual. **Cadernos EBAPE.BR**. Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, art. 10, mar. 2013.

CARVALHO, J. L. F. Trabalho, gênero e diversidade sexual: múltiplas contribuições por uma abordagem plural. In: FREITAS, M.; DANTAS, M. (Orgs.). *Diversidade sexual e trabalho. Organizações & Sociedade*. Salvador, v. 18, n. 59, p. 747-751, out./dez. 2011.

CAVALCANTI, C. D. **Visíveis e invisíveis**: identidade e práticas bissexuais. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Universidade Federal de Pernambuco. Recife: PPGS/UFPE, 2007. 112 p.

CISNE, M.; SANTOS, S. M. de M. Movimentos feministas e pela liberdade de orientação e expressão sexual: relações com a luta de classes no Brasil de hoje. In: ABRAMIDES, M. B.; DURIGUETTO, M. L. **Movimentos Sociais e Serviço Social**. São Paulo: Cortez, 2014.

COELHO, L. J.; CAMPOS, L. M. L. Diversidade sexual e ensino de ciências: buscando sentidos. **Ciência & Educação**. Bauru, v. 21, n. 4, p. 893-910, 2015.

COLLING, L.; NOGUEIRA, G. Relacionados mas diferentes: sobre os conceitos de homofobia, heterossexualidade compulsória e heteronormatividade. In: RODRIGUES, A.; DALLAPICULA, C.; FERREIRA, S. R. da S. (Orgs.). **Transposições**: lugares e fronteiras em Sexualidade e Educação. Vitória: EDUFES, p. 173-185. 2014.

COLOGNESE, S. A.; MÉLO, J. L. B. de. A técnica de entrevista na pesquisa social. **Cadernos de Sociologia**. Porto Alegre, v. 9, p. 143-159, 1998.

CORNWALL, A. *et al.* **Questões de sexualidade**: ensaios transculturais. In: CORNWALL, A.; JOLLY, S. (Orgs.). Tradução de Jones de Freitas. Rio de Janeiro: ABIA, 2008.

CORRÊA JÚNIOR, S. P. *et al.* Homossexualidade e Construção de Papéis. **Revista de Psicologia**. Fortaleza, v. 1, n. 1, p. 43-48, jan./jun. 2010.

CORREIO DA MANHÃ. **Mais sobre**. Disponível em:
<<https://www.cmjornal.pt/maissobre/antonio-serzedelo>>. Acesso em: 08 set. de 2020.

COSTA, C. de L. **O tráfico de Gênero**. In: CADERNOS PAGU, v. 11, 1998.

COUTO, E. S. **Transexualidade**: o corpo em mutação. Salvador: Grupo Gay da Bahia, 1999. 124 p.

COTTA, D. **Estratégias de visibilidade do movimento LGBT**: Campanha Não Homofobia!, Um estudo de caso. Trabalho de Conclusão de Curso. Graduação em Comunicação Social. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009. 62 p.

DÉBORD, G. **A sociedade do espetáculo**: comentários sobre a sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

ELIAS, N.; SCOTSON, J. L. **Os Estabelecidos e os Outsiders**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

EL PAÍS. **Boris Dittrich**: “Opressão também cria mobilização. Espero que, se necessário, esse seja o caso no Brasil”. Disponível em:
<https://brasil.elpais.com/brasil/2018/07/06/actualidad/1530912488_146292.html>. Acesso em: 08 set. 2020.

FACCHINI, R. **Sopa de letrinhas?** Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90: um estudo a partir da cidade de São Paulo. Dissertação. Mestrado em Antropologia Social. Universidade Estadual de Campinas. Campinas: Unicamp, 2002. 241 p.

FACCHINI, R. **Histórico da luta de LGBT no Brasil**. In: CADERNO TEMÁTICO, n. 11. Psicologia e diversidade sexual. Conselho Regional de Psicologia da 6ª Região (Org), 2011.

FERREIRA, D. da S. **Construção da Identidade de Gênero**: reflexões em contexto escolar. Trabalho de Conclusão de Curso. Graduação em Psicologia. Pontifícia Universidade Católica. Minas Gerais, 2016.

FERREIRA, R. C.; SIQUEIRA, M.V. S. **O gay no ambiente de trabalho**: análise dos efeitos de ser gay nas organizações contemporâneas. In: ENANPAD, XXXI Encontro da ANPAD. Rio de Janeiro: ANPAD, 2007. 16 p.

FGV. **Entrevistas: Luiz Mott**. Disponível em:
<<https://cpdoc.fgv.br/cientistassociais/luizmott>>. Acesso em: 08 set. de 2020.

FISHMAN, D. **A mente é maravilhosa**. Disponível em:
<<https://amenteemaravilhosa.com.br/grande-armadilha-julgar-os-outros/>>. Acesso em: 05 nov. de 2020.

FONE, B. **Homophobia**. Nova Iorque: Picador, 2000. 421 p.

FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2014.

FREIRE, L.; CARDINALI, D. O ódio atrás das grades: da construção social da discriminação por orientação sexual à criminalização da homofobia. **Sexualidad, Salud y Sociedad**. Rio de Janeiro, n. 12, p. 37-63, dez. 2012.

GARCIA, A.; SOUZA, E. M. Sexualidade e trabalho: estudo sobre a discriminação de homossexuais masculinos no setor bancário. **Revista de Administração Pública**, v. 44, n. 6, p. 1353-1377, 2010.

- GIBBS, G. **Análise de dados qualitativos**. 1. ed. Porto Alegre: Bookman, 2009. 198 p.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- GOFFMAN, E. **Estigma**: Estigma notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1988.
- GÓIS, J. B. H. Desencontros: as relações entre os estudos sobre a homossexualidade e os estudos de gênero no Brasil. **Estudos Feministas**, v. 11, n. 1, p. 289-297, 2004.
- GREEN, J. N. Mais amor e mais tesão: a construção de um movimento brasileiro de gays, lésbicas e travestis. **Cadernos Pagu**. Campinas, n. 15, p. 271-295, 2000.
- GROSSI, M. P. **Gênero, Violência e Sofrimento**. Antropologia em Primeira Mão. Florianópolis: PPGAS/UFSC, v. 2, n. 6, 1998. 22 p.
- GROSSI, M. P. **Identidade de Gênero e Sexualidade**. Estudos de Gênero: Cadernos de área. n. 9. Goiânia: Editora da UCG, 2000.
- GUEDES, M. N. **Terror psicológico no trabalho**. 2. ed. São Paulo: LTr, 2004.
- GUIMARÃES, M. de F. Trajetória dos feminismos: introdução à abordagem de gênero. In: CASTILLO-MARTÍN, M.; OLIVEIRA, S. de (Orgs.). **Marcadas a ferro**: violência contra a mulher, uma visão multidisciplinar. Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, p. 77-92, 2005.
- GUIMARÃES, A. F. P. O desafio histórico de “tornar-se um homem homossexual”: um exercício de construção de identidades. **Temas de Psicologia**, v. 17, n. 2, p. 553-567, 2009.
- HEBL, M. R.; GRIFFITH, K. H. The disclosure dilemma for gay men and lesbians: "coming out" at work. **Journal of Applied Psychology**, v. 87, n. 6, p. 1.191-1.199, 2002.
- IRIGARAY, H. A. R. **A Diversidade nas Organizações Brasileiras**: Estudo sobre orientação sexual e ambiente de trabalho. Tese. Programa de Doutorado em Administração de Empresas. São Paulo: FGV/EAESP, 2008.
- IRIGARAY, H. A. R. Orientação sexual e trabalho. **Especial Diversidade e Gestão**, v. 10, n. 2, p. 44-47, 2011.
- JESUS, B. de *et al.* **Diversidade sexual na escola**: uma metodologia de trabalho com adolescentes e jovens. Edição Especial. São Paulo: ECOS - Comunicação em Sexualidade, ago. 2008. 92 p.
- JESUS, J. G. de. **Orientações sobre Identidade de Gênero**: conceitos e termos. Brasília, 2012. 42 p.

JOHNSON, I. **Brazil 2017 Report – Out Now Global LGBT2030 Study**. Relatório Brasil. Brasil, nov. 2017.

LANZ, L. **O corpo da roupa: a pessoa transgênera entre a transgressão e a conformidade com as normas de gênero**. Dissertação. Mestrado em Sociologia. Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Universidade Federal do Paraná. Curitiba: PPGS/UFPR, 2014. 342 p.

LAURETIS, T. **Tecnologia do Gênero**. In: HOLLANDA, H. B. (Org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LESSA, P. Escolas em luta contra a lesbofobia, a homofobia e a transfobia. In: SIMILI, I. G. (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade**. Formação de professores EAD. Maringá: Eduem, n. 49, p.117-128, 2011.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 6.ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1997.

LOURO, G. L. **O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LOURO, G. L. Teoria Queer: uma política pós-identitária para a educação. **Estudos Feministas**. a. 9, 2. sem., 2001.

LOURO, G. L. **Um corpo estranho: Ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

LOURO, G. L.; NECKEL, J. F.; GOELLNER, S. V. (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis: Vozes, 2003. 191 p.

MANZINI, E. J. Considerações sobre a transcrição de entrevistas. In: MANZINI, E. J. **A entrevista como instrumento de pesquisa em Educação e Educação Especial: uso e processo de análise**. Tese. Faculdade de Filosofia e Ciências. Universidade Estadual Paulista. Marília: UNESP, 2008.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. V. **Metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2004.

MARTINS, A. P. A. O Sujeito “nas ondas” do Feminismo e o lugar do corpo na contemporaneidade. **Revista Café com Sociologia**, v. 4, n. 1, jan./abr. 2015. 15 p.

MEDEIROS, M. O trabalhador homossexual: o direito a identidade sexual e a não discriminação no trabalho. In: POCAHY, F. **Rompendo o silêncio: homofobia e heterossexismo na sociedade contemporânea**. Políticas, teoria e atuação. Porto Alegre: Nuances, 2007.

MEDEIROS, A. da R. **A negação dos direitos LGBTs no Brasil: expressões na mídia hegemônica e nos projetos de lei em tramitação no Congresso Nacional**. Trabalho de Conclusão de Curso. Graduação em Serviço Social. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal: UFRN, 2016. 87 p.

- MELLO, L. *et al.* Políticas públicas para a população LGBT no Brasil: notas sobre alcances e possibilidades. **Cadernos Pagu**. Campinas, n. 39, p. 403-429, 2012.
- MIRANDA, O. C.; GARCIA, P. C. **A Teoria Queer como representação da cultura de uma minoria**. Comunicação oral. III EBECULT: Encontro Baiano de Pesquisas em Cultura. abr. 2012.
- MISKOLCI, R. **A teoria queer e a questão das diferenças: por uma analítica da normalização**. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL. Anais. Campinas: Unicamp, 2007. 19 p.
- MOLINA, L. P. P. **A homossexualidade e a historiografia e trajetória do movimento homossexual**. Londrina: Antíteses, v. 4, p. 949-962, 2011.
- MORATO, R. dos S. **Os sentidos dos discursos sobre gênero e sexualidade no Facebook: a desigualdade social “curtida” e “compartilhada”**. Dissertação. Mestrado em Direitos Humanos. Universidade Federal de Pernambuco. Recife: UFPE, 2017. 148 p.
- MOREIRA, A. J. A construção jurídica da heterossexualidade. **Revista de Informação Legislativa**. Brasília, a. 47, n. 188, 2010.
- MOTTA, A. B. da; SARDENBERG, C.; GOMES, M. (Orgs.). **Um diálogo com Simone de Beauvoir e outras falas**. Salvador: NEIM/UFBA, 2000.
- MOURA, I. H. F. de S. Ousando teimar por liberdade: trajetória e lutas do movimento LGBT no Brasil. **Revista Includere**, v. 2, n. 1, 2016. 12 p.
- NARVAZ, M.; KOLLER, S. H. Metodologias feministas e estudos de gênero: articulando pesquisa, clínica e política. **Psicologia em Estudo**, v. 11, n. 3, p. 647-654, 2006.
- NASCIMENTO, A. F. do. Os primeiros grupos de afirmação homossexual no Brasil contemporâneo. **Albuquerque - Revista de História**, v. 7, n. 13, p. 62-84, jan./jun. 2015.
- NATIONAL GEOGRAPHIC. **12 figuras LGBTQIA+ históricas que mudaram o mundo**. Disponível em: <<https://www.nationalgeographicbrasil.com/cultura/2018/06/12-figuras-lgbt-historicas-que-mudaram-o-mundo>>. Acesso em: 12 ago. de 2020.
- NUNAN, A. **Homossexualidade: do preconceito aos padrões de consumo**. 1. ed. Rio de Janeiro: Caravansarai Editora, 2015.
- NUNAN, A. **Preconceito internalizado e comportamento sexual de risco em homossexuais masculinos**. Psicologia Argumento. Curitiba, v. 28, n. 62, p. 247-259, jul./set. 2010.
- OLIVEIRA, R. D. **Elogio da diferença**. O feminino emergente. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- OLIVEIRA, G. da S. D. de. Construção, negociação e desconstrução de identidades: do movimento homossexual ao LGBT. **Cadernos Pagu**. Campinas, n. 34, p. 373-381, jun. 2010.

OMS – Organização Mundial da Saúde. CID-10. **Classificação Internacional de Doenças**. 1983. Disponível em: <<https://www.who.int/eportuguese/countries/bra/pt/>>. Acesso em: 15 mai. de 2020.

PASSION PASSPORT. **Carlos Jáuregui: Profiling a Legendary Argentinian Queer Activist**. Disponível em: <<https://passionpassport.com/carlos-jauregui-gay-argentina/>>. Acesso em: 08 set. de 2020.

PASSOS, L. de S.; SILVA, E. C. da. Invisibilidade homoafetiva nos meios de comunicação: um olhar sobre a heteronormatividade nas propagandas de outdoor no dia dos namorados. In: **II Seminário Nacional de Educação, Diversidade Sexual e Direitos Humanos**. Anais. Paraná, 2012. 10 p.

PEDRO, C. B; GUEDES, O. de S. As conquistas do movimento feminista como expressão do protagonismo social das mulheres. **I Simpósio sobre Estudos de Gênero e Políticas Públicas**. Universidade Estadual de Londrina. Anais. Londrina: UEL, jun. 2010. 10 p.

PEDRO, J. M. **Traduzindo o debate**: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. São Paulo, v. 24, n. 1, p. 77-98, 2005.

PEREIRA, C. F. **Notas sobre a trajetória das políticas públicas de direitos humanos LGBT no Brasil**. Bauru: RIDH, v. 4, n. 1, p. 115-137, jan./jun. 2016.

PEREIRA, D. de M.; HORN, L. H. C. “Papéis” de Gênero, Homossexualidade e Escola: possíveis diálogos entre educação e estudos de gênero. **Revista Sociais & Humana**, v. 30, 2. ed., 2017.

PETRY, A. R.; MEYER, D. E. Transexualidade e heteronormatividade: algumas questões para a pesquisa. **Textos & Contextos**. Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 193-198, 2011.

PINO, N. P. A teoria queer e os intersex: experiências invisíveis de corpos des-feitos. **Cadernos Pagu**. Campinas, v. 28, p. 149-174, jan./jun. 2007.

PINTO, C. R. J. **Uma história do feminismo no Brasil**. Coleção História do Povo Brasileiro. 1. ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003. 119 p.

PINTO, C. R. J. Feminismo, História e Poder. **Revista de Sociologia e Política**. Curitiba, v. 18, n. 36, jun. 2010.

POLLAK, M. A homossexualidade masculina, ou: a felicidade do gueto?. In: ARIES, P. & BEJIN, A. (Orgs.) **Sexualidades Ocidentais**: contribuições para a história e para a sociologia da homossexualidade. São Paulo: Brasiliense, p. 54-76, 1985.

PRADO, M. A. M.; MACHADO, F. V. **Preconceito contra homossexualidades**: a hierarquia da invisibilidade. São Paulo: Cortez, 2008.

QUEIROZ, M. **Variações sobre a técnica do gravador no registro da informação viva**. São Paulo: T a Queiroz, 1991. 171 p.

RABAY, G. F.; CARVALHO, M. E. P. Participação da mulher no parlamento brasileiro e paraibano. **Democracia, Direitos Humanos e Gênero**. Marília, v. 12, n. 1, p. 81-94, jan./jun. 2011.

ROSA, A. R. **(O) Braço forte, (a) mão amiga**: um estudo sobre a dominação masculina e violência simbólica em uma organização militar. Lavras: UFLA, 2007.

RUBIN, G. **O tráfico de mulheres**: notas sobre a “economia política” do sexo. Recife: SOS Corpo, 1993.

SAFFIOTI, H. I. B. Rearticulando gênero e classe social. In: COSTA, A. O.; BRUSCHINI, C. (Orgs.). **Uma Questão de gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.

SALVINI, L. *et al.* A violência simbólica e a dominação masculina no campo esportivo: algumas notas e digressões teóricas. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**. São Paulo, v. 26, n. 3, p. 401-410, jul./set. 2012.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Tradução: Guacira Lopes Louro. Versão revisada. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SEDGWICK, E. K. **Between Men**: English Literature and Male Homosocial Desire. New York: Columbia University Press, 1985.

SEIDMAN, S. **Queer Theory/Sociology**. Malden: Blackwell, 1996.

SILVA, A. A. *et al.* **A Influência do Ambiente Organizacional na Inovação de Produtos em Empresas Empreendedoras**. Encontro de Estudos sobre Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas. Anais. São Paulo: EGEPE, p. 393-409, 2008.

SILVA, A. K. L. S. da. Diversidade Sexual e de Gênero: a construção do sujeito social. Universidade Federal do Pará. **Revista NUFEN**. Belém: UFPA, v. 5, n. 1, p. 12-25, jan./jul. 2013.

SILVA, L. C. da; BARBOSA, B. R. S. N. Sobrevivência no armário: dores do silêncio LGBT em uma sociedade de religiosidade heteronormativa. **Estudos de Religião**, v. 30, n. 3, p. 129-154, set.-dez. 2016.

SILVA, L. G. T. da; CAMPOS, C. G. Os movimentos LGBT e feminista no Brasil: da mordada autoritária à publicidade na esfera transnacional. **Revista Perspectivas Sociais**, a. 3, n. 1. Pelotas, fev. 2014. 14 p.

SILVA, R. G. da. Corpos objetos: a heterossexualidade compulsória e os discursos de ódio nas redes sociais. **Temática**. NAMID/UFPA, n. 6. jun. 2018.

SILVA, T. B. R. **Representações Sociais: transformações e dissidências no movimento feminista, LGBT e transfeminismo.** In: Seminário Internacional de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Anais. Marília, 2015. 13 p.

SILVA, T. T. **Espacios de identidad: nuevas visiones sobre el curriculum.** Barcelona: Octaedro, 2001.

SIMAKAWA, V. V. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade.** Dissertação. Mestrado em Cultura e Sociedade. Universidade Federal da Bahia. Salvador: UFBA, 2015. 244 p.

SIQUEIRA, M.; ZAULI-FELLOWS, A. Diversidade e identidade gay nas organizações. **GESTÃO.Org. Revista Eletrônica de Gestão Organizacional**, v. 4, n. 3, p. 69-81, 2006.

SOUSA FILHO, A. Teorias sobre a gênese da homossexualidade: ideologia, preconceito e fraude. In: JUNQUEIRA, R. D. (Org.). **Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas.** Brasília: Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada. Alfabetização e Diversidade. UNESCO. Coleção Educação para Todos, v. 32, 2009. 458 p.

SOUZA, E. M. de; PEREIRA, S. J. N. **As categorias identitárias que (re)produzem discriminações: estudo da discriminação exercida por gays.** In: XXXIV ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO. Anais. Rio de Janeiro: ANPAD, 2010.

SOUZA, E. M. de; PEREIRA, S. J. N. (Re)produção do heterossexismo e da heteronormatividade nas relações de trabalho: a discriminação de homossexuais por homossexuais. **RAM - Revista de Administração Mackenzie.** São Paulo, v. 14, n. 4, p. 76-105, jul./ago. 2013.

SOUZA, I. de. A mulher e a revolução francesa: participação e frustração. **Revista UNI-RN**, v. 2, n. 2, ago. 2008. 111 p.

SOUZA, M. C. de. **O Brasil e o Comitê para a Eliminação da Discriminação das Mulheres da ONU: reflexões sobre as 29^a, 39^a e 51^a Sessões da CEDW.** In: ANAIS DO XXI ENCONTRO NACIONAL DO CONPEDI. 21. ed. Florianópolis: Boiteux, v. 1, p. 6714-6744. 2012.

SUPER ABRIL. **10 pessoas que lutam contra a homofobia e a transfobia mundo afora.** Disponível em:

<<https://super.abril.com.br/blog/superlistas/10-pessoas-que-lutam-contr-a-homofobia-e-a-transfobia-mundo-afora/>>. Acesso em: 08 set. de 2020.

SWAIN, T. N. Lesbianismos, cartografia de uma interrogação. In: RIBEIRO, P. R. da C. *et al.* (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade: discutindo práticas educativas.** Rio Grande: Editora da FURG, p. 9-17, 2007.

SWAIN, T. N. **Desfazendo o “natural”**: a heterossexualidade compulsória e o continuum lesbiano. Undoing the “natural”: the compulsory heterosexuality and the lesbian continuum. n. 5, p. 45-55, 2010.

SWITALSKI, H. J. **A organização como família**: Considerações para esta metáfora. Trabalho de Conclusão de Curso. Graduação em Administração. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis: UFSC, 2019. 43 p.

THE LIVING ROOM. **Biographies**. Disponível em:
<<http://andrejkoymasky.com/liv/fam/bioc4/consol01.html>>. Acesso em: 08 set. de 2020.

VAITSMAN, J. Hierarquia de Gênero e Iniquidade em Saúde. **PHYSIS - Revista de Saúde Coletiva**, v. 4, n. 1, 1990.

VERGARA, S. C. **Métodos de pesquisa em administração**. São Paulo: Atlas, 2005.

VIANNA, E.; NASCIMENTO, D. R. do. “Nunca me senti tão maldito?: o estigma e a epidemia de Aids no Brasil”. In: FRANCO, S. P.; NASCIMENTO, D. R. do; MACIEL, E. L. N. (Orgs.). **Uma história brasileira das doenças**, v. 4. 1. ed. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013.

WELZER-LANG, D. Os homens e o masculino numa perspectiva das relações sociais de sexo. In: SCHPUN, M. (Org.). **Masculinidades**. Santa Cruz do Sul: Boitempo/Edunisc, 2004.

YIN, R. **Case Study Research: Design and Methods**. Thousand Oaks? Sage Publications, 1994.

APÊNDICE I - Roteiro de Entrevista

Questão 1: Idade

- Menor de 23 anos
- De 23 a 26 anos
- De 27 a 30 anos
- De 31 a 34 anos
- Maior de 34 anos

Questão 2: Nível de Escolaridade

- Ensino Fundamental Incompleto
- Ensino Fundamental Completo
- Ensino Médio Incompleto
- Ensino Médio Completo
- Ensino Superior Incompleto
- Ensino Superior Completo

Questão 3: Ramo da Empresa

- Comercial
- Industrial
- Educacional
- Serviço Público
- Serviço Militar
- Prestação de Serviço

Questão 4: Profissão

Questão 5: Local de Residência

Questão 6: Experiência Profissional

- De 5 a 8 anos
- De 9 a 12 anos
- De 13 a 16 anos
- De 17 a 20 anos
- Maior de 20 anos

Questão 7: Quando você se descobriu homossexual?

Questão 8: Você teve dificuldades em assumir a sua orientação sexual socialmente? Caso sim, quais foram elas? Caso não tenha assumido, o que levou você a tomar essa atitude?

Questão 9: Alguma vez você já omitiu a sua orientação sexual ou fingiu ser heterossexual no ambiente de trabalho? Por quê?

Questão 10: Você já se sentiu excluído no trabalho por ser homossexual? Ou sentiu que estava sendo julgado por sua sexualidade?

Questão 11: Relembrando a sua trajetória profissional, você identifica algum episódio de preconceito, no ambiente de trabalho, por ser homossexual?

Questão 12: Você já ouviu algum tipo de comentário homofóbico no seu ambiente de trabalho? Como reagiu?

Questão 13: Teria algo que gostaria de acrescentar sobre o assunto?

APÊNDICE II - Transcrição das Entrevistas

Entrevistado: Luiz Mott

Questão 7: Eu não lembro exatamente, mas eu acho que foi lá pelos 14, 15 anos. Antes eu até pensei [ficou pensativo], eu achava que gostava de uma menina na escola, mas acabou que nada se desenvolveu e acabei percebendo que era o que não me interessava mesmo. Então foi por essa idade mesmo.

Questão 8: Isso depende do ambiente [ficou pensativo], mas nos meus trabalhos eu sempre fui assumido. Com os meus amigos, por exemplo, pessoas que são próximas, todos eles sabem que sou gay, embora isso não seja uma questão que eu traga à tona, eu só me comporto normalmente. Somente se acontece alguma coisa, que envolva um namorado, um parceiro eu digo “esse é meu namorado, meu parceiro” e, fora isso, eu não entro nesse assunto porque eu acho que não diz respeito às pessoas e não se trata de medo. [Longo suspiro] Eu acho que eu não me policio, não me considero afeminado, mas também não fico me policiando pra [sic] não parecer afeminado, eu só me comporto como eu quero me comportar e se as pessoas quiserem pensar “ah será que ele é gay ou não?” eu não costumo me preocupar, só isso. Uma coisa que eu não faço é disfarçar o meu jeito pra [sic] que não percebam que sou gay, só ajo normalmente mesmo. [Ficou pensativo] Na minha opinião, como a sociedade vê o gay [breve pausa], depende muito da associação que fazem do homossexual a uma pessoa imoral, anormal, pervertida, e o fato de uma pessoa heterossexual ser considerada dentro dos padrões aceitáveis de normalidade e o gay uma pessoa doente. [Fez breve silêncio] De maneira geral eu acredito que os ambientes que têm na sua maioria homens heterossexuais, faz com que os homossexuais tenham maiores dificuldades em assumir a sua sexualidade, apesar de eu achar que o tipo de ambiente, tipo de trabalho que tu tá [sic] também influencia.

Questão 9: Eu acho que eu nunca fingi ser hétero [heterossexual], mas já omiti e é uma questão bem complicada e talvez eu omita até hoje, mas é que essa ideia de ser assumido não quer dizer que tu tenha que chamar as pessoas pra [sic] uma reunião e falar “Ah eu sou gay, por favor, me aceitem”, eu acho que não se trata disso, eu só vivo a minha vida, com meus

colegas de trabalho, sem ficar trazendo à tona a minha vida amorosa ou sexual, justamente porque eu tô [sic] no ambiente de trabalho. Se uma relação começa a ficar mais próxima com algum colega, naturalmente eu falo sobre isso, mas também sem pedir autorização ou pedir desculpas ou nada desse tipo. [Longa pausa] O que eu consegui me lembrar agora foi em uma ocasião só em que passei um ano e meio num setor do meu trabalho atual em que o ambiente era muito homofóbico por causa do meu ex-chefe. Ele era claramente homofóbico, racista, muito prejudicial, então nesse ambiente em específico [breve pausa], nunca falei de uma namorada, nunca falei nada desse tipo, nunca trouxe à tona a minha vida amorosa, sexual ou particular. Não entrava nem em assuntos de família porque sabia que ele era uma pessoa realmente muito preconceituosa, que julgava muito todos em todos os aspectos, então nesse ambiente, já tendo ouvido dele comentários homofóbicos, nesse caso específico eu não me manifestava, daí eu omitia. Nos outros ambientes foi como eu falei antes, eu só me abro com alguém quando eu me sinto à vontade mesmo, fora isso eu tento manter um distanciamento profissional.

Questão 10: Excluído eu acho que não, mas novamente nesse setor que eu mencionei sim, eu me sentia julgado, foi nesse caso mesmo. Nos outros lugares que eu trabalhei não me senti julgado, mesmo tendo contado explicitamente ou não, nunca senti que isso fosse um problema no meu desenvolvimento no trabalho, mas nesse setor específico sim. [Ficou pensativo] Eu sabia que por estar numa instituição em que essa pessoa tinha algum poder, alguma influência sobre outras pessoas e sobre minha carreira eu sabia que eu não podia ser honesto, não podia me abrir porque eu era permanentemente julgado e avaliado, e tinha medo de ser difamado por qualquer coisa que eu fizesse. Talvez, esse tenha sido o momento em que eu realmente tenha percebido que eu não poderia ser eu nesse ambiente, sabe? Mesmo sabendo que eu não estava fazendo nada de errado, mas o fato de eu não ter os mesmos interesses sexuais faria com que eu fosse julgado pelos outros ou até mesmo punido. O que pra [sic] mim fica muito claro é o fato de que é muito mais aceitável que o homossexual viva uma mentira pra [sic] poder ser aceito na sociedade, no trabalho, do que, propriamente, as pessoas respeitarem as diferenças sexuais.

Questão 11: Essa questão é bem complicada porque, diretamente, alguma ofensa, alguma exclusão ou alguma outra coisa direta não, mas já percebi olhares maldosos direcionados a mim por ser homossexual, mesmo eu não sendo afeminado, e isso me incomodou porque, mesmo que indiretamente e eu sendo uma pessoa assumida, ainda que discreto, esses olhares de questionamento me machucaram, pois não julgo ninguém e espero não ser julgado por ter uma orientação diferente do normal. [Breve silêncio] Também já senti algumas situações em volta, já ouvi comentários, já vi colegas sendo comentados por trás por serem homossexuais, já ouvi piadinhas, então já convivi em ambientes homofóbicos, já presenciei cenas homofóbicas. Esses preconceitos são, muitas vezes, apenas por olhares ou comentários ingênuos aos olhos de quem fala, mas extremamente prejudiciais aos olhos de quem recebe, no caso a gente.

Questão 12: Sim, posso relatar alguns. Recentemente um colega do setor estava fazendo alguma piadinha com outro colega e eu não tava *[sic]* participando. Agora não lembro o que aconteceu, mas esse outro colega estava relacionado à palavra veado de alguma forma, e daí ele falou “Isso é coisa de ‘viadinho’! Haha”, aquele tipo de comportamento que mostra que tu tem que ser “machão” pra *[sic]* poder ser considerado homem. Eu tive que ouvir isso, mas eu contestei, me meti e disse “Tá *[sic]*, estamos em 2019 e a gente ainda tem que ouvir esse tipo de comentário?”, já consegui falar. Já ouvi também no meu setor anterior esse mesmo colega fazendo comentários homofóbicos sobre estagiários. Um estagiário que era um pouco mais afeminado, quando ele não tava *[sic]* ele era alvo de comentários. Uma estagiária que tinha um pouco de trejeitos que talvez indicasse que ela fosse lésbica, também já foi alvo de comentários, já presenciei. Um outro colega do meu trabalho, que era gay, foi assediado no elevador do trabalho e [interrupção da fala]. É, a gente convive com esse tipo de episódio. [Breve pausa] Não sei, indignação claro. Em grande parte, incredulidade porque hoje eu sei que o problema é com quem tá *[sic]* agredindo ou quem se ofende com isso de alguma forma ou quem ache um problema ser homossexual, então, eu ainda fico incrédulo que, em 2020, a gente ainda veja as pessoas fazendo chacota disso ou achando que isso é um problema, achando que isso é motivo de comentário, então ao mesmo tempo que eu fico indignado, eu fico incrédulo de como que isso ainda acontece. Acho que é esse o sentimento.

Questão 13: [Fez silêncio longo] É interessante pensar sobre isso, fico contente que vocês estejam estudando isso, e é realmente uma coisa difícil de captar, né [*sic*]? Porque no dia a dia, eu não sei se é tão frequente a gente ver agressões explícitas ao homossexual no trabalho, mas a gente sente aquela toxicidade dos ambientes, a gente percebe quando está num ambiente ultraconservador, um ambiente homofóbico, um ambiente racista, a gente consegue sentir em pequenos comentários, em como os colegas se comportam quando alguém não tá [*sic*] e tu presencia, então fica mais difícil de descrever e de perceber o que tá [*sic*] acontecendo ou, por exemplo, “Não consegui uma promoção por ser homossexual” [entrevistado reproduz a fala de outra pessoa], isso é muito difícil de provar, mas mesmo assim é importante que continue discutindo sobre isso, então é só isso que quero acrescentar.

Entrevistado: Harvey Milk

Questão 7: Eu particularmente foi bem cedo, lá por volta dos sete ou oito anos, eu já tinha [interrupção da fala], já conseguia saber, mas também porque na minha família já tinha referências de primos e de tios que já passaram por processos assim, então já tava [*sic*] mais habituado a isso.

Questão 8: Socialmente sim, foi mais difícil do que no âmbito da família, por exemplo, [ficou pensativo] os motivos, [breve pausa] talvez porque eu seja de uma cidade pequena, não tão pequena, mas aparentemente sim, mais conservadora nesse sentido e com receio de algumas coisas em relação ao futuro. Por exemplo, eu tinha medo do trabalho, de como eu iria lidar com isso no trabalho, como arranjar um trabalho no caso, da formação depois se fosse estudar porque a princípio eu percebia isso na cidade que era bem difícil, as pessoas que eu conhecia que eram homossexuais, como alguns professores, eu via de como fechavam portas, sabe? Gente principalmente da área da educação que eu tinha mais contato. Então esse era meu receio. Em termos sociais, às vezes, até hoje eu me repreendo em determinados lugares com medo de violência, por exemplo. [Interrupção do entrevistador] Eu acho que o padrão correto social, e não só o correto, mas o que é comum, mais comum, no sentido daquilo ser mais habitual, ainda é a heterossexualidade, sabe? [Breve pausa] Porque acaba que todo mundo é o que a grande maioria faz, e isso faz com que a gente se molde, enfim, fique receoso nesse

sentido, se torne um padrão, então a gente acaba [breve pausa] até que involuntariamente seguindo esse padrão normal, entre aspas.

Questão 9: De fingir minha orientação sexual nunca, mas já omiti no sentido de que eu nunca expus isso, tipo, de primeira, assim, nunca foi algo que eu comentasse, por exemplo, em entrevistas de emprego eu falava, mas depois nos dois lugares que eu tive vínculo empregatício de fato, eu expunha só pra [sic] aquelas que fossem mais próximas, nunca, assim, tipo, todo mundo saberia ou nunca foi algo que eu abertamente falava. Geralmente as pessoas acabavam me conhecendo, sabendo disso, porque chegava em algum assunto ou eu apresentava na época algum companheiro ou coisa do tipo, mas nunca foi algo que eu falei abertamente. [Interrupção do entrevistador] No primeiro trabalho era mais amplo, que era um órgão público, então eu tinha bastante contato com vários setores, mas na empresa que era privada, como ela era pequena eu sentia uma mudança de comportamento comigo em partes, talvez por causa desse receio das pessoas acabarem achando que tu tá [sic] fazendo alguma coisa errada por ser assim ou acharem que tu tenha que se moldar só por causa do que os outros vão achar de ti, sabe? De que todas as tuas atitudes passam a ser lidas porque tu tem uma orientação sexual específica, então isso tudo, às vezes, eu me, [ficou pensativo] enfim, como que eu posso dizer? [Breve pausa] Não é que eu me controlava, mas eu me condicionava a determinadas coisas para não falar abertamente sobre o fato de eu ser gay, até porque eu já sou mais retraído, mas é provavelmente por isso [o fato de ser homossexual]. E isso acabava interferindo, até porque eu, por exemplo, não conhecia, nesses ambientes de trabalho, colegas que eram homossexuais, então, se eram ou não, eu também não sabia, mas nesses lugares não havia espaço nesse sentido.

Questão 10: [Ficou pensativo] Talvez, [breve pausa] sempre tive mais facilidade em lidar com colegas do sexo feminino, por exemplo. É, talvez por isso que eu me aproximava mais desse grupo, por questões de afinidade, até por fatores culturais, porque como eu não sou hétero [heterossexual], então eu não tava [sic] necessariamente inserido naquela cultura “hétera” [heterossexual] masculina, então muitos dos referenciais não eram os mesmos que os meus, [breve pausa] então por isso eu fazia esse isolamento, mas me sentia excluído, né [sic]? Eu não sei se eu me sentia na época, embora olhando hoje, talvez sim, sabe? De imaginar que

em determinados lugares, por exemplo, nos eventos de final de ano da empresa ou mesmo no trabalho, às vezes ficavam esses grupinhos assim, né [sic]? Mas nunca foi algo que eu pensasse no momento, penso mais sobre isso agora. [Interrupção do entrevistador] Na parte de se sentir julgado, isso sim, por exemplo, eu trabalhei numa empresa de [ficou pensativo] onde tudo tava [sic] ou era relacionado às atitudes, muitas vezes só pelo fato de tu ser organizado eles associam isso a um lado feminino que pra [sic] mim não faz muito sentido, porque não é porque eu sou homossexual que me vejo, enfim, com um lado feminino, então, mas isso acontecia. Imagina assim, não diretamente, mas, às vezes, um sorriso debochado, sabe? Já aconteceu. E na empresa privada que eu trabalhei, que era da área da arquitetura, os clientes em si ou a grande maioria que era arquiteto, eram muito [ficou pensativo], não sei bem como falar, porque nesse meio tem muitos homossexuais e acabava que, como era uma fábrica e tinha muitos homens heterossexuais, eles faziam muitas piadinhas homofóbicas, coisas desse tipo, mesmo eles sabendo que eu era gay e fingindo que não sabiam. Pra [sic] eles, não era um problema [fazer as piadas homofóbicas] porque, enfim, era só uma piadinha, não se importavam com o fato de eu estar ali e ter uma atitude extremamente homofóbica, por exemplo, ainda que na fala, né [sic]? Eles ignoravam o fato de eu estar ali. Eu nem sei se passava na cabeça deles de fato que alguém que está ali poderia se ofender, porque, por exemplo, eles também eram machistas e tinham mulheres, eles também eram homofóbicos e muitas vezes eram racistas, enfim, então [ficou pensativo], mas acredito que eles agiam como eles são, embora o que eles faziam me machucava óbvio, a gente se sente bem repreendido, mas, assim, nunca nada direcionado, por exemplo, pra [sic] minha pessoa, isso eu realmente nunca sofri, assim não. Diretamente, alguém nunca veio e falou algo pra [sic] mim ou fizeram algo que eu senti que fosse necessariamente pra [sic] mim, algo assim muito pesado, mas o que mais incomodava em alguns momentos, como eu comentei, era de me associar a uma mulher, e já foi mais de uma vez, pelo fato de eu ser organizado, enfim, uma aura feminina e coisa e tal.

Questão 11: [Fez silêncio longo] Deixa eu pensar aqui agora, é que realmente [ficou pensativo]. É que eu sempre lembro assim, talvez são coisas que eu lembrasse na época com mais facilidade porque marcavam mais, e hoje como eu meio que já apaguei, já desconsidereii isso, então não consigo ter uma memória tão nítida disso, mas de episódios assim, [pausa

breve] agora não me lembro [pausa breve]. Um caso que eu lembrei foi que no meu primeiro trabalho, que foi na Secretaria de Saúde, eram feitos camisetas personalizadas conforme os programas para saúde do homem e a saúde da mulher e coisa e tal, a camiseta da mulher era na cor rosa e os homens, por exemplo, não usavam porque era cor de mulher e era aquela coisa bem pejorativa [breve pausa], e acabava que quando alguém usava eles faziam aquela chacotinha “ah viadinho!” [reproduziu os gestos das pessoas], e é isso e é aquilo, umas piadas assim bem homofóbicas mesmo, isso eu lembro, até porque foi num sábado, foi uma campanha bem específica. E no meu trabalho que foi privado teve assim que eu [breve pausa], como eu tinha contato com todos na confraternização eu lembro assim de umas coisas, enfim, de piadinhas, de comentários, aí o pessoal tá [sic] mais exaltado e coisa e tal e aí já viu né [sic]? Mas nada assim que eu lembre muito nesse lugar em particular, mas quase sempre nesse mesmo teor assim, piadas de [breve pausa], não necessariamente diretamente a mim, mas sempre depreciativa, sempre depreciando, nunca óbvio [breve pausa], mesmo a pessoa falando “Ah não é a intenção, não fiz por mal” ou não pode, enfim, fazer determinada coisa porque pode deixar de ser homem, enfim, coisas desse tipo, mas assim pontualmente um episódio muito marcante eu não me recordo não. [Interrupção do entrevistador] Nesse segundo vínculo de trabalho tinha um colega com o qual eu trabalhava muito próximo, por causa do setor mesmo e muitas vezes como a gente fazia quase tudo junto, as outras pessoas ficavam fazendo insinuação, embora ele fosse hétero [heterossexual] e namorasse, e eu também namorava, então não fazia muito sentido porque da parte dos dois não existia isso, mas só pelo fato de ter uma amizade muito próxima, eles já faziam insinuações. Isso eu lembro. Eles [ironizou] falavam “Ah vão sair de novo? Ah tão [sic] indo de novo juntos?”, e gente da própria equipe, que era da minha equipe, inclusive colegas meus, então era aquela coisa “Ah não! É uma brincadeirinha”, mas era uma brincadeirinha meio debochada, eu relevava porque, enfim, era a forma como eu conseguia lidar bem com isso naquele momento, mas era algo que realmente me incomodava, talvez incomodasse até mais ele do que eu por insinuar que ele fosse homossexual, por exemplo, mas aparentemente nesse caso específico eu lembro bastante, até porque eu tenho contato com ele até hoje, então é alguém de quem eu consigo me recordar. Também eu acho que incomodava ele mais por associar ele a um homossexual e isso ser visto como depreciativo, ainda mais na cidade onde eu moro, onde é tudo muito das aparências, as pessoas têm que ter um determinado padrão pra [sic] tudo.

Então nesse sentido, como ele sabia que eles falavam, ele perguntava mais sobre determinadas coisas a respeito disso, sobre o que eu achava sobre determinados assuntos, e ele era uma pessoa mais progressista, vamos dizer assim, tanto que ele era mais novo, não necessariamente, né [sic]? Mas acabava influenciando, então, dava pra [sic] perceber mais ainda um certo desconforto, muitas vezes. Embora nunca tenha interferido na nossa relação de amizade, mas acontecia. Até por parte da família, como a empresa era de uma mesma família, então tinha muitos parentes, às vezes faziam esses comentários do tipo “Ah, tá [sic] saindo com o [nome do entrevistado omitido], é muito amigo” ou comentavam que era amizade colorida e coisas do tipo [suspiro].

Questão 12: Já, nesse sentido sim. Agora comentando assim até faz sentido [fez silêncio longo]. Do primeiro vínculo, assim, como tinha um fluxo muito grande de atendimento com muita gente, eu acabava não tendo tanto contato assim, não ouvia, talvez se falassem era baixinho [breve pausa], não era tão próximo, no segundo como era uma empresa pequena, era mais fácil ouvir, mas muitas vezes até em relação a clientes, de vez em quando vinha casais que eram homossexuais, dava pra [sic] perceber que era uma coisa diferente, era uma coisa estranha, não que eles não atendessem e tal, mas havia um desconforto, parece que tudo tem que ser planejado, sabe? A forma como tu vai lidar com uma pessoa assim, parece que tu tem que se precaver de determinadas coisas, então tu fica sempre naquela [breve pausa], eu percebia isso. As pessoas parecem que ficam assim receosas, elas não sabem bem o que vão dizer, então eu via isso em relação a clientes, mas [breve pausa]. E dos comentários é o que eu citei, piadinhas, especificamente assim eu não consigo lembrar tão precisamente, mas eram coisas chulas, depreciativas e coisas desse tipo. [Interrupção do entrevistador] Eu tentava, sempre lidar com comentários desse tipo, tentava ser forte nesse aspecto, mas não era tão simples não, eu tentava imaginar que era mais suportável do que eu conseguia lidar com aquilo, como eu disse, eu tentei relevar e relevei muita coisa, mas era inconveniente, de fato. Por mais que seja sutil, e quase sempre muitas vezes é, era bem inconveniente. Assim, às vezes chegava [breve pausa], é que é uma coisa chata de lembrar, eu pensava que seria um problema a mais sem necessidade, por exemplo, tu trabalha num ambiente que tem problema, todos os ambientes de trabalho têm problemas, mas seria um problema que seria fácil de contornar se as coisas não fossem tão, enfim, ruins nesse aspecto, se as pessoas lidassem

melhor com isso, então acaba sendo realmente inconveniente, de chegar em casa meio abatido e triste por causa de algo que realmente é pequeno, é estúpido até. [Interrupção do entrevistador] Acho que confrontar, eu nunca confrontei, não que eu lembre assim, mas eu acho que eu sempre fui mais quieto mesmo, nunca fui de discutir [breve pausa], também porque não era necessariamente pra [sic] mim, ainda que fosse, assim por indireta, mas mesmo que fosse pra [sic] mim eu não sei como eu iria lidar, não sei se eu iria confrontar. Nunca fui uma pessoa de embate, então não sei se seria a forma de eu lidar com isso. Até porque a gente fica meio receoso de alguém fazer alguma piadinha, uma coisa tola, e a gente acabar confrontando e ser agredido ou verbalmente ou até fisicamente. Hoje eu já sou mais forte, já sei lidar melhor com isso, seria mais embativo mesmo. Naquela época eu ficaria com receio de fazer determinada coisa, confrontar, ir pro [sic] embate, eu iria sair pelo errado, sabe? Aquele que não soube lidar com a brincadeirinha ou coisas desse tipo, então eu lembro assim de pensar “Ah não, é preferível relevar, deixar por isso mesmo” pra [sic] não sair como o errado da história, mas hoje eu já me sinto melhor com isso, não sou de sair brigando com todos e tudo, mas eu já sou mais seguro, com a experiência a gente já vê que muitas vezes relevar não é a melhor forma de lidar com uma determinada coisa desse tipo, mas naquela altura eu achava que sim.

Questão 13: Em relação a isso, eu não sei se tem melhorado, em relação à abertura ou se é uma adaptação daquelas que a gente faz porque é obrigado, sabe? Igual deficientes físicos no ambiente de trabalho. Muitas vezes não é porque todo mundo tá [sic], enfim, lidando melhor com essa situação e sim porque determinadas coisas nos obrigam, sabe? Ou é uma lei ou é porque o público consumidor exige porque existe um novo nicho de mercado que é mais progressista e a gente quer atingir, então eu fico sempre com esse questionamento [breve pausa], até que ponto essa abertura do âmbito do mercado de trabalho é boa? Não é visando uma outra coisa e nem realmente inserir as pessoas porque isso não faz diferença nenhuma, enfim, a orientação sexual delas. Essa é minha ressalva, mas ainda mais aqui em Florianópolis que sempre foi um lugar que se vendeu muito como aberto, progressista, uma cidade que abraça, enfim, a causa LGBT e tal, então muitas vezes eu sinto um pouco isso, um pouco de forçação de barra, sabe? Porque às vezes eu vou em determinados lugares que eu sei que é mais aberto para determinadas coisas, mas não necessariamente é tão aberto assim, por

exemplo, eu nunca tive grandes dificuldades em relação a isso mas porque eu também consigo perceber que eu tenho, em algumas questões, bastante privilégios, então acho que interfere também, sabe? Eu não sou negro, não sou de uma classe social popular, então acaba que isso [breve pausa], não me prejudica, mas reforça determinadas coisas, por exemplo, preconceitos porque vai somando, sabe? Eu já sou de uma minoria, então é óbvio que eu vou ser excluído, né [sic]? As pessoas julgam muito e apontam muito aquilo que é diferente deles. Na empresa que eu trabalhei era assim, as minorias sempre eram alvo de julgamento e eu fazia parte dela, né? E, olha, que eu era uma minoria só por ser gay. Eu sou branco. Então imagina quando tinha um gay que era negro e de uma classe mais desfavorecida? As minorias sofrem, infelizmente. Aqui em São José, em Florianópolis que tive mais esse contato assim, enfim, com coisas do mundo LGBT eu senti isso muito nítido, alguém é homossexual, beleza, tá [sic] bem inserido, mas se é um homossexual e negro aí já tem uma ressalva, entende? Ou é homossexual e mulher ou, enfim, é homossexual de uma classe popular, assim né [sic], sempre com alguma questão a mais [ficou pensativo]. Então como eu sempre circulei, por exemplo, numa universidade que é um espaço que isso geralmente já tá [sic] debatido, com pessoas de uma classe média, então é um assunto que já tá [sic] em voga, muitos amigos que são da área das artes, então determinadas coisas eu sinto que ainda é muito restrito a um determinado grupo social, sabe? Essa progressão, vamos dizer assim, porque no grosso não parece que é tudo tão perfeito assim não. Enfim, o mercado eu vejo que vai por aí, sabe? Até que ponto não tá [sic] se abrindo pra [sic] atender esse grupo que é privilegiado em detrimento do resto, sabe? Seria esse o comentário que eu faria.

Entrevistado: Karl Ulrichs

Questão 7: Eu me descobri homossexual no início da adolescência, quando eu percebi que os meus colegas de aula tavam [sic] começando a ter interesses amorosos por outras pessoas e a maioria, os meninos, tinha interesse por meninas e as meninas pelos meninos, e eu comecei a me descobrir quando eu percebi que não tava [sic] sentindo vontade nenhuma de ter, de conhecer alguma menina. Eu até tentei conhecer alguma menina, mas eu tava [sic] fazendo aquilo muito forçado, aí passei por um processo de uns [breve pausa], passei a adolescência toda, uns dois ou três anos, eu acho, tentando, me forçando a ter vontade de querer sair com

alguma menina e era uma coisa muito forçada. Aí foi aí que eu descobri que eu comecei a sentir vontade de me relacionar com homens, só que eu não me relacionei porque eu achava que era errado.

Questão 8: Sim, afeta bastante meu convívio social porque em determinadas situações, em determinados ambientes que eu tô *[sic]* inserido, eu tenho que ser uma coisa e em determinados ambientes eu consigo ser eu de verdade, por exemplo, ao andar na rua ou em algumas situações eu não posso ser homossexual porque eu sei que vou sofrer preconceito. Quando eu estou com os meus amigos eu posso ser quem eu sou de verdade. *[ficou pensativo]* Outra coisa que *[breve pausa]*, os principais motivos que eu não assumi, assim pra *[sic]* sociedade foi principalmente o medo, o medo de ser excluído do grupo, tanto no grupo de amigos quanto no de trabalho, assim, medo de ser xingado, medo de rirem de mim ou medo de as pessoas se afastarem de mim, mesmo que lá pra *[sic]* frente, depois eu fui perceber que se essas pessoas fossem se afastar de mim seria bom pra *[sic]* mim porque elas não seriam pessoas que eu gostaria de ter perto de mim, mas acho que essas foram as maiores dificuldades. *[Interrupção do entrevistador]* eu tinha medo de que os heterossexuais, os colegas heterossexuais podiam me olhar com um olhar assim mais, um olhar meio torto, olhar de nojo, repulsa, porque muitos heterossexuais acham que o fato de ser gay, necessariamente tá *[sic]* ligado a ser uma pessoa pervertida, uma pessoa que passe 100% do tempo dela pensando em sexo, não é uma pessoa que trabalha, que estuda, que tem sua família, seus amigos, normal. Então eu tinha medo dessa parte dos heterossexuais justamente por eles acharem que eu pudesse ser uma pessoa suja ou uma pessoa não digna, então esse era o medo que eu tinha com relação a isso.

Questão 9: Sim, no emprego anterior ao que eu estou agora, eu omitia 100% a minha orientação sexual, mas eu não fingia ser heterossexual, apenas omitia. Eu tenho que falar o porquê? *[Interrupção do entrevistador]* Eu omitia porque eu tinha medo de perder o emprego e eu tinha medo de confrontar essas pessoas porque, como eu ouvia muitos comentários homofóbicos, eu *[pausa longa]*. Na verdade, tinha determinadas pessoas que eu sabia que podia, deveria omitir porque com essas pessoas eu ia, quase que com 100% de certeza, sofrer algum tipo de julgamento, então pra *[sic]* essas pessoas eu omitia. Tinha receio de que

chegasse ao meu chefe que sou gay e ele desse algum jeito de eu ser colocado em outro setor pra [sic] não ser uma “má” influência no setor. E tinha determinadas pessoas que eu sabia que poderia falar, mas eu não falava muitos detalhes da minha vida, mas eu sabia que eu poderia falar, que essas pessoas iam aceitar. Então, na minha cabeça, eu dividia essas pessoas em dois grupos e era isso que fazia porque eu sabia 100% de certeza que elas iriam mudar o comportamento comigo porque elas tinham comportamento homofóbicos e aquilo me fechava a me relacionar com elas.

Questão 10: Sim, eu já me senti excluído, eu não me senti excluído diretamente, as pessoas não me excluía, porque como eu já falei anteriormente eu omitia minha orientação sexual, então eu conseguia esconder quem eu era, né [sic]? quando tinha os cafés durante o expediente, a gente sentava nesse momento pra [sic] conversar sobre assuntos que não eram de trabalho e justamente nesses encontros que surgiam assuntos sobre relacionamentos amorosos, por exemplo, e esse era um assunto que eu me sentia extremamente excluído porque eu tentava de todas as formas fugir desse tipo de conversa pra [sic] eu não falar que era homossexual porque como eu sempre fui contra mentir, eu não iria mentir que eu me relacionava com uma mulher, porque atualmente eu tenho um namorado, mas, então, eu optava por fugir das conversas pra [sic] não ter que falar que eu me relacionava com outro homem, pra [sic] não acontecer o que eu tava [sic] esperando que fossem os olhares ou, depois, as piadinhas que poderiam surgir posteriormente. [Interrupção do entrevistador] o meu medo de revelar algo me fazia me excluir ou ser excluído, mesmo que indiretamente.

Questão 11: Com certeza, eu não só tenho um como eu tenho inúmeros casos, inúmeras situações que aconteceram nessa empresa que eu trabalhei. Uma delas que me marcava, não me marcou uma única vez, mas ela me marcava em todo o tempo que eu trabalhei nessa empresa, que foram alguns anos, que todas as vezes que tinham reuniões de trabalho, eu já me preparava antecipadamente, eu já pensava comigo mesmo “hoje eu vou pra [sic] essa reunião e hoje vai ter uma piada homofóbica no meio”, e todas as vezes que eu ia pra [sic] reunião, o que eu pensava se confirmava. Sempre tinha piada homofóbica, era uma, duas, três, às vezes tinha reunião que tinha somente uma, às vezes tinham reuniões que tinha quatro ou os chefes soltavam, os subordinados também soltavam, mas todo esse tempo que eu trabalhei na [nome

da empresa omitido] nenhuma reunião ficou isenta de ter alguma piada homofóbica, então essa foi uma das que me marcou e me marcou em todo esse período de anos que eu trabalhei lá. Outra história que também me marcou, foi uma fofoca sobre mim e uma colega de trabalho, porque a gente sempre ia almoçar juntos, e a gente sempre tava [sic] conversando e rindo durante o trabalho, aí as pessoas começaram a comentar que eu tava [sic] ficando com ela, porque eu era um homem e ela uma mulher, então, na visão das pessoas homofóbicas, um homem heterossexual não pode ter uma amiga heterossexual, tu tem que estar obrigatoriamente se relacionando com essa pessoa, então teve esses comentários que acabaram chegando até mim e eu fiquei bastante surpreso quando eu soube. [Ficou pensativo] Outra coisa que me marcou também foi quando o RH, o recursos humanos da empresa, resolveu fazer uma política de inclusão da, de pessoas diferentes, não só os homossexuais, mas os deficientes, as mulheres, pelo fato de ter muito machismo, mas na parte dos homossexuais que me marcou foi quando o RH fez isso, eles colocaram muitos cartazes colados nas paredes da empresa e tinha alguns desenhos que eram de homens de mãos dadas com outros homens e de mulheres de mãos dadas com outras mulheres e ouvia, não se de uma pessoa, mas de duas, quatro ou mais pessoas rindo daquilo como se fosse uma coisa extremamente absurda, eles olhavam pro [sic] cartaz e falavam “olha que coisa ridícula esses dois homens de mãos dadas” e eu ouvia aquilo e ficava calado. Essa era uma coisa que me marcou bastante também. [Breve pausa] Uma coisa que me lembro agora é o fato dos homens ter aquela necessidade de se mostrar másculo o tempo inteiro, quando eles iam cumprimentar era sempre com grosseria, era com rudez, rude assim, aquele negócio de “tenho que mostrar que sou macho, então eu tenho que cumprimentar com barulho, eu tenho que bater”, eles queriam expressar força pra [sic] mostrar que eram machos e eu não queria fazer isso. Parecia que eles queriam dominar o pedaço com aquela agressividade. E eu não queria ser assim, queria ser leve como eu sou, eu não queria mostrar isso porque eu não era assim e não sou assim. [Breve pausa] E o que [breve pausa], dessas situações que ocorreram, eu nunca conseguia, não, antes de eu contar sobre isso, tem outro ponto, outra história que também, que era coisas tão bobas, mas que me machucavam bastante era o fato de um colega não aceitar uma caneta cor de rosa ou quando algum colega pedia uma marca-texto, que tinha aquelas marca-texto que eram padrão, era rosa, era vermelha, não, a rosa, a verde, a amarela e a azul, quando alguém oferecia a caneta rosa era porque o outro era gay e era “viado” e isso era uma

coisa tão pequena na cabeça deles e era muito grande no fato de magoar o outro assim. O preconceito acontecia também quando vinha um homem com uma camisa rosa ou com um sapato mais chique que aparentava ser mais afeminado, dando motivo pra [sic] essa pessoa ser alvo de chacota, de risos e isso era muito ridículo, me incomodava bastante. De todas essas situações que ocorreram, eu percebi que eu vivia num ambiente muito tóxico e [ficou pensativo] eu tinha vontade de, tinha muita vontade de xingar essas pessoas, de confrontar elas, mas eu não conseguia, não só pelo medo de perder o emprego mas também [breve pausa] por medo de as pessoas se voltarem contra mim, [ficou pensativo] ou perder o controle da situação ou ser marcado como o “ah lá vem o gay da empresa” e ser o alvo, a atração, o gay no sentido pejorativo, não o “fulano é gay porque simplesmente gosta de homem, ele é gay porque ele é [breve pausa]”, de forma ruim, pejorativa.

Questão 12: Sim, eu já falei nas perguntas anteriores algumas coisas, mas eu posso acrescentar algumas outras, como as piadas que eu ouvia quando algum colega homem que era hétero [heterossexual] ia chamar outro colega, que também era hétero [heterossexual], e queria ofender essa pessoa, chamava em tom de brincadeira, entre aspas, de viado, viadinho, chamava “oh seu viadinho, vem aqui”, porque viado é sinônimo de ser gay e ser gay na visão deles é algo ruim, então chamar de viadinho era uma brincadeira, uma piadinha que para eles era totalmente natural e quando eu ouvia aquilo era extremamente doloroso e que me deixava mal. Outra coisa também que acontecia, eles faziam piada, mas não comigo, mas com outro colega quando algum colega ia encontrar um cliente e quando encontravam cliente eles geralmente colocavam uma roupa mais chique para encontrar esse cliente, pra [sic] ter uma boa impressão e algumas roupas, na visão desses heterossexuais, eram afeminadas demais. O sapato era afeminado, uma calça mais apertada era mais afeminada e isso parecia que aquela pessoa era gay e de novo eles achavam que ser gay era ruim, daí riam desse colega quando ele tava [sic] vestido dessa maneira. Outra coisa também que aconteceu que era uma piada assim, um comentário do meu chefe, que aconteceu, foi quando o outro colega encostou o braço sem querer em outro colega, um homem encostou o braço no outro braço de outro homem e o meu chefe achou aquilo um absurdo e chegou a comentar que era o que [breve pausa] a questionar o que tava [sic] acontecendo porque que ele encostou no outro e aquilo era feio, era horrível de acontecer, um homem encostar em outro homem porque [fez silêncio], a piada que ele

utilizou era o fato de ele ser “espada”, homem não pode encostar em outro homem, foi mais ou menos isso que aconteceu.

Questão 13: Sim, eu gostaria de falar que muita das, muita das situação que eu comentei nessa entrevista foram situações que ocorreram com outras pessoas, não somente comigo, o que aconteceu é que, como eu omitia a minha orientação sexual, então obviamente não ia acontecer muito comigo porque as pessoas não sabiam que eu sou homossexual, então [ficou pensativo] porque eu tô [sic], o ambiente que eu trabalhava era bastante tóxico. Ele era tóxico pelo fato de [breve pausa], na sua maioria serem homens, tinham poucas mulheres, então o fato de ter muito homem e muito homem heterossexual faz o ambiente ser homofóbico porque a gente vive numa sociedade muito homofóbica. É que era predominante ali, a ocupação de homem era predominante, então não tinha muitas opiniões contrárias a eles, né [sic]? Eles podiam ser aqueles homens preconceituosos que eles são, né [sic]? Outra coisa que eu gostaria de, só pra [sic] finalizar é que eu tenho a sensação que tu tem que escolher quem tu é em determinado ambiente que tu tá [sic] pra [sic] tu não sofrer preconceito. Então se tu tá [sic] num ambiente que tu sabe que é tóxico, tu muda o teu comportamento para tu não se magoar, tu não sair triste ou muito machucado, aí se tu tá [sic] num ambiente que tu sabe que não é tóxico tu consegue ser quem tu é de verdade, aí tu fica naquela escolha entre ser quem tu é de verdade ou não ser quem tu é e sofrer as consequências disso. É tão triste dizer isso, mas nessa empresa que passei eu me sentia [suspiro] violentado, entre aspas, preso dentro de mim mesmo. Lá eu não era o [nome do entrevistado omitido] que sou de verdade.

Entrevistado: Simon Nkoli

Questão 7: Dá pra [sic] dizer que eu me descobri homossexual no início da adolescência, mais ou menos aos 12 anos, apesar de ter tido relações homossexuais na infância foi só no início da adolescência que eu entendi que aquilo significava e aí que eu tomei consciência da homossexualidade.

Questão 8: Sim, eu tive muita dificuldade de assumir minha homossexualidade socialmente, isso demorou muito tempo. Ao longo da minha adolescência inteira eu tentei negar e não

procurei sexo com homens, o relacionamento com homens e tentei negar a todo custo, inclusive tentei namorar meninas, enfim, porque eu não queria ser homossexual, na verdade, era um até um próprio preconceito meu assim, então tive que vencer um preconceito interno pra [sic] conseguir me assumir socialmente, então levou muito tempo. Só depois de eu ter tentado várias vezes com meninas e vendo que não tinha como, não dava certo, é que então eu resolvi me aceitar e me assumir, mas esse assumir socialmente também sempre foi muito comedido, né [sic]? Sempre no meu círculo de amigos mais próximos, muito aos poucos e devagar. Na minha própria família eu só fui me assumir com 28 anos, então levou muito tempo isso e, assim, foi uma coisa bastante complicada pra [sic] mim, né [sic]? Mas, assim, também ao me assumir eu nunca tive nenhuma rejeição dos amigos ou família, coisa do tipo, mas eu tinha um medo muito grande de ter essa rejeição, então por isso eu quis evitar a todo custo no primeiro momento, e depois ao assumir sempre foi uma coisa muito lenta e cuidadosa, sabe? Então, sim, tive bastante dificuldade.

Questão 9: Já fingi algumas vezes e já omiti diversas vezes, inclusive, ainda omito de vez quando. Como a minha aceitação foi demorada e sofrida pra [sic] mim, no início da minha vida profissional, ainda quando estagiário, eu ainda fingia ser hétero [heterossexual], eu já namorava na época um menino, mas eu falava pra [sic] todo mundo que namorava uma menina, então, lá sim, eu fingia ainda ser hétero [heterossexual]. Depois, à medida que eu fui crescendo, envelhecendo, deixei de fingir, mas passei a omitir, simplesmente não falava mais da minha vida pessoal com ninguém, ficava uma coisa totalmente privada e sempre dava respostas evasivas pra [sic] perguntas mais íntimas, então, sim, já fiz isso diversas vezes e, mesmo hoje, também não falo abertamente da minha homossexualidade em todos os ambientes em que eu atuo, né [sic]? Hoje em dia as pessoas mais próximas do meu trabalho eu converso abertamente sobre isso e exponho abertamente, mas não é um assunto que eu fale publicamente, por exemplo, hoje, por exemplo, como presidente de uma empresa eu nunca falei pra [sic] empresa inteira, por exemplo, que eu sou gay, então, de certa forma, ainda omito, mas também não finjo mais, meio que, sei lá, deixo pessoas pensarem o que quiserem pensar, mas isso é um processo bastante complicado no mundo corporativo, né [sic]? Eu sempre tive muito receio de me assumir abertamente na empresa por um medo de mudança de comportamento comigo ou com algum tipo de preconceito mais sutil como, por exemplo, me

preferir numa eventual promoção em relação a outras pessoas que é heterossexual ou isso me afetar na minha [ficou pensativo] progressão de carreira. Assim, olhando os fatos, isso não aconteceu porque eu sempre cresci profissionalmente e hoje eu tenho um posto de liderança, de alta liderança, então se eu for te falar que eu sofri alguma represália ou alguma dificuldade por ser homossexual pra [sic] crescer profissionalmente, olhando os fatos, eu preciso dizer que não, mas, por outro lado, também nunca fui completamente aberto em relação a minha sexualidade, então é um pouco difícil avaliar se teria me afetado ou não se eu fosse completamente aberto. E aí, aqui tem um ponto que acho que vale a pena explorar, né [sic], bastante, porque essa questão desse preconceito mais sutil ou da cultura corporativa, que ainda é bastante machista, digamos assim, né [sic]? Principalmente quando você começa a galgar postos executivos mais elevados, a gente pode observar isso pelas próprias estatísticas, mulheres são minoria nesses postos e gays são menos ainda, então estatisticamente talvez dê para se falar que há algum tipo de preconceito sutil que impede que gays e mulheres atinjam postos elevados na hierarquia das empresas, assim como homens héteros [heterossexuais]. Então talvez, assim, o ambiente cultural influencie mais do que qualquer tipo de preconceito mais explícito, então eu sempre tive muito receio de me assumir publicamente na empresa por conta de afetar eventualmente o meu crescimento profissional, então sempre foi algo muito velado, minha sexualidade foi bastante omitida, mas, assim, também tem que avaliar o quanto isso é preconceito próprio meu, né [sic]? Ou como eu enxergo a homossexualidade, o quanto é real dentro da cultura organizacional. Há um lado nosso também quanto gay, mas eu falo por mim, pelo menos, não posso falar por todos, mas é um lado meu também que enxerga a homossexualidade como algo digamos assim, que te diminui um pouco em relação ao hétero [heterossexual]. Ou, que digamos, as pessoas vão te ver como mais fraco talvez, eu tenho esse preconceito, então talvez isso também me impeça, tenha me impedido de ser mais transparente, mais explícito com relação a minha sexualidade, mas eu não sei, imagino que a cultura influencia muito, o meio em que eu estive influencia muito, então não dá para dizer que a gente não vive uma cultura machista e que valoriza muito os atributos masculinos, de força, de agressividade, esses atributos mais relacionados ao homem hétero [heterossexual] e valoriza muito menos os atributos femininos, da cooperação, da gentileza, do sentimento com os quais a gente se identifica mais como gay. Então tem esses fatores do ambiente cultural em que a gente vive, que dificultam também, pelo menos pra [sic] mim, essa exposição mais

clara da minha homossexualidade no ambiente de trabalho, né [sic]? Mas sempre foi, sim, um medo de mudança de comportamento comigo e de sofrer algum tipo de preconceito velado, de isso prejudicar meu crescimento profissional, de isso me fazer parecer uma pessoa menos capaz do que as outras, não diria capaz, quando você atua num trabalho totalmente técnico, a técnica, ela se impõe, mas quando você começa a ir pra [sic] um trabalho que envolve mais gestão e liderança, aí são outros atributos que acabam sendo valorizados, atributos héteros [heterossexual] masculinos, né [sic]? então assim, historicamente nas empresas, as lideranças sempre foram mais valorizadas pelos atributos masculinos. Então, ao avaliar isso é que eu me coloco mais numa posição de não falar abertamente sobre o assunto, por medo realmente, talvez algum trejeito meu possa revelar que eu sou gay e isso me prejudicar nesse meu posto de presidente da empresa.

Questão 10: Não, eu nunca me senti excluído no trabalho por ser homossexual, também não me recordo de algum momento em que eu estivesse sentindo que estava sendo julgado por conta da minha sexualidade, mas tem que colocar em perspectiva de que eu nunca fui abertamente assumido, então eu não sei como é que teria sido se eu fosse abertamente assumido no meu trabalho ou fosse uma coisa, uma característica minha muito mais evidente, então é um pouco difícil avaliar, mas respondendo objetivamente à pergunta, não, nunca me senti excluído por ser homossexual.

Questão 11: Sim, comentários homofóbicos, piadas essas coisas desse tipo eu já ouvi diversas vezes e geralmente eu me mantive calado. Teve uma única vez que um gerente meu veio fazer uma piada comigo. Saiu uma reportagem no jornal de um garoto homossexual que havia sido espancado no meio da rua e ele veio com o jornal fazendo uma piada perguntando se eu conhecia, alguma coisa assim, com uma insinuação maldosa de que era da minha turma. Aí eu virei pra [sic] ele e, em tom de brincadeira assim, disse “Conheço, já peguei!”, aí ele deu risada e eu dei risada e ficou por isso, mas foi a única vez [risos] que eu respondi a alguma coisa, mas, geralmente, fico calado quando ouço qualquer tipo de comentário. Hoje em dia eu já não ouço mais, né [sic]? Talvez pela posição que eu ocupe, talvez as pessoas tenham um pouco de receio de falar alguma coisa, sei lá. Acho que certamente se eu ouvisse alguma coisa hoje no ambiente de trabalho de cunho homofóbico ou alguma piada nesse sentido eu me

posicionaria, né [sic]? Talvez por eu ser o presidente da companhia eu não ficaria calado, mas no meu passado eu já ouvi diversas vezes.

Questão 12: Eu não me recordo assim, lembrando a minha trajetória profissional, de algum episódio de preconceito [interrupção do entrevistador]. Não me recordo de episódios a menos as piadas que a gente ouve, piadas e comentários mais idiotas que as pessoas fazem às vezes, esses sim, mas diretamente comigo, de ação preconceituosa comigo, eu não me recordo de ter sofrido não. [Breve pausa] Na minha trajetória profissional o que fica mais marcante assim são os traços culturais da organização e como a cultura machista e preconceituosa permeia a cultura da empresa, né [sic]? Eu trabalho numa empresa, numa indústria bastante tradicional, bastante machista, a indústria do petróleo. Talvez se eu trabalhasse em outro ramo onde a presença de homossexuais é maior e tal, eu sentiria menos a pressão dessa cultura organizacional sobre mim. Então, de tudo que eu falei, o que eu acho mais relevante explorar, é nesse sentido, as questões mais sutis e também como nós mesmos observamos, a nossa própria homossexualidade diante daquela cultura que a gente tá [sic] inserido e qual é a abertura que essa cultura organizacional nos dá pra [sic] ser quem nós somos, né [sic]? Então, isso às vezes pode intimidar, às vezes não, no meu caso, muitas vezes me intimidou e por isso sempre mantive isso [a homossexualidade] como receio de afetar meu profissional e assim eu fui trilhando o meu caminho.

Questão 13: [Pausa breve] Acho que não.

Entrevistado: Ifti Nasim

Questão 7: Então, entre o ensino fundamental e ensino médio foi que eu percebi. Devia ter, sei lá, 13 anos mais ou menos e só que foi meio que negação assim, eu pensei que algum momento isso ia passar e aí foi só lá para o final do ensino médio com quase 18 [anos] que eu me liguei que era gay mesmo, né [sic]?

Questão 8: Eu tive muita dificuldade pra [sic] me assumir, pra [sic] maioria dos meus amigos eu só me assumi depois que eu já tinha saído da minha cidade. Eu sou do interior do Rio

Grande do Sul, de uma cidade de cinco mil habitantes, aí todo mundo se conhece. É uma cidade muito religiosa e as pessoas são muito conservadoras, então eu só fui me assumir pros [sic] meus amigos depois dos 19 anos. Eu me afastei de quase todos os meus amigos na minha cidade porque eu tinha muito medo de julgamentos de como eles iam reagir com isso, então, foi meio que, eu consegui amigos novos na universidade, né [sic]? Na faculdade que me aceitaram. E aí depois eu comecei a me abrir pros [sic] meus amigos antigos e, no final das contas, deu tudo certo.

Questão 9: Então, minha primeira experiência profissional foi ainda na minha cidade, quando eu tava [sic] no ensino médio, que eu fiz um ano de estágio, e lá esse assunto nunca foi tocado e eu sempre fingi que era heterossexual, nunca questionaram nada e eu também nunca falei nada, principalmente porque eu tava [sic] na minha cidade. [Breve pausa] depois que eu já tava [sic] na universidade que eu tive um emprego eu comecei esse emprego com muito medo de descobrissem que eu era gay e que isso pudesse fazer alguma influência, né [sic]? Mas com o tempo, assim, eu percebi que era um ambiente bastante aberto e meio que [longa pausa], não eu que tenha chegado e falado “Ah eu sou gay”, mas eu acho que eu consegui me soltar e as pessoas devem ter percebido de alguma maneira, até porque né [sic]? Discrição? Não sei ser, não sei fingir ser hétero [heterossexual]. E nas experiências seguintes não omiti, também não cheguei a declarar assim “Ah sou gay! Olhem para mim!”, fica subentendido, nunca mais, se as pessoas me perguntam eu vou dizer que sim.

Questão 10: Então, como eu sou da área da comunicação e a comunicação tem muito gay [deu ênfase à palavra “muito”], isso já não é [breve pausa], se já aconteceu das pessoas serem excluídas por causa disso, eu não vivi essa parte, assim, o pessoal é bastante aberto e acho que isso é um benefício bem grande assim. A questão de ser excluído existia, quando eu tinha alguma interação com pessoas de outras áreas assim, mas eu nunca cheguei entrevistar, por exemplo, uma pessoa que foi homofóbica ou não me recordo, acho que não fui excluído.

Questão 11: Já tiveram alguns, nenhum assim que tenha me afetado muito, mas já tiveram alguns. Até hoje todos os meus chefes foram homens e mulheres heterossexuais e eu acho que por essa orientação sexual deles, eles não têm essa noção de o que que é, mesmo dizendo que

não são homofóbicos, eles não têm muita noção às vezes de estarem reproduzindo coisas homofóbicas. Aí, por isso, eu já passei por interrogatório assim de “Você é gay, né [sic]?”. Chega um momento, sei lá, primeira semana de trabalho e aí a pessoa vem e me pergunta “Você é gay, né [sic]? Sabia que você era gay, porque você tem um jeito assim! Não, não sou homofóbico blá blá blá blá” [reproduziu a fala da pessoa sarcasticamente]. É uma coisa que assim: isso aconteceu no primeiro emprego, eu já era nervoso por ser tudo novo, começo de carreira que você acha que vai fazer tudo errado, vai tocar num negócio e já vai estragar, e aí a pessoa vem com essas perguntas sobre a intimidade. Ainda quando tem essa coisa hierárquica, né [sic]? Eu fiquei meio sem saber o que dizer, mas, enfim, foi uma das situações. Também já teve caso de censura porque como eu trabalho com produção de conteúdo já teve um caso que era muito pertinente eu escrever sobre homofobia e eu não pude escrever sobre homofobia porque me proibiram de escrever sobre, publicar sobre, então acho que essa foi uma das principais, assim, que me pegou de, definitivamente não gostei da situação.

Questão 12: Agora no emprego atual eu comecei a fazer reuniões com clientes que trabalham nas mais diferentes áreas, não são pessoas exclusivamente de comunicação e numa das primeiras reuniões que participei com um cliente, no meio da reunião, o cliente recebeu algum amigo, sei lá, colega de trabalho, alguém, e foi fazer um comentário e disse “Ah seu viado!” e continuou falando e aquele “Ah seu viado!” entrou na minha cabeça e eu fiquei “Ah pronto! Já temos um homofóbico entre nós”. E como era uma das primeiras reuniões e cliente novo tem essa coisa de precisar agradar o cliente novo pra [sic] ele ser seu cliente. Aí entrou na minha orelha e saiu na outra, eu não pude fazer nada também. Falta de experiência também fez com que não tomasse alguma atitude mais severa, digamos assim. Algum comentário que eu me lembre é esse, de comentário homofóbico. [Longa pausa] Aí, em relação a como eu reagia aos episódios que eu vivi, quando eu passei pelo interrogatório da minha chefe falando que “Ah você é gay”, aquela coisa, eu respondi as perguntas dela meio retraído, assim, mas respondi todas as perguntas e segui a minha vida, sempre sem tocar muito no assunto depois. Em relação a vez que eu fui censurado do conteúdo, na verdade, foi uma certa provocação minha porque eu já imaginava que eu seria censurado e eu fiz mais pra [sic] ver no que ia dar, e aí foi só uma comprovação, então eu já sabia que, como um recém chegado na empresa, eu não ia ter autoridade nenhuma pra [sic] poder fazer algum conteúdo sobre homofobia naquele

momento e é só continuei meu trabalho. Tinha algumas pessoas que eu evitava porque eram homofóbicas, então fiquei sem ir ao banheiro pra [sic] não encontrar uma pessoa, eu evitava sair sozinho pra [sic] não encontrar com essa pessoa, eu não falei pra [sic] ninguém que pudesse ser responsável porque era uma pessoa que era amigo das pessoas que poderiam fazer alguma coisa, ele era amigo das pessoas. A instituição já teve outros casos de homofobia e nunca foi feito nada, então, pelo histórico da empresa, eu decidi não fazer nada e acabei ficando calado, mesmo que no fundo eu quisesse confrontar. Essa questão da homofobia é bem triste, assim, é *punk* porque parece que não tá [sic] acontecendo. A primeira vez que aconteceu eu achei que era coisa da minha cabeça e aí aconteceu de novo eu fiquei “Ih! Deu ruim!”, aí dá uma certa raiva, uma tristeza porque parece que não tem o que fazer mesmo e foi o que aconteceu. No final das costas acho que acabou não dando em nada.

Questão 13: Acredito que não.

Entrevistado: Nikolay Alexeyev

Questão 7: Acredito que desde que soube o que era homossexualidade, lá pelos 10 anos eu acho, mas sempre soube que gostava de pessoas do mesmo sexo.

Questão 8: Muitas, eu acho que muitas [risos]. A primeira que [breve pausa] foi me aceitar porque acho que a gente não se aceita porque ouve que é errado, né [sic]? A segunda, creio que foi o medo da opinião dos outros, sabe? Opinião no caso, opinião que machuca, que fere, [breve pausa], porque a gente vive nesse ambiente de “machões”, e a gente sempre tem esse medo deles nos machucarem. Esses “machões” que adoram dominar o pedaço sempre acabam sendo mais preconceituosos e geralmente não gostam de gays, né [sic]? Aí sempre fica aquele medo infelizmente.

Questão 9: Olha, em praticamente todos os empregos em que não tinha vínculo de amizade com os colegas de trabalho eu omitia e fingia. [Breve pausa] Nas vezes que omiti, foi por não julgar necessário falar da minha vida pessoal. Já os casos que fingi ser heterossexual se deram por estar lidando com pessoas preconceituosas e pelo medo do preconceito. Ah e também

porque tava [*sic*] lidando com pessoas que não perdiam uma oportunidade de falar mal de gays, só que ao invés de eu confrontar e me impor, eu fingia ser o que não era. [Longo suspiro] Não sei o porquê de ouvir calado ou fingir, não entendo, talvez pelos heterossexuais serem sempre maioria.

Questão 10: Excluído no trabalho [breve pausa] eu acho que sim, mas não tenho certeza se foi porque sou homossexual, na verdade acho sim, porque não tinha outro motivo, mas não posso afirmar que seja por isso. Eu já senti exclusão em entrevistas de emprego, assim, quando em algum momento surgia a oportunidade de falar que era gay, a pessoa olhava de cara torta ou até mesmo assim de decepção, parecia que tava [*sic*] pensando “Ah que pena! É gay”, uma estupidez mesmo.

Questão 11: Sim, teve alguns episódios. Deixa ver aqui [longa pausa], tá [*sic*], teve piadas e comentários homofóbicos. Eu trabalhava numa empreiteira e ouvi diversas piadas entre pedreiros que eram destinadas a mim. Sabe quando tu sabe que tão cochichando e os olhares vêm em tua direção? Então, eram olhares de risos e gestos com as mãos que mostravam que eles estavam debochando do meu jeito delicado que tenho [reproduziu o gesto com as mãos]. Eles faziam questão de rir, sem disfarçar, e era tão desrespeitoso. Na visão deles, acho que ser gay e, assim mais meigo, era motivo de chacota. Teve outra vez que um cara me chamou para resolver um assunto na obra e ele me chamou de “Oh bichona”. Esse foi o pior, porque me senti humilhado e triste. Também tinha aquela brincadeirinha [suspirou] de me representar assim saltitando, que com certeza era fazendo alusão a um veado. Eles faziam isso de longe, mas eu via sempre porque não sou cego, né [*sic*]? Nunca sofri agressão física, mas tinha muito essas agressões, como posso dizer, mais leves entre aspas. Era isso que me recordo eu acho.

Questão 12: No emprego atual escuto diariamente comentários homofóbicos dos chefes e colegas de trabalho que acreditam que eu seja heterossexual. Todos os dias são referências à homossexualidade como algo nojento e repugnante. Importante destacar que os mesmos quando estão diante de mais pessoas ou de alguém abertamente homossexual, fingem aceitar e

não ter preconceitos, o chamado preconceito velado, né [sic]? Eu acabo fingindo não estar prestando atenção ou mudo de assunto pra [sic] não me irritar mais do que já fico irritado.

Questão 13: Posso acrescentar que essas violências que sofremos nunca vão acabar se a gente não confrontar ou não tentar mostrar quanto o preconceito é feio e anormal, só que como a gente vai combater isso se a gente se sente preso ou com medo de mostrarmos quem nós somos? Só queria poder confrontar, mas eles sempre serão maioria, né [sic]? Aí acabamos ouvindo tudo isso calados [longo suspiro].

Entrevistado: Rodney Croome

Questão 7: Eu descobri a minha homossexualidade bem jovem, eu devia ter meus [breve pausa] sete, oito anos. Eu já olhava pra [sic] colegas na, sei lá, eu devia tá [sic] ali pela quinta série e eu [breve pausa] assim pela quarta, quinta série, eu não lembro que idade exatamente, mas eu já sabia, eu tipo “Ah ele é bonitinho, por que será que eu acho ele bonitinho?” e graças a luta LGBT eu já tinha uma representatividade pequena na televisão, mesmo que usada mais pro [sic] comico e a internet tinha bastante coisa. Eu tinha o privilégio de poder conhecer o mundo LGBT pela internet.

Questão 8: Eu tive dificuldades de assumir a minha orientação sexual [breve pausa] pelo seguinte: a minha família, mesmo ela sendo bem aberta, ela sendo bem liberal, na minha cabeça eu tinha muito estigma, muito medo de quando eu contasse que eu era homossexual, a minha mãe, a minha tia e a minha vó, que eram com quem eu morava, iam dizer “Pega tuas roupas, pega tuas coisas, faz uma malinha e sai da nossa casa”. Mesmo elas nunca tendo demonstrado nenhuma fala, nenhum trejeito [breve pausa] preconceituoso, homofóbico, nem nada, nem na minha família, o medo dentro de mim existia. Eu sabia que existia esse medo. Eu fazia por outras razões terapia e eu decidi falar numa sessão de terapia porque eu senti que era um ambiente seguro.

Questão 9: Eu pessoalmente nunca omiti minha orientação sexual, eu nunca precisei falar ela porque eu sou bem visivelmente homossexual, eu sou feminino, eu tenho trejeitos na hora de falar, eu tenho trejeitos com o corpo e eu não tenho vergonha, então sempre fui bem [breve

pausa] “Cheguei”, como as pessoas dizem. Então, se me perguntassem “Ah você é?”, porque teve pessoas que foram grandes amigas minhas e a amizade começou com elas perguntando se eu era [homossexual] e eu dizia “Sim, sou!”, mas assim oh, muitos casos ficava assim “Ah que legal” [reproduziu a fala da pessoa com entusiasmo], ainda mais quando eram pessoas mais jovens, mas eu nunca omiti ou fingi ser heterossexual no ambiente de trabalho.

Questão 10: Sim, eu já me senti excluído e já senti que estava sendo julgado, especialmente nesse trabalho que eu falei como instrutor, porque me diziam que a imagem não era profissional e os trejeitos, que a forma de agir não era, como eu disse profissional, então eu senti que queriam mudar quem eu era, que [longa pausa], mais em relação ao meu comportamento.

Questão 11: Eu lembro de alguns casos no ambiente de trabalho. Eu trabalhei algum tempo na própria faculdade e fiz uns semestres de Direito e na época eu sempre gostei de usar maquiagem, simplesmente pra [sic] sair. Eu gostava de me arrumar e passar maquiagem e teve uma pessoa que se considerava minha amiga e chegou e botou a mão em mim e falou “Ah! Eu não consigo me acostumar contigo usando maquiagem”. Eu ouvi várias vezes que não conseguiria ser advogado tendo cabelo colorido, usando maquiagem, sendo homem e usando maquiagem [breve pausa]. Eu ouvi outras coisas do gênero “Homem não pode usar maquiagem”. Em outro local de trabalho eu sofria algo bem forte onde a primeira escola que eu trabalhei, um mestre chegou pra [sic] mim e eu estava conversando com ele sobre, eu queria trocar a minha cor de cabelo, eu queria botar uma cor colorida no meu cabelo e ele disse que eu seria uma “bicha pão com ovo” se eu fizesse isso. Não sei se ele sabia que o termo significava, na cultura LGBT, uma “bicha pobre” [breve pausa], mas de qualquer forma foi muito ofensivo e ele aproveitou, ele continuou e disse que duas amigas minhas não eram mulheres por ter cabelo coloridos, elas eram meninas. E esse mesmo mestre, tanto por ele mesmo quanto por outras pessoas, que quando chamavam ele de homofóbico, várias pessoas chamaram, ele usava como argumento que ele não podia ser homofóbico porque ele me tinha como amigo, então ele me usava como escudo pra [sic] homofobia dele. [Breve pausa] Como eu disse, eu sofri nesse local de tipo “Não é assim que se age, isso não é jeito de agir”, mas nos casos de preconceitos que eu lembro foram esses.

Questão 12: Sim e eu me sentia muito mal, me sentia impotente porque, como a minha posição era muito inferior, eu não podia falar nada e não tinha nem pra [sic] quem falar, então foi uma sensação muito ruim.

Questão 13: Nós temos que modificar quem a gente é pra [sic] poder trabalhar porque, por exemplo, sou uma pessoa que gosto de usar maquiagem, gosto de ter cabelo colorido, gosto de ser mais feminino, mas como eu sou visto como um homem, eu preciso, quando eu tô [sic] no trabalho, tirar o meu lado feminino pra [sic] ser o que a empresa quer, seguir uma regra, sabe? Mas uma regra que eu não quero seguir, eu quero ser eu de verdade.

Entrevistado: António Serzedelo

Questão 7: Foi muito cedo eu já percebia. Quando eu era criança assim, tipo, 9, 10 anos eu sentia, já percebia que eu me sentia atraído pelos meninos, né [sic]? E eu sabia que isso era mais ou menos errado, pensando no que tá [sic] normatizado, então mais ou menos nessa idade aí. Aí sempre se desenvolveu meio que como uma ideia de culpa. Me privei de várias coisas e por muito tempo tentei esconder isso.

Questão 8: A minha família é uma família de tios, primos, todos muito preconceituosos. Eu sempre ouvi falas, que são falas assim que são pros [sic] outros, mas de alguma maneira te colocam dentro da norma, sabe? Então, aquilo me, por exemplo, o povo falando mal de gays, o povo ridicularizando, meus tios, meus primos e aquilo fazia com que daqui a pouco eu não quisesse ser daquela maneira ou quisesse que eu fosse visto daquela maneira. Então, pra [sic] mim foi bem ruim assim, eu sempre ouvi comentários negativos, numa família preconceituosa, da cidade de Novo Hamburgo, isso foi bem complicado pra [sic] mim. Eu não me sentia aceito pelos meus primos, não me sentia aceito no colégio, né [sic]? Aí eu sempre fiquei a par dos outros. Se eu for olhar até os meus 20 anos, olhar pra [sic] trás, eu não tenho uma relação de amizade ou que eu carregue como uma relação legítima, toda foram relações que não persistiram ao tempo, né [sic]? Porque eu não era exatamente quem de fato eu sou. [Breve pausa] Então, eu tive a dificuldade da minha família, tive a dificuldade do meu pai, o meu pai era um pouco agressivo até, então era um pouco difícil de se posicionar pra [sic] ele.

Então eu, por muito tempo, acho que fui assumir de fato assim pra [sic] minha família ou pras [sic] pessoas que era gay ali pelos 20, 21 anos, né [sic]? Então, até ali, eu vivi algumas mentiras, né [sic]? [Breve pausa] Depois dos 20 anos eu comecei a ir em balada gay e coisas nesse sentido. Pra [sic] ti ver como algumas coisas marcam a gente e o julgamento das pessoas marcam a gente, nas festas gays, então tinha muito gay [risos] e eu chegava lá e via grupos de caras me olhando, né [sic]? Aquilo me dava uma sensação ruim porque eu lembrava de todo o processo de julgamento que eu sempre tive na escola, na família, na praia, na casa dos meus amigos, dos amigos dos meus primos, então isso era meio sinistro assim. Tanto que eu levei tempos pra [sic] me soltar numa balada gay porque eu me sentia dentro do processo de julgamento. Hoje eu me considero uma pessoa muito bem resolvida, então eu falo sobre isso abertamente com quem for necessário, mas eventualmente quando alguém pega assim, eu caio assim numa situação onde eu tô [sic] com alguém e esse alguém vê a aliança no meu dedo e “Ah não sei o quê, a tua esposa”, aquilo me deixa por alguns segundos meio paralisado ainda, né [sic]? Como eu vou responder aquilo? E aí eu levo segundos pensando como vou responder aquilo e segundos até eu constatar que tenho que responder “Ah não, não tenho esposa, eu tenho esposo” e tal. É uma coisa assim que fica tão enraizado na gente, mesmo depois de tudo tão resolvido na nossa cabeça, ainda derrapa, sabe?

Questão 9: No ambiente de trabalho com certeza. Eu trabalhei 12 anos numa universidade católica e aí por mais que com o tempo as pessoas iam sabendo, nunca falei abertamente com quem não era meu amigo dentro do ambiente de trabalho porque não tinha uma relação próxima, né [sic]? E sentia que era difícil assim me expor muito mais. Eventualmente, depois que eu comecei a namorar, meu namorado na época começou, aí eventualmente, mas nunca me senti totalmente à vontade dentro do ambiente de trabalho daquela época. Quando eu saí da universidade, que é a [nome da universidade omitido], aí fui morar um tempo fora e voltei, aí eu voltei assim pensando que sempre tentaria me posicionar e deixar claro quem eu era, né [sic]? Na [nome da universidade omitido] eu buscava muito ascensão profissional, então eu queria crescer, e eu sentia que pra [sic] crescer eu não podia ser abertamente quem eu sou, ou seja, eu não podia ser gay. [Breve pausa] Olha, ao longo desses 20 anos de trajetória profissional, eu vivi fases, né [sic]? Eu já tive que falar, por exemplo, “O que você fez no final de semana?” e eu ter saído e ficado com um cara, mas eu falava tudo isso, mas sempre

trazendo “Eu saí com uma guria” ou “Tô [*sic*] começando a ficar com uma guria”, então por muito tempo eu fingi, depois eu omitia, até que depois eu me sentia à vontade de comentar com as pessoas.

Questão 10: Não só me senti sendo julgado como eu já ouvi muita piada e aí, em determinado momento, ali pelos 23, 24 anos, foi na época do meu primeiro namoro, quando os comentários surgiram, eu comecei a confrontar. Teve uma vez, no banheiro, na universidade onde eu trabalhava, a gente ia no banheiro pra [*sic*] escovar os dentes e aí os guris estavam lá, e eu escovando os dentes bem de boa assim, eu tentava evitar o conflito e aí um guri pegou e mostrou “Oh [nome do entrevistado], o que que tu acha disso aqui? Tá [*sic*] do tamanho que tu gosta?” [representou ao mostrar o porta escova de dente], e era um período assim, eu nunca tinha dado muita intimidade e era um daqueles porta escova de dentes, que tu coloca a escova de dentes dentro, aí fica no formato ali maior. Aí eu olhei e disse assim “Os de plástico eu deixo pra [*sic*] ti que é enrustido e gosta de provocar e eu não tenho vergonha do que eu sou”, foi uma resposta bem chula, mas pra [*sic*] tentar que aquilo não se repetisse. Todo mundo ficou constrangido, todos riram quando o cara falou e ficaram constrangidos quando eu respondi. Aí pelos menos na minha frente eu nunca mais ouvi, então teve um momento que eu precisei ser meio que confrontivo [*sic*], acho que é essa a palavra, confrontar a situação pra [*sic*] que ela não se repetisse, né [*sic*]? E depois o respeito passou a ser, de certa forma, meio que natural assim, mas por que eu me posicionava muito forte e não me coloquei numa posição de vítima, mas infelizmente eventualmente as pessoas não conseguem não se colocar nessa posição, não se sentirem constrangidas ali. Mas nem sempre todo mundo consegue se posicionar nesses momentos de opressão no ambiente de trabalho.

Questão 11: Eu já vivenciei várias, como todo sujeito homossexual, desde de risadas não escancaradas, o povo meio que olhando, até coisas explícitas como a história do cara que mostrou um objeto com conotação sexual ou, até mesmo, pessoas que querem fazer graça pros [*sic*] outros e vêm e tentam se encostar em ti, né [*sic*]? Então, são várias situações, aí tu começa a te posicionar. Tu consegue ir firmando ali uma posição mais séria, não é uma posição mais séria, mas uma posição que tu não tolera a situação. De alguma forma o povo começa a te respeitar, talvez por posições que tu vai ocupando ou por tu também falar de

forma mais enérgica, digamos assim, e isso vai diminuindo. Hoje eu me sinto muito à vontade assim e não percebo assim na universidade que eu trabalho, não vivenciei isso [breve pausa], mas no emprego que eu fiquei 12 anos, que foi na [nome da universidade omitido], eu vivenciei isso ao longo desses 12 anos.

Questão 12: Sim, as pessoas comentam, elas tentam hierarquizar o fato de tu ser gay e tal, te colocar numa posição inferior. Eu acho que o problema é quando o cara é muito afeminado, aí ele vai ter relação com trejeitos mais femininos, né [sic]? Alguns trejeitos eu tenho, outros eu não tenho. Então, às vezes, eu sou um pouco grosseiro, a grosseria é relacionada ao masculino, mas tu percebe que os caras veem nos sujeitos gays traços femininos, parece que quanto mais traços femininos eles têm, mais embaixo da hierarquia os gays são colocados. Aí esse é um comentário preconceituoso que eu já ouvi, eles nem percebem que estão fazendo, mas que já ouvi no dia a dia quando alguém vem te dizer exatamente isso “Ah não! Mas o problema é se a pessoa é muito afeminada”, aí isso me incomoda muito, eu sempre me posiciono, no sentido de que não tem problema nenhum e principalmente essa questão, né [sic]? A gente vê de uma sociedade hierarquizada por gênero, onde as pessoas, os homens, se acham superiores, de alguma forma, a todos. Provavelmente por eles terem posições de poder que fazem com que eles se sintam superiores a todos os gêneros. Aí essa ideia da superioridade do masculino sobre o homossexual, tu percebe nas características femininas que são percebidas nos sujeitos gays, e aí quanto mais características femininas eles têm mais eles são considerados inferiores aos gays que talvez tenham características mais masculinas, né [sic]?

Questão 13: Olha, eu trouxe pra [sic] você, situações explícitas que aconteceram, mas é importante que fique claro que os processos de discriminação e preconceitos vão se manifestar de maneiras bastante sutis e silenciosas dentro das organizações. Eu trouxe questões relacionadas ao comportamento, mas quando tu olha pras [sic] instituições e tu vê, assim, homens com características bem masculinas e com perfil hétero [heterossexual] na cúpula da gestão, tu percebe elementos discriminatórios. Por que os gays ou as mulheres lésbicas não adentram esses espaços? Pra [sic] mim a resposta mais clara é que são espaços discriminatórios, mas que de alguma forma tão [sic] moldando a sociedade. Por todas as

instituições pelas quais eu passei, é possível perceber que há barreiras invisíveis que impedem que as mulheres e, nós gays, acessem ou adentrem a alguns níveis da organização. Isso não vai ser uma classificação por mérito, o povo gosta muito de falar por mérito na sociedade. Vai ser uma classificação de forma discriminatória e é isso que eu percebo que todas se moldam ainda pelos processos discriminatórios relacionados a gays, relacionados a mulheres e outros grupos tidos como minoritários, pelos menos, politicamente são grupos minoritários.

Entrevistado: Carlos Jaúregui

Questão 7: Foi mais ou menos aos 16 anos, eu estava no segundo ano do ensino médio.

Questão 8: Sobre as dificuldades de assumir a orientação sexual socialmente, eu tive algumas nos dois primeiros anos, principalmente com os meus amigos heterossexuais e parte da família. Eu diria que isso talvez esteja vinculado a uma questão de independência e segurança assim, no sentido de maturidade adulta mesmo. Acho que levou esse tempo pra [sic] eu tomar coragem de me assumir como um todo.

Questão 9: Eu já omiti algumas vezes, principalmente no início, assim, da minha carreira profissional. Foi mais ou menos um ano, um e pouco depois de eu me assumir porque eu tinha medo, eu achava que haveria um julgamento ou uma forma diferente de ser tratado ou visto no ambiente de trabalho, mas nunca fingi ser heterossexual.

Questão 10: Eu nunca me senti excluído no meu ambiente de trabalho por ser homossexual, mas eventualmente eu já me senti julgado por ter um medo de represália, talvez essa questão de mudança de comportamento, mas acho que talvez, antes disso, tenha sido mais uma questão de julgamento da minha competência por ser homossexual do que, de fato, uma questão pessoal. Eu acho que meu medo era esse e tive impressão do comportamento das pessoas em relação a isso pontualmente assim, de elas misturarem essas duas questões.

Questão 11: Quanto a identificar episódios de preconceitos no ambiente de trabalho, eu não lembro assim de uma situação específica que tenha me marcado. De uma forma geral, eu

acho que sempre me senti respeitado assim, mas olhares, eventualmente alguma risadinha ou talvez uma falta de validação da pessoa num primeiro momento com a minha autoridade ou com a minha capacidade, já aconteceu, mas eu acho que também por eu ser visualmente um pouco mais heteronormativo talvez, isso se reduza bastante. Então, não lembro em nenhuma situação em específico, mas pequenas coisas veladas, principalmente no primeiro momento quando a pessoa ainda não me conhece no ambiente de obra principalmente, que é um ambiente um pouquinho mais hostil nesse sentido, por só ter homens, com certeza já aconteceu.

Questão 12: Eu já ouvi piadas e brincadeiras, não direcionadas a mim, nem a outro homossexual, mas normalmente direcionadas a homens heterossexuais com algum comportamento ou atitude que no momento tenham sido consideradas delicadas, femininas, seja lá o que tenha passado na cabeça de quem fez a piada. E daí, nessas situações, como são coisas intrínsecas da sociedade machista assim, eu normalmente me sinto incomodado. Eventualmente eu dou alguma resposta, faço algum comentário irônico ou fico quieto porque acho que nem valha a pena assim trazer, mas uma única vez eu ouvi com relação a um outro colega, um comentário um pouco maldoso e eu confrontei, questionei o que que incomodava a pessoa, mas foram essas as situações.

Questão 13: Acho que devo ter falado tudo que lembro [risos].

Entrevistado: Boris Dittrich

Questão 7: Desde criança eu sabia que não gostava de meninas e depois só fui descobrindo o nome das coisas, mas então desde sempre eu sei que sou gay.

Questão 8: Eu tive dificuldades, não de assumir, mas de verbalizar pros [*sic*] meus pais porque minha família é evangélica, meus pais são pastores. Então na adolescência, com 13 anos, eu já comecei a contar, a contar pros [*sic*] meus irmãos e daí de resto foi natural.

Questão 9: Eu já omiti muitas vezes porque nesse ambiente corporativo é um ambiente muito homofóbico e machista, aí eu precisava, entre aspas, não revelar quem eu era pra [sic] poder ser visto pra [sic] ganhar uma promoção, por exemplo. Essa omissão me trazia uma angústia porque eu tava [sic] vivendo uma vida dupla, uma vida, como eu posso dizer, uma vida de atuação, parecia que tava [sic] [preso] dentro de mim mesmo. Não que eu quisesse sair gritando na empresa “Pessoal, sou gay!”, mas sentia uma angústia por ver colegas falando de suas vidas pessoais e eu tentando fugir do assunto pra [sic] não assumir e acabar virando o alvo de algo preconceituoso e cruel. Isso é triste.

Questão 10: Sim [deu ênfase], a minha penúltima experiência profissional, no [nome da empresa omitido], eu lembro que, o gerente, eles costumavam fazer *happy hour* só que eles nunca me chamaram [risos] porque eu era gay e não era muito alinhado com os interesses deles.

Questão 11: Sim, minha penúltima experiência profissional no [nome da empresa omitido], eu tenho plena certeza que fui mandado embora por ser gay porque [breve pausa] do setor eu era o único gerente que era gay assumido e os demais gerentes eram héteros [heterossexuais] declarados e toda vez que ele entrava em contato comigo, seja numa reunião gerencial seja numa visita técnica ele verbalizava que não gostava de gay e que se um gay, um dia, desse em cima dele ele iria bater. Depois de três meses que ele assumiu o setor onde eu trabalhava, ele me mandou embora sem justificativa nenhuma.

Questão 12: Milhões de vezes, ainda mais nesse ambientes onde, ambientes gerenciais corporativos onde predominantemente há a presença de homens, o tempo todo ouvi chacota e piada com questões relacionadas a misoginia ou homofobia. Sempre aquela coisa de tentar diminuir o outro comparando ele a um gay. O tempo todo aquele negócio de achar que ser gay é pejorativo.

Questão 13: Sim, a grande questão da homofobia no ambiente corporativo é que ela é uma ação muito subliminar mesmo, né [sic]? Os homofóbicos, os misóginos, seja lá quem tá [sic] lá promovendo o preconceito, ele não vai xingar, ele vai brigar com o gay ou assassinar um

gay, ele simplesmente, se ele tiver numa posição de contratar, ele não vai contratar um gay, se ele tiver na posição de promover, ele não vai promover um gay, e ele sempre vai dificultar a ascensão desse gay no ambiente corporativo. Então, é muito difícil você provar que foi demitido por uma questão de homofobia porque não tem como gravar seu chefe sendo homofóbico, você não tem como provar que a decisão que ele tomou não é baseada em números, mas sim em questões homofóbicas, mas provar é muito difícil, você tem que ter testemunha, juntar papelada. É muito complicado você provar homofobia quando ela é estrutural e caracterizada de uma maneira tão subliminar. Acho que é por aí.

Entrevistado: Massimo Consoli

Questão 7: Desde que eu me entendo por gente, desde pequeno. Eu já tinha atrações por pessoas do mesmo sexo.

Questão 8: Sim, tive dificuldades porque sempre vivi numa família cristã e no meio onde eu trabalho, o machismo era muito acentuado, muito forte, então realmente foi um tanto difícil.

Questão 9: Quem vir me perguntar, e tiver coragem de perguntar, eu falo, mas eu não a necessidade de expor nada. Quem desconfia, fala por trás e por mim não me importa, entendeu? Hoje em dia eu vivo bem tranquilo a respeito disso. Se tiver que falar eu falo, senão não precisar, beleza, mas na profissão eu não tenho problemas não, então eu não finjo, eu apenas não falo.

Questão 10: Sim, já me senti excluído. Por exemplo, quando os caras conversavam sobre garotas no meu trabalho, eu ficava quieto, não conversava. Eu preferia não opinar em nada, não por medo, mas por não querer me expor, pra [sic] não dar margem para julgamentos.

Questão 11: Sim, já sofri preconceito [breve pausa] verbal, mas o cara não se mostrou pra [sic] mim, ele só gritava dentro de um alojamento que eu tava [sic] passando na frente da companhia, mas eu não identifiquei quem era, mas eu não deixei me abater não, fiz como não tivesse ouvido, nem fui procurar recorrer, entendeu?

Questão 12: Piadas homofóbicas, isso aí eu escuto todo dia, mas sinceramente hoje em dia eu já acho normal, não me afeta, até porque quem sabe, eu acho que sei, se eu ouço falar, entra num ouvido e sai no outro. Isso é tão corriqueiro no dia a dia que pra [sic] mim já passa despercebido. Já, digamos assim, já calejou. Não me afeta nada esse tipo de piada não.

Questão 13: Então, acho não. Só parabéns por essa pesquisa.

Entrevistado: Arsham Parsi

Questão 7: Olha, pelo o que eu me lembro, eu me descobri na adolescência, quando eu comecei a ver que eu não tinha atração por meninas e sim por meninos. Foi na época do colégio, eu vi que realmente era de homem, de meninos que eu gostava.

Questão 8: Então, no caso da minha família eu tive dificuldade mais no início em me assumir, mas hoje em dia já é tranquilo, eles já sabem e já me respeitam e entendem a minha homossexualidade. [Interrupção do entrevistador] Então, no trabalho eu tenho dificuldade até hoje, por isso eu nunca me assumi porque no meu trabalho tem muitos homens, eu só trabalho com homens e por eles terem um comportamento mais machista e fazer muitos comentários preconceituosos, muitas vezes, eu já ter participado de alguns comentários desse tipo, eu nunca me senti à vontade pra [sic] tocar nesse assunto. Então, eu nunca me assumi na empresa onde eu trabalho, no meu trabalho, pra [sic] não ser alvo de discriminação.

Questão 9: Então, eu já omiti e omito a minha orientação sexual, a minha homossexualidade até hoje no meu trabalho porque eu tenho receio de ser alvo de piadas ou ser alvo de algum tipo de comentário preconceituoso porque, por eu conhecer os meus colegas de trabalho e saber que eles são machistas e extremamente preconceituosos, tenho medo de sofrer esse tipo de situação até hoje. E também acabar perdendo o emprego por causa de eu ser gay [fez pausa longa]. E eu já fingi ser hétero [heterossexual], na verdade, me fizeram fingir por conta de um colega de trabalho, numa ocasião, numa roda de conversa, ter me pressionado a fazer um comentário, enfim, me perguntando se eu não tinha namorada ou coisa do tipo e eu fui obrigado a dizer que tava [sic] saindo com uma menina, enfim, só pra [sic] não ficar fora da

conversa e também porque eu não queria que eles soubessem que eu era, que sou gay, por esses preconceitos que eles pudessem fazer, enfim. Por algum preconceito que eu pudesse sofrer. [Interrupção do entrevistador] Eu até hoje sinto que eu não sou eu mesmo no meu trabalho, muitas vezes eu sinto que tô [sic] fazendo um personagem, porque eu não me sinto confortável o suficiente pra [sic] falar da minha sexualidade, não que seja algo que tenha que falar pras [sic] pessoas, mas, com certeza, eu me sentiria bem mais confortável se eu pudesse simplesmente ser eu mesmo, me comportar como uma pessoa normal que eu sou e falar coisas normais com meus colegas sem que minha sexualidade fosse o assunto principal da conversa sempre. [Interrupção do entrevistador] Sinto muita angústia, primeiro porque, como qualquer pessoa, quero ser tratado normal e porque eu, com certeza, acho que eu me sentiria bem mais feliz no meu trabalho sendo quem eu sou de verdade.

Questão 10: Então, teve uma vez que eu me senti bem mal, na verdade, era uma segunda-feira, e normalmente no final de semana meus colegas de trabalho gostam de contar o que que fizeram e eles estavam comentando, enfim, que eles tinham saído, ficado com algumas mulheres porque a maioria é solteiro e eu me senti bem deslocado, me senti excluído da conversa porque, além de eu ser gay, e não ficar com mulheres, o assunto acaba gerando sempre em torno disso, de quantas mulheres pegaram, enfim, e fez com que, enfim, eu não conseguisse desenvolver nenhum tipo de assunto. Eu fiquei bem mal, me senti bem excluído da conversa. E quanto a ser julgado, eu nunca me senti julgado, na verdade, porque como eu sou uma pessoa mais discreta, um gay mais discreto eu acredito que isso faz com que eu não seja tão julgado assim, porque apesar de eles fazerem bastante comentários preconceituosos, como eu não aparento, né [sic]? Não aparento porque eu não sou afeminado eu acabo não me sentindo tão julgado.

Questão 11: Bom [ficou pensativo], pelo o que eu lembro teve uma situação que aconteceu, que foi quando eu tava [sic] entrando na empresa que eu trabalho, tava [sic] chegando pra [sic] trabalhar e tinha um colega de trabalho que ele tava [sic] próximo da porta e eu acabei entrando e esbarrando nele sem querer e pegou, enfim, nas costas ou na bunda, algo assim, e um outro colega de trabalho que tava [sic] perto viu, eu até pedi desculpas pra [sic] ele por ter esbarrado nele sem querer, mas o outro colega que [sic] perto e acabou vendo ficou pegando

no meu pé porque disse que eu tava [sic] passando a mão no cara. Isso me marcou bastante porque foi uma situação normal, em que eu esbarrei numa pessoa, não aconteceu nada de mais, até o cara na hora aceitou as desculpas numa boa e esse outro colega ficou falando disso o dia inteiro e eu fiquei bem chateado, e até um pouco irritado com a situação porque ele ficava falando que eu tava [sic] passando a mão no outro cara, enfim, ele ria, fazia um ar de deboche, debochando e isso me deixou muito triste porque, por mais que ele não soubesse que eu era gay, não dava o direito de ele me tratar assim. Foi um episódio que me marcou bastante porque eu fiquei bem irritado e acabei não prestando mais o resto do dia. Acabei ficando chateado o dia inteiro por causa dessa situação que aconteceu. [Longa pausa] Aí outra situação que aconteceu, que eu lembrei agora, foi uma situação em que eu fui trabalhar, fui trabalhar normal, e eu tava [sic] no dia, eu tava [sic] bem angustiado, tava [sic] com uns problemas pessoais que, agora não me lembro ao certo o que que era, mas acabou que eu tava [sic] tão chateado e angustiado que eu acabei chorando no trabalho, enfim, por conta dos problemas que eu tava [sic] tendo em casa, eu acabei chorando sem querer [breve pausa], eu tentei disfarçar o máximo que eu conseguia, mas um outro colega, na ocasião, viu eu chorando e ficou falando, em vez de perguntar o porquê de que eu tava [sic] chorando, começou a me chamar de “mulherzinha” e disse que “Homem que é homem não chora”, começou a fazer uns comentários assim preconceituosos que não precisava, sabe? Porque eu só tava [sic] chateado e ia passar, e acabou que eu fiquei pior do que eu já tava [sic] naquele dia por esse comentário e, enfim, ficou falando que eu era “mulherzinha”, coisas do tipo só pelo fato de eu tá [sic] chorando. Achei horrível isso.

Questão 12: Então, teve uma vez que eu ouvi um comentário, na verdade, foi uma pessoa que ligou pro [sic] meu trabalho solicitando um orçamento e um colega de trabalho atendeu o telefone e quando ele tava [sic] conversando com a pessoa, enfim, ele pegou alguns dados pra [sic] poder enviar o orçamento e, no final da ligação, quando a pessoa foi passar o nome dela ele viu que era um homem. Eu não sei se a pessoa do outro lado tinha a voz afeminada ou alguma coisa assim ou parecia ser uma mulher porque, no final da ligação, quando ele desligou, ele começou a rir muito e como tava [sic] só eu e ele na sala, ele começou a fazer um comentário pra [sic] mim dizendo que aquele cara tinha uma voz de mulher e começou a fazer deboche e tinha voz de “viadinho” e isso me deixou bastante constrangido porque, em

nenhum momento, eu tive vontade de rir, daí eu eu fiquei meio sem reação, sem saber o que fazer. Eu tive que inventar uma desculpa pra [sic] poder sair daquela sala porque eu não tava [sic] me sentindo confortável. Eu acabei saindo, falei que tinha umas coisas pra [sic] resolver, tava [sic] com pressa, mas aquilo me fez pensar o resto do dia [breve pausa], me fez pensar naquela ocasião, enfim, naquele preconceito mesmo, né [sic]? A forma como ele falou, que eu achei, foi bem ridícula, não gostei, ainda mais por eu ser gay. Me senti bem constrangido porque eu fiquei pensando se fosse eu do outro lado do telefone? Como eu me sentiria? E daí acabou que eu fiquei pensando, naquele dia, em várias formas de poder confrontar ele sobre esses comentários, mas eu não consegui, era como se eu tivesse um bloqueio mesmo de conseguir tocar naquele assunto.

Questão 13: Sim, eu vou aproveitar e falar o quanto eu fico incomodado com o fato de por muitas vezes, muitos desses preconceitos que eu acabei falando, que aconteceram, eu fiquei com vontade de argumentar com os colegas de trabalho e realmente falar que eles estavam errados e dizer que aquilo, apesar de não ser uma agressão física pra um [sic] gay, pra [sic] uma pessoa homossexual, ainda assim dói tanto quanto, né [sic]? E que aquele tipo de comportamento, em algum momento, ia acabar atingindo uma pessoa, não só dessa forma, acaba que a gente considera sendo uma coisa leve porque não tem agressão física, mas machuca igual. A gente mesmo, os gays, não entendem o porquê que incomoda tanto o outro a gente ser ou não gay, a gente ser homossexual. E isso me incomoda muito porque, por muitas vezes eu queria argumentar e não consegui, não consegui dizer a minha real opinião sobre essas situações que aconteceram. E isso tem me incomodado e inclusive eu acho muito válido esse tema do trabalho de vocês porque eu acho que, cada vez mais, a gente tem que discutir esse tipo de assunto pra [sic] que as pessoas saibam o quanto machuca, não só o que elas fazem, mas tem o que elas falam.

ANEXO I - História dos Ativistas

Luiz Mott

Luiz Roberto de Barros Mott nasceu em São Paulo, em 1946. Formou-se em Ciências Sociais pela USP. Possui mestrado em Etnologia em Sorbonne e doutorado em Antropologia, pela Unicamp. Atualmente é professor titular aposentado do Departamento de Antropologia da Universidade Federal da Bahia, UFBA e é professor e orientador do programa de pós-graduação em História da Universidade Federal da Bahia, UFBA. É fundador do Grupo Gay da Bahia, uma das principais instituições que laboram em prol dos direitos humanos dos LGBTs no Brasil.

Harvey Milk

Harvey Milk became one of the first openly gay officials in the United States in 1977 when he was elected to the San Francisco Board of Supervisors. Tragically, he was killed the following year. Who Was Harvey Milk? Gay rights activist and community leader Harvey Milk made history when he became one of the first openly gay officials in the United States in 1977 when he was elected to San Francisco's Board of Supervisors. He was tragically shot and killed the following year, and numerous books and films have been made about his life.

Karl Ulrichs

Ulrichs é considerado por alguns como o pioneiro do movimento gay moderno e a primeira pessoa a “sair do armário” publicamente. Na verdade, Volkmar Sigshush, um estudioso alemão de ciências sexuais, o descreveu como “o pioneiro mais decisivo e influente da emancipação homossexual na história do mundo”. Ulrichs foi juiz na Alemanha, mas foi forçado a se aposentar em 1853, depois que um colega descobriu que ele era gay. Depois de se aposentar, ele se tornou um ativista dos direitos gays. Ele escreveu panfletos sobre ser gay na Alemanha e, em 29 de agosto de 1867, Ulrichs se pronunciou em Munique no Congresso dos Juristas para exigir direitos iguais para todas as sexualidades.

Simon Nkoli

Simon Nkoli é visto por muitos como o herói central da luta dos gays e lésbicas na África do Sul. Ele era ativista antiapartheid, dos direitos gays e do HIV/AIDS, que fundou a *Gay and Lesbian Organisation of the Witwatersrand* (GLOW). Em 1990, Nkoli e GLOW organizaram a primeira marcha do orgulho em Johannesburg. Eles também tiveram um papel importante em convencer o *African National Congress*, partido político líder da África do Sul, a reconhecer os direitos dos gays e lésbicas no país. Cinco anos depois, Nkoli declarou seu status HIV positivo e começou a trabalhar para desestigmatizar o HIV/AIDS.

Ifti Nasim

Ifti Nasim era um poeta paquistanês gay que se mudou para os Estados Unidos para evitar a perseguição devido à sua sexualidade. Sua coleção de poemas, *Narman*, é considerado o primeiro livro de tema gay da poesia escrito e publicado em urdu. Ele também fundou a SANGAT/Chicago, uma organização que dava apoio à comunidade LGBTQ do sul da Ásia. Nasim foi honrado em 1966, sendo incluído no Corredor da Fama LGBTQ de Chicago.

Nikolay Alexeyev

Jornalista, advogado e ativista, Nikolay Alexeyev (também escrito Alekseyev, Alekseev ou Alexeev) é fundador e organizador da parada LGBT de Moscou, que todos os anos enfrenta problemas com o governo, a polícia e protestos homofóbicos. Participante de várias organizações LGBT, Alexeyev é também vice-presidente do Comitê do Dia Internacional contra a Homofobia e a Transfobia. Ao longo dos anos, vem tentando organizar eventos e reuniões públicas para as minorias sexuais em seu país, pelas quais já foi preso seis vezes. Também vem batalhando contra a homofobia e por mudanças na legislação vigente, que, entre outras coisas, proíbe os homossexuais de doarem sangue e de se casarem.

Rodney Croome

Rodney Croome é atual diretor nacional do *Australian Marriage Equality*, uma organização que luta pelo casamento homossexual na Austrália, onde atualmente somente a união civil é legalizada. Além disso, Croome é porta-voz do *Tasmanian Gay and Lesbian Right Group* (grupo pelos direitos de gays e lésbicas da Tasmânia) e um dos fundadores da *Australian Coalition for Equality* (união australiana por igualdade). Entre as várias ações das quais fez parte para conscientização e combate à homofobia, destaca-se a bem-sucedida campanha que liderou para descriminalizar a homossexualidade na Tasmânia, a qual era proibida por lei até Maio de 1997 e passível de ser punida com até 25 anos de prisão.

António Serzedelo

António José Serzedelo Silva Marques (Lisboa, 15 de Maio de 1945) é um ativista, radialista, jornalista, político, ator e acadêmico português. É o mais antigo ativista da causa LGBT em Portugal (desde Maio de 1974). Foi autor do primeiro manifesto da causa LGBT em Portugal, "Liberdade para as Minorias Sexuais". Foi fundador da Opus Gay, do qual é atualmente presidente. Fundou e dirige o programa de rádio Vidas Alternativas.

Carlos Jáuregui

Carlos Jáuregui (22 de setembro de 1957 - 20 de agosto de 1996) foi um ativista dos direitos LGBT argentino. Ele fundou *La Comunidad Homosexual Argentina* (CHA, ou Comunidade Homossexual Argentina) em 1984. No início dos anos 1990, ele fundou *Gays por los Derechos Civiles* (Gays DC, ou Gays for Civil Rights) e organizou a primeira marcha do Orgulho em Buenos Aires. Ele morreu de uma doença relacionada ao HIV-AIDS aos 38 anos. Em memorial, um dia nacional de ativismo pela diversidade sexual foi estabelecido. Recebeu postumamente o Prêmio Felipa de Souza e, em 2017, uma estação foi rebatizada em sua homenagem no Metrô de Buenos Aires.

Boris Dittrich

Boris Dittrich foi o primeiro membro assumidamente gay do parlamento que se concentrou nos direitos LGBT - Evelien Eshuis (parte comunista holandesa) sendo a primeira parlamentar assumidamente lésbica a trabalhar pelos direitos LGBT na década de 1980. Em 1994, ele propôs a introdução da igualdade no casamento, para consternação da organização LGBT holandesa COC.

Massimo Consoli

Massimo Consoli ou Luciano Massimo Consoli (12 de dezembro de 1945 - 4 de novembro de 2007) foi um escritor e ativista LGBT italiano, considerado o pai do Movimento Gay Italiano (MGI). O MGI, assim como o Movimento Homossexual Brasileiro e muitos outros movimentos sociais visando direitos civis e humanos igualitários para as pessoas LGBTs no Ocidente, surgiu inspirado na Rebelião de Stonewall que ocorreu nos Estados Unidos em 1969. Além de ativista pioneiro em seu país, ele também foi anarquista e historiador. Viveu por tempo prolongado nos Países Baixos e nos Estados Unidos.

Arsham Parsi

Arsham Parsi é um ativista iraniano em defesa dos homossexuais no Irã, que é diretor-executivo do site *Iranian Railroad for Queer Refugees* (Organização dos Pederastas Iranianos), considerado como umas das maiores líderes de oposição ao regime tirânico islâmico iraniano. Em 2001, iniciou a rede de defesa dos gays por e-mail no Irã, que com passar do tempo cresceu até receber ameaças de ser ativista em 2005, enquanto trabalhava pela defesa da causa.